

**CARTAS PEDAGÓGICAS:
COSTURANDO HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO
DOCENTE EM EJA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS


EDUNI-SUL
ORGANIZAÇÃO DAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS DA REGIÃO SUL

Eliane Renata Steuck
Jara Lourenço da Fontoura
(Organizadoras)

**CARTAS PEDAGÓGICAS:
COSTURANDO HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO
DOCENTE EM EJA**



Rio Grande
2022

© Eliane Renata Steuck e Jara Lourenço da Fontoura

2022

Diagramação da capa: Anael Macedo
Formatação e diagramação: João Balansin
Revisão Ortográfica e Linguística: Liliana Mendes

Ficha Catalográfica

C322 Cartas pedagógicas: costurando histórias na formação docente em EJA
[recurso eletrônico] / organização Eliane Renata Steuck, Jara
Lourenço da Fontoura - Rio Grande: Ed. da FURG, 2022.
150 p. : il. color.

Disponível em: <http://repositorio.furg.br/>
ISBN: 978-65-5754-109-8

1. Pedagogia 2. Formação de Professores 3. Educação de Jovens e
Adultos I. Steuck, Elaine Renata II. Fontoura, Jara Lourenço da

CDU: 371.13

Catálogo na fonte: Bibliotecária Valéria Carosso dos Santos
Mazui CRB 7/6742

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) FURG, pela oportunidade do estágio em docência.

Ao Instituto de Educação da FURG, por permitir a realização do estágio em docência.

Aos educandos e às educandas da disciplina de Educação de Jovens e Adultos da Licenciatura em Geografia da FURG, que participaram das aulas, nas sextas-feiras à noite, após uma semana inteira de trabalho e estudo e, ainda, dedicaram-se a escrever estas Cartas Pedagógicas.

A todas as pessoas que foram convidadas e estiveram presentes nas aulas, que compartilharam seus olhares, saberes e sentires: em muito contribuíram para estas escritas.

Às escolas que oferecem EJA, no município de Rio Grande, que abriram as portas para que os/as acadêmicos(as) da disciplina pudessem acompanhar aulas e desenvolver seus projetos junto aos/às educandos(as).

Sumário

Apresentação / 9

Eliane Renata Steuck; Jara Lourenço da Fontoura

Afetividade / 11

Ronaldo Scala Ritter

Afetividade (2) / 16

Jullyane Goularte Fonseca

Ser Humano / 19

João Nunes da Silva Neto

Paciência / 24

Bruna do Sacramento Duarte

Mudança / 31

Camila Bandeira Pardo

Mundo / 36

Denner Goulart

Tempo / 40

Giovane de Oliveira Bonilha

Mundos / 46

Bruna Coimbra Pedroso

Justiça / 49

Jhoseh Reynaldo Patrício da Silva Guimarães

Aprender / 54

Katia Rekowski Bistrichi

História / 63

Laura Laco

Poesia / 65

Patrick Neves da Rocha

Querer bem / 68

Maria Cristina Chaves Pires

Escutar / 72

Raffael Ottensen Malheiro

Ser Professor / 76

Bianca da Silva Godinho

Emancipação / 79

Nathali Miranda Lemos

Sonho possível / 84

Luiz Carlos Costa Jr

Saber / 88

Nathan Rodrigues Pereira

Educação / 90

Ronaldo Wilson Alves Pereira

Humildade / 97

Vagner Eslabão Bandeira

Indignação / 102

Paulo Marcos Dos Santos Roldão

Práxis / 108

Maryanna Pozenato

Cultura / 113

Ricardo Meyer Mazo

Primeiras palavras / 116

Marco Cesar Dutra

Revolução / 119

Gabriel Peixoto Martins

Ideologia / 127

Juliano Gomes Gonzaga

Comprometimento / 129

Valdoir Guimarães Oliveira Junior

Experiência / 132

Rayssa Silveira da Silva

Educação / 136

Tainan Silveira Farias

Utopia / 141

Mariana dos Santos Passos

Educador / 144

Ronaldo Joel Cozza

Fé (para finalizar com poesia) / 148

Gabriel Germano Porto

Rio Grande, ano de 2019.

Àqueles que aceitarem nosso convite para a leitura,

Este livro reúne Cartas Pedagógicas. Esta frase poderia bastar para apresentar o que está por vir nas próximas páginas, afinal, aos leitores de Paulo Freire, acostumados ao seu estilo de escrita e seu hábito de escrever cartas, seria o suficiente para imaginar. E, talvez, seja de imaginação de que devemos falar para apresentar este livro.

E, talvez, seja de imaginação de que devemos falar para apresentar este livro: Da imaginação de um mundo possível, onde ao **sonho** é permitido encontrar a realidade, e transformá-la, e onde **histórias** de vida encontram espaço para serem **escutadas** e vividas.

As cartas que você vai ler foram escritas na disciplina de Educação de Jovens e Adultos – EJA, por uma turma composta, em sua maioria, de educandos da licenciatura em Geografia e enriquecida por estudantes das Artes e da Química, e foram um exercício de escrita amorosa, sensível e forte durante o estágio em docência de uma das autoras, do Doutorado em Educação Ambiental na FURG – Fundação Universidade do Rio Grande.

Estas escritas, carregadas de esperança, **indignação** e memórias, foram chamadas, inicialmente, de Primeiras Palavras. Parece-nos que este seria um bom nome para o livro, afinal, para muitos, eram as primeiras palavras de Freire que tocariam em profundidade. Mas, ao final de um semestre, aprendemos que aquelas não eram, na verdade, as primeiras. Cada um e cada uma trazia consigo, em seus saberes, muito mais do que aquelas primeiras palavras.

Assim como a colcha de retalhos que forma a imagem de capa deste livro, costuramos estes saberes em encontros

semanais, todas as sextas-feiras à noite. Éramos nós, os passageiros da noite (ARROYO, 2017). Passageiros esses que, muitas vezes, mal conseguiam dar conta do cansaço físico e mental, do sono, da fome, dos pesos das andarilhagens do cotidiano de “ser trabalhadores” e “sonhadores da construção de um MUNDO possível” e melhor para todos(as).

E foram esses **seres humanos** incríveis que conhecemos nas aulas que escreveram as palavras e nos ensinaram a ler seus **mundos**.

E, na alegria de quem se sabe inconcluso, organizamos este livro para que estas cartas cheguem aos seus destinatários. Nas próximas páginas, você encontrará a **poesia** de cada autor e autora, cuja simplicidade das palavras e a **humildade** de se dispor a **aprender** produziram em nós, professoras, um encantamento que operou **mudanças**.

O convite era escolher uma das palavras de Paulo Freire – a quem chamamos de um homem das palavras – e escrever uma Carta Pedagógica. Para alguns, foi o primeiro contato com a obra de Freire e, na **esperança** de que não fosse o único, compartilhamos de momentos de leitura, diálogo e afetos.

Compartilhamos de um **tempo** e isto nos parece o que de mais precioso há: poder dividir nossa existência com alguém e imortalizar pela palavra. É um **querer bem** que promove a **emancipação**, pois se sustenta na boniteza do **ser professor\EDUCADOR**.

As cartas estão endereçadas à educando(a)s e educadore(as)s da EJA, mas seu universo de endereçamento é muito maior. Podem ser lidas por qualquer pessoa que goste de histórias de vida, que tenha gosto pela **amorosidade**, pelo possível que habita em cada vida e que, na admiração, tenha sua morada. Essas cartas são a vivência compartilhada da HUMANA DOCÊNCIA em ação\reflexão.

Com carinho, desejamos que sua leitura seja tão agradável como foi, para nós, conviver com estes futuros educadores e educadoras,

Eliane, a Estagiária, e Jara, a Professora.

Afetividade

Ronaldo Scala Ritter

Olá colega!

Este texto faz parte de uma ação pedagógica de sala de aula realizada no curso de Geografia/Licenciatura da FURG. O texto presente nestas linhas se construiu a partir de algumas palavras escolhidas por nós, educandos do curso de geografia, e citadas na obra e na filosofia de Paulo Freire, um grande educador brasileiro que nasceu em 1921 e nos deixou em 1997.

Freire revolucionou, pela educação, a vida de adultos que desconheciam a própria grafia de seus nomes. E educou outros que mal sabiam escrever e fazer contas. Mas como ele conseguiu isso? Com muito amor, trabalho, inovação, imaginação, empenho, e com um processo educativo e inovador desenvolvido por ele mesmo, em que trabalhava com as “palavras geradoras”. Ele usou este termo para apresentar a grafia das palavras presentes no dia a dia daqueles educandos que eram os próprios trabalhadores rurais e operários da região de Angicos no interior do Rio Grande do Norte, os quais não tiveram, pelos mais diversos motivos, oportunidade de estudar quando jovens. E deu muito certo. Seu método ensinou muita gente no Brasil e no exterior, recebendo muitos títulos de reconhecimento por este trabalho.

Mas antes de estendermos o assunto sobre a palavra escolhida para este texto, deixa eu te contar um pouco de mim. Sou uma pessoa do sexo masculino, com 50 anos de idade. Comecei a trabalhar muito cedo, estudei até o “2º grau”, hoje, ensino médio, no final da década de 80. Era uma época em que se valorizava muito mais o trabalho do que o estudo, principalmente, nas esferas de classes trabalhadoras e pobres.

Casei relativamente cedo e tive uma linda filha alguns anos depois. Então, desisti de estudar lá nos meus 20 anos e me dediquei, apenas, ao trabalho. Sinceramente, sempre senti uma tristeza por ter abandonado os estudos. Eu queria ter continuado para ter um diploma de nível “superior”. Teria muito orgulho disso.

Quando esta mesma filha se inscreveu para o ENEM, 22 anos após eu renunciar aos estudos, também, resolvi me inscrever e acompanhá-la. Quem sabe agora é a hora? E foi! Ingressei na Faculdade com quase 43 anos, em 2012, e conquistei a graduação aos 49. Praticamente, 30 anos após ter desistido de estudar. E, agora, aqui estou! Desta vez, na licenciatura da geografia porque, como disse Paulo Freire: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.”

Também, trabalho de dia e estudo à noite, situação que já dura sete anos, e espero que dure, no mínimo, mais três. Então, meu caro colega da EJA, sim, também sou e, conseqüentemente, sempre seremos “colegas da EJA” porque estamos na mesma condição, talvez, em aprendizados diferentes, mas ambos conhecendo “novos saberes”. Te digo, não desista. Porque vale a pena saber, conhecer e ler sempre mais. O sentido da vida é evoluir, e o marasmo, a zona de conforto e uma vida estática são inimigos da evolução. Estamos sempre aprendendo. O saber é infinito, precioso, e ninguém pode tirá-lo de você.

Feito este breve relato de vida, agora, é melhor voltarmos ao objetivo do texto, mas não sem, antes, te contar que aquela palavra que eu te falei lá no início da carta foi escolhida na sala de aula por mim, de forma proposital, por ela não ter um significado só. Engloba uma série de outras palavras que são “primas” desta. Mas o melhor de tudo é que toda esta família de palavras sinônimas significa apenas coisas boas.

Então, sem mais delongas, a palavra escolhida para debruçar-nos sobre ela é “AFETIVIDADE”. Ela está em um dicionário produzido com algumas das palavras (verbetes) mais significativas do trabalho de Paulo Freire.

Porém, esta palavra, segundo o Dicionário Paulo Freire

de Vecchia (2016, pag. 28), não se encontra em obras de Paulo Freire, inclusive, na primeira edição do dicionário Paulo Freire (2008). Em *Pedagogia da Esperança* (1992), Paulo Freire cita a palavra *afetividade* quando escreve sobre três imigrantes espanhóis que estavam trabalhando na Suíça, em Genebra, e pediram a ele uma entrevista já que ele viveu lá durante o exílio – sim, ele foi exilado pelo governo militar brasileiro que o considerava perigoso para o sistema, já que seu método de educação era inovador e conduzia o trabalhador mais pobre a pensar sobre a sua situação de explorado. Então, continuando... esses trabalhadores espanhóis o visitaram para uma conversa, já que estavam organizando e executando um programa de educação infantil.

Paulo Freire os descreve assim: “Um presente em que a carência do carinho dos seus familiares e sua falta física, minavam sua *afetividade*, suas forças, sua resistência”, referindo-se à situação em que a Suíça lhes ofertava o “presente” da oferta de trabalho, mas, ao mesmo tempo, sobressaía-se um sentimento de insegurança em relação ao futuro.

Por conseguinte, veremos que, em *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996), *afetividade* é apresentada como uma virtude que deve se manifestar sem temor ou embaraço por parte do educador (ou do educando), mas, ao conectá-la com a relação docente-discente, deve-se, ao mesmo tempo, não perder sua autoridade como professor em função dos laços desse sentimento. Importante destacar que esta relação de afeto precisa estar associada a um grupo de aspectos, como o conhecimento científico e/ou técnico para uma boa prática educativa. Reitera-se, então, o anseio da união da *afetividade* com a troca de saberes, porém sem perder o objetivo da proficiência.

Ainda no mesmo livro, mais adiante, Paulo Freire insiste ao definir a prática educativa como tudo isto: *afetividade*, alegria, capacidade científica, e o que ele chama de “domínio técnico a serviço da mudança, ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”, referindo-se, sempre, a uma educação libertadora.

Mas como foi escrito no início deste texto, a palavra *afetividade*, embora não apareça tanto em seus textos, está oculta nas suas “primas” lembra? Aquelas palavras que são muito próximas em relação ao significado da prática do afeto. Amor, compaixão, bem-querer, carinho, compreensão, empatia..., são algumas palavras que estão no mesmo conjunto.

E por falar em amor, veja que bacana o que Paulo Freire escreveu sobre ele em “Educação e Mudança”: “Não há educação sem amor. O amor implica lutar contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.” (Freire, 1979, p.15). Não é à toa que ele foi um grande mestre, não é? Ao ler seus livros, percebemos que a afetividade está enraizada nos seus sentimentos, nos seus saberes e nos seus fazeres.

Um professor, psicólogo e antropólogo chileno chamado Rolando Toro (TORO, 2002, p.90) disse que a afetividade está presente em nós em todas as dimensões do nosso ser e da nossa ação. Penso que, se não está, deveria estar. Você concorda?

Vejo o método de educação de adultos de Paulo Freire não como uma relação de professor e aluno, mas sim como um ser humano que tem saberes relativos, relacionando-se com outro semelhante que tem outros saberes relativos. Uma relação de respeito e afetividade em que há trocas de experiências e conhecimentos em que ambos passam por momentos de aprendizado e de aprendiz.

Pessoalmente, percebo, também, a importância de criar laços entre educandos e educadores porque uma boa qualidade de ensino requer um sentimento de estar confortável no ambiente escolar. Embora exista a dificuldade subjetiva em dar o primeiro passo para atingir este objetivo de quebrar barreiras, é de fundamental importância que alguém o faça. Hoje em dia, já não cabe mais o sistema de autoritarismo na sala de aula. Faz-se necessária uma certa autoridade, mas que procuremos sempre a simpatia, o abraço, a palavra amiga e

conselheira, tanto por parte do educador como por parte do educando; um, na assimilação e o outro, na transmissão do saber, porque, embora ambos possam ter dificuldades nas relações por sua natureza humana, educador e educando se completam.

Fora do campo da educação, o que não quer dizer que a palavra mude seu sentido, considero afetividade como um conjunto de emoções e sentimentos ligados a uma energia positiva e a um bem-querer. Refere-se a sentimentos nobres, amizades e amores. É um sentimento que tem o poder de unir as pessoas, traçando elos e construindo bons ambientes.

Então, meu amigo, para encerrar esta carta, quero te enviar um sincero abraço e um sentimento de desejo de que tenhas muito sucesso em tua vida, baseando sempre as tuas ações nas boas palavras de Freire. Também, quero deixar uma última citação para que carregues sempre contigo: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio.” (FREIRE, 1979, p.16).

Um grande abraço.

Ronaldo Scala Ritter

Afetividade (2)

Jullyane Goularte Fonseca

Rio Grande, ano de 2019.

O que significa o embolado de sentimentos que nos bombardeia a todo momento do dia, ao longo da vida? Seria demonstrado e explicado em uma única palavra, como, por exemplo, afetividade? E qual seria o lado positivo dessa palavra, diga-se de passagem, pequena, porém de significado imenso? E, ao fazer uso desta palavra, idealizamos como nosso grande líder intelectual sente o significado dela, e “Afetividade”, pensado, no contexto de Paulo Freire, significa:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. O afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo. Ele nos dá coragem, motivação, interesse, e contribui para o desenvolvimento do ser. Durante toda a nossa existência, muitos acontecimentos fazem parte da nossa consciência; são as nossas experiências de vida. Essas experiências podem ser agradáveis ou não e é por meio do afeto que aprendemos essas informações. Todas as relações familiares, profissionais ou pessoais são permeadas pela afetividade, em qualquer idade ou nível sociocultural. (Ferreira, 1999, p. 62).

A afetividade está extremamente ligada ao nosso cotidiano, na maneira de nos relacionar com as pessoas no nosso dia a dia. A maneira na qual nós nos relacionamos e

transmitimos os sentimentos vão retratar a forma com que as pessoas lidam com os diversos assuntos que vivenciamos diariamente. Temos, constantemente, a oportunidade de transmitir sentimentos e emoções boas e algo que alivie o peso da sociedade mecânica em que vivemos; palavras que sirvam de apoio e motivação para quem precisa são, talvez, mais necessárias do que nunca.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais programada a seguir um sistema marcado pelo capitalismo, no qual somos vistos como máquinas geradoras de lucros, sem sentimentos que possam ser compartilhados. Fugir dessa sistemática é poder fazer valer o uso da palavra afetividade a que Paulo Freire se refere.

Abrir os olhos para a sociedade em comum, como uma sociedade orgânica, é poder ver que todos precisamos uns dos outros e dos sentimentos bons que podemos transferir. Afetividade é poder ver o outro com os olhos pelos quais queremos ser vistos. É poder estender a mão e, através dela, passar amor e acolhimento. Esse processo de empatia seria a grande cura para a doença que está cada vez tirando mais vidas ao longo dos anos: a depressão. A empatia de olhar e entender o seu próximo é saber até onde a dor do outro é importante para si próprio e o quanto isso pode interferir na vida individual de um coletivo, como nas rodas de conversa que Paulo Freire realizava.

A afetividade está no carinho que podemos transmitir às pessoas em algumas atitudes diárias que podem passar despercebidas, como um elogio, um pedido de desculpas, “bom dia” e “muito obrigado”. Podem parecer tão banais, mas, em meio a tanta perturbação, soam como um abraço necessário, que fica endurecido em meio a tanto descaso emocional.

Ao saber ouvir e enxergar para oferecer ajuda, saber recebê-la e entender cada ato de afeto genuíno realizado, a corrente vai se construindo, pois, ainda que muitos não entendam a grandiosidade de um ato, seja pequeno ou enorme, para uma pessoa ou uma multidão, esse ato pode não mudar o mundo em si, mas pode mudar o mundo dessa pessoa.

Afetividade de mãe para filha, dentro da família, dentro do trabalho, na rua, afetividade que emerge. Afetividade que cura, que segura, que repara, que contribui. Afetividade que conforta e aquece corações carentes de sentimentos, doentes pela falta deles. Afetividade recebida como o ar que respiramos em uma floresta de campos vastos, verdes, floridos com árvores robustas e cheia de ninhos que abraçam vidas, cantos que vão ecoar diante a todo ouvido que ali estiver para ouvir e sentir. Um amor expresso em um canto, em um bater de asas, ou, até mesmo, no nadar de uma vida dentro de um rio. É o sentir-se vivo e saudável, com os pulmões cheios de um ar puro e amável. É ter a delicadeza de interpretar sentimentos com a natureza, lembrando que precisamos dela no estado mais puro e límpido para viver em harmonia com todos nossos instintos e sentimentos. E afeto seria isso, o abrigo de saúde e abundância da natureza de nossos sentimentos.

Afetividade é poder buscar sua melhor versão e, ainda, atribuir a ela a versão do outro, contribuir e construir uma rede de bons sentimentos, poder curar e acolher, poder semear o melhor sentido dessa palavra.

Que possamos sentir, viver, expressar e causar bons sentimentos, que possamos ser mensageiros de palavras valorosas, que a nossa luz ilumine o caminho a nossa frente e ao redor, podendo somar essa luz às outras, de modo que todo coração se sinta acolhido e iluminado em viver e ser!

A palavra “afetividade” não se encaixa somente a uma palavra, ela está presente em cada ato que praticamos, e podemos envolver amorosidade com ela, afinal, os sentimentos são como a natureza em seu natural estado, linda e pura!

Respire a natureza do afeto.

Jullyane Goularte Fonseca

Ser Humano

João Nunes da Silva Neto

Rio Grande, ano de 2019.

Querido colega,

Alguma vez você já se pegou pensando sobre o que nós somos? É uma pergunta que vem seguida de outra: “de onde viemos?”, isso tantas vezes passa pela nossa cabeça. Responder a essa pergunta é um desafio que levamos por toda a nossa vida. Sempre que descobrimos um pouco mais, percebemos um universo de novas possibilidades e coisas a conhecer aparecendo dentro de nós.

Essa percepção pode ser traduzida pelo filósofo grego Sócrates, em sua célebre frase: “Só sei que nada sei”. Muitas vezes, eu fiquei “encucado” com essa definição, mas, com o tempo, fui adquirindo mais sabedoria, e percebi que isso se fundamenta em uma grande verdade. Quando aprendemos coisas novas, estamos criando, também, novas ferramentas para observá-las sobre outros níveis, vê-las com maior profundidade ainda.

Quando eu me fazia essas perguntas filosóficas, sempre buscava para algo que estava além de mim, muito distante, como se o que eu visse aqui não bastasse. Foi, então, que percebi que precisava me olhar com mais carinho e me permitir dizer: Eu Sou Humano.

Sim, humano, ainda que pareça ser tão simples, não percebia que esse fenômeno englobava completamente tudo aquilo que eu sou, aqui e agora, escrevendo para você. Toda vez que errava era humano. Toda vez que acertava era humano. Toda vez que me divertia, sorria, cantava, dançava

era humano. Toda vez que chorava, gritava e me aborrecia, também, era humano.

Para o filósofo francês Edgar Morin, “devemos reconhecer a humanidade que temos em comum com todos os outros humanos, ao mesmo tempo que devemos reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (MORIN, 2006, p. 47). Nesse sentido, é importante compreender que o outro não irá agir sempre como esperamos, e que determinados humanos irão agir de formas muito diferentes.

O grande problema surge quando tentamos nos reduzir, dizendo que o ser humano é apenas um corpo, como se não possuíssemos essência e uma gama de outros fatores que nos constituem. Nossas relações nos fazem humanos, nossos risos, nossos estilos de nos vestir, cada pequeno pedaço nos constitui como humanos.

Tendemos a crer que alguma coisa que não é bem aceita, em nossas ações – ou não compreendida –, nos faz menores que as outras pessoas, em geral, aquele que nos julga. Assim, estabelecemos que a visão que o outro tem de nós é verdadeira e ficamos, muitas vezes, em posição de vítima, ou de inferior, sem sentir que podemos mudar. Isso nos distancia de nossa própria humanidade, não percebemos que essa “falta” é, também, parte do nosso processo de vida enquanto existência; esses sentimentos também nos tornam humanos.

Assim, Edgar Morin afirma que precisamos ensinar a condição humana, refletindo como aspectos do animal e do humano constituem juntos essa condição. Para isso, há que se começar por nossa história que data de bilhões de anos, de diferentes espécies e de vários processos de mudanças físicas, biológicas, assim como por nossa maneira de pensar como elementos que nos constituíram.

Um desses elementos é a linguagem, que possibilitou com que conseguíssemos trocar informações uns com os outros. A partir dela, começamos a construir a cultura, que ele define como: “capital adquirido de saberes, de fazeres, de crenças e mitos transmitidos de geração em geração...” (MORIN, 2006, p. 51). Ao mesmo tempo, diz que somos

formados de uma unidade que nos torna sempre originais.

Morin acredita que o ser humano é composto por algumas tríades, são elas:

Circuito cérebro/mente/cultura: Segundo Morin, “os humanos somente se realizam plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (...), mas não há mente, isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura.” (MORIN, 2006, p. 53). Assim, todos esses três elementos se complementam em seus processos, não sendo possível entender um sem o outro.

Dessa afirmação, podemos inferir que nossas ações e nossas ideias existem a partir de um conjunto, ou seja, somos seres humanos na medida em que compartilhamos de um mesmo universo com outros seres humanos.

Circuito razão/afeto/pulsão: essas três instâncias não seriam apenas complementares, mas também antagônicas, já que pensam juntas e separadamente. Nossos impulsos, nosso coração e nossa razão são as bases que utilizamos para todo o nosso agir.

Circuito indivíduo/sociedade/espécie: De acordo com Morin, indivíduos são o produto da espécie humana, e as interações entre os indivíduos produzem a sociedade.

Por fim, Morin afirma: “todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.” (MORIN, 2006, p. 55).

Todos somos diferentes e estamos aprendendo o tempo inteiro.

Para Paulo Freire (FREIRE, 2005, p. 83-84), todos somos seres inconclusos e diferentes dos outros animais, nós temos a consciência dessa inconclusão. Assim, podemos perceber que todos os dias estamos aprendendo coisas novas e evoluindo, sem nos cobrarmos em demasia por aquilo que não conseguimos fazer tão bem hoje.

Nesse sentido, Freire buscava que nós pudéssemos nos empoderar para conseguir fazer maiores intervenções no mundo, fazer comparações, julgamentos, realizar grandes

ações, testemunhar as coisas com profundidade, enfim, utilizar todas as nossas capacidades ao máximo. Você já parou para pensar em quantas coisas podemos evoluir em nós mesmos? E quais são os seus talentos? Quais são as coisas mais incríveis que você sente vontade de fazer?

Essas perguntas nos abrem um leque de possibilidades para descobrir mais sobre nós e para perceber como verdadeiramente somos. O autoconhecimento é a chave que irá nos guiar em um caminho de felicidade durante nossa caminhada na vida. Assim, é importante sempre pensarmos em formas de fazer isso com maior dedicação. Afinal, como diria um provérbio chinês: “Os professores abrem a porta, mas você deve entrar por si mesmo”.

São incríveis as capacidades que temos, como humanos, de aprender, de reproduzir as coisas de que gostamos de testar, de construir, de compartilhar tudo isso com os outros seres da nossa espécie e de criar. Evoluímos tanto que nossa capacidade de intervenção no mundo é gigante, por isso, devemos nos cuidar para que estejamos sempre fazendo as coisas de modo consciente.

Quando não pensamos sobre nossas ações, sejam elas conosco, com o outros, com os outros seres vivos e o planeta, estamos abrindo mão de uma das maiores capacidades que temos como humanos: a crítica. Essa força nos coloca como agentes ativos dentro dos acontecimentos do nosso cotidiano, permitindo que evitemos aquilo que não achamos positivo, ou que possamos reparar nossos erros.

Ser humano é aquilo que nos une, é aquilo que nos torna, ao mesmo tempo, iguais e únicos. A partir de minhas leituras do pensamento freiriano, percebi que é justamente esse fator que nos permite desenvolver nossa capacidade de relacionamento, sempre ampla e profunda.

E como podemos conviver com o outro sabendo de nossas diferenças? Essa é uma virtude que compete aos humanos desenvolver: a aceitação. Ora, você, assim como eu e os outros a nossa volta, temos coisas que podemos melhorar, coisas para aprender, coisas para evoluir. É imprescindível que, nesse crescimento, todos possam se sentir livres para ser

o que seus corações verdadeiramente querem demonstrar e poder, assim, evoluir com nossos erros.

Ser bom com o próximo é uma das maiores dádivas que podemos construir em nossas vidas. Um antigo provérbio Chinês diz que um pouco de perfume sempre fica nas mãos de quem oferece flores. Os sentimentos das pessoas são contagiantes e, quando promovemos o encanto positivo no mundo, estamos possibilitando que mais pessoas se sintam dessa forma e possam compartilhar, também, sentimentos mais positivos com os outros.

Aceite os outros no maior nível que você consegue agora, para que eles possam aprender a aceitar você com essa gigante intensidade. E siga em frente! Coloque, hoje, o foco na qualidade daquilo que você é. Não se deixe enganar por qualquer coisa que outra pessoa tente rotular em você, qualquer padrão negativo que não faça bem para você. Se permita ser tudo de melhor, mais incrível e especial daquilo que você imagina todos os dias.

Se permita Ser Mais Humano todos os dias.

Com carinho,

João Nunes da Silva Neto

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2006.

Paciência

Bruna do Sacramento Duarte

Rio Grande, ano de 2019.

Os seres humanos são uma pequena partícula que compõe o Planeta Terra, pertencem a uma galáxia que, entre milhares de outras galáxias, se desloca pelo espaço-tempo, atraída por uma anomalia gravitacional no vácuo intergaláctico. Incrível, podemos dizer! Como um milagre estarmos fazendo parte desse mundo cósmico que funciona em repleta sintonia e perfeição.

Vimos ao mundo quando as condições para nossa sobrevivência já estavam instaladas, evoluímos e nos adaptamos conforme o universo foi nos dando a oportunidade de sobrevivência. Achar que estamos no comando do nosso querer e de nossos desejos é um equívoco: não estamos no comando e nunca estivemos! Somos o sujeito que, por meio de ações, desenvolvemos alternativas de possíveis acontecimentos, mas que dependerão da energia cósmica para se concretizar. Nesse sentido, temos que aprender a ter paciência para esperar a hora que os acontecimentos aconteçam. E lembrar que ter paciência não é cruzar os braços.

Segundo Rossato (2015), paciência é o tempo de espera, mas se opõe à passividade, pois é a expectativa enquanto se aguarda e prepara a etapa da libertação, portanto pleno de criatividade, na angústia de viver uma realidade inadequada com o projeto. Carrega fortes elementos de estar em um mundo socialmente injusto e, ao mesmo tempo, sentir-se inacabado enquanto busca viabilizar uma nova ordem social. Também, não se confunde com tolerância como comiseração do outro, mas é basicamente a virtude da

convivência humana a aceitação da diferença, sem superioridade ou dominação. Paciência implica a tolerância com os que não aderiram ao projeto, mas, ao mesmo tempo, construindo a consciência social para que o mesmo se universalize e quebre a imobilidade daqueles que percebem a realidade como imutável. Aceita a realidade enquanto momento histórico, contestando, contudo, todas as injustiças. Momento de acreditar no inédito viável, buscando sua orientação crítica, preparando o futuro através de prática transformadora: “É a capacidade crítica, jamais ‘sonolenta’ sempre desperta à inteligência do novo” (Freire in STRECK, 2000, p. 30)

Já passei por muitos momentos na minha vida em que não conseguia entender os sentimentos ruins que surgiam quando algo não terminava como o planejado. Ao longo do caminho, fui aprendendo que não basta fazermos todos os esforços possíveis para alcançarmos nossos objetivos, pois a força do universo é maior em alguns momentos. Não podemos desconsiderar, também, a força do sistema em que estamos inseridos em cada espaço-tempo de nossas vidas. O sistema, muitas vezes, pode ser cruel e injusto com a maior parte da população e, vindo por essa perspectiva, nos resta lutar pela ascensão dos oprimidos, mas nunca deixar de ter paciência; não podemos ser impacientes, pois, com esse sentimento, podemos cometer atos que, precipitados, poderão nos prejudicar no futuro.

Hoje, reconheço minha primeira perda na vida acadêmica por não ter maturidade suficiente para praticar paciência. Estava cursando, no ensino médio, Vestuário no IFSUL – Campos CAVG, na cidade de Pelotas. Na época, quando estava cursando o segundo ano, o Instituto passou por duas grandes greves. Sem entender a importância dessa manifestação, acabei não apoiando a greve dos trabalhadores, e, além de não apoiar, também não tive paciência para esperar acabar a greve e acabei pedindo transferência para um colégio estadual no bairro onde eu morava em Pelotas. Essa ação mais tarde me trouxe consequências, passei algumas dificuldades nos processos seletivos, como, por exemplo, a prova do ENEM, pois o ensino

de uma Instituição Federal deixa o aluno mais bem preparado.

No último ano do ensino médio, me mudei para a cidade de Rio Grande, no bairro Cassino, trocando novamente de colégio. Foi nesse colégio, no Silva Gama, que terminei o ensino médio e comecei a sonhar com a universidade. Logo que conclui o ensino médio, comecei a cursar o PAIETS, cursinho pré-universitário oferecido pela FURG, cujos alunos da universidade organizavam e ministravam as aulas. Sempre tive a maior curiosidade em saber que curso eu iria fazer, nunca soube a resposta, mas sempre me questioneei. Logo depois de alguns meses, fazendo o cursinho, me deu um *plim*: GEOGRAFIA. Apaixonei-me perdidamente quando conheci o que a geografia nos falava.

No meu primeiro Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, já sabia que curso queria de verdade, fiquei nervosa e ansiosa. Estava com muita expectativa para entrar na faculdade, conhecer pessoas, estudar aquilo que eu gostava e achava interessante. Até que o resultado saiu, e eu não consegui atingir a média para nenhum dos cursos, nem licenciatura nem bacharelado. Que decepcionante e desmotivador perceber que todo o esforço que fiz não serviu pra nada, chorei dias e dias... eu não poderia acreditar que teria que fazer mais um ano curso pré-universitário e mais uma prova do ENEM, ainda teria que passar mais duas tardes terríveis sob pressão.

No ano seguinte, continuei meus estudos no colégio Silva Gama, no cursinho PAIETS, e, no final do ano, novamente, fui fazer a prova do ENEM. O nervosismo tomava conta de mim, além da ansiedade para que essa tortura passasse e eu entrasse logo para o curso de Geografia. Ficava pensando nas duas tardes terríveis que precisaria passar novamente, trancafiada naquelas salas, com várias outras pessoas, sem poder se mexer direito por causa do barulho, para não atrapalhar os colegas, fazendo os exercícios e olhando a velocidade de como as marcações do tempo no quadro iam passando rapidamente, muito mais rápido do que o meu rendimento na realização da prova. A metade do tempo disponível já tinha passado, e eu ainda não tinha concluído a

metade da prova, o que fazia com que meu nervosismo aumentasse.

Mais alguns dias de ansiedade e nervosismo até o resultado do processo seletivo, confiante novamente. Dessa vez, eu apostava que iria passar e pensava em alternativas se caso não conseguisse Geografia, na FURG, novamente. Pensava em, talvez, tentar Geografia na UFPEL, já que lá oferecem mais vagas para o curso. Teria que me mudar novamente, deixar meus pais, construir uma vida sozinha e criar minha independência.

Logo o resultado saiu e, novamente, eu não tinha alcançado a média para o curso de Geografia. Triste, decepcionada, intrigada com o sistema seletivo, de como uma simples confusão na hora de escolher as opções na hora da inscrição no SISU podem mudar, significativamente, o seu destino. Conversei com alguns conhecidos e me aconselharam a não ir para a UFPEL, pois a FURG seria melhor e mais organizada. Pensei, então, em entrar para o curso de Letras – Português e Espanhol, na FURG, pois, para esse curso, minha média dava, e o mais importante iria estar inserida dentro da universidade e, depois, teria que, apenas, trocar de curso.

Entre para a Universidade que eu tanto queria no ano de 2017, não foi para o curso que desejava, mas pensava que, pelo menos, já estava lá dentro, em contato com as pessoas, com o ambiente, com a vida acadêmica. Grandes aprendizagens tive a oportunidade de participar, além de grandes amigos que construí no passar do ano em que cursei Letras. Mantive minha paciência, não desisti do curso de Geografia. Uma hora eu sabia que ia conseguir entrar, não tinha exigência entre licenciatura ou bacharelado, mas tinha que ser Geografia.

No final do ano, abriram vagas ociosas, e o curso de Geografia não estava ofertado. Não acreditei, mas precisei fazer, novamente, a prova do ENEM. Dessa vez, compreendendo um pouco melhor as dinâmicas e as estratégias da prova, estudei e realizei algumas técnicas que aprendi conforme o tempo de experiência. Menos nervosa do que nos últimos anos, terminei a prova antes do tempo previsto.

O que antes eu era uma das últimas a terminar, dessa vez, fui uma das primeiras. Não dava para acreditar, pois realizei a prova com paciência e ainda deu tempo para revisar algumas questões.

Fiquei, novamente, ansiosa pelo resultado, mas, dessa vez, não sabia o que pensar, no fundo pensava que tinha feito a prova tão ligeiro que dificilmente iria passar. Quando o resultado saiu, foi difícil acreditar, o sonho estava se realizando; depois de muito esforço, tentativa e paciência, eu tinha conseguido (enfim!) passar no curso de Geografia. Consegui passar em licenciatura e bacharelado, foi quando decidi começar meus estudos e minha carreira na licenciatura. Decisão difícil, pois acho incríveis os dois cursos, mas a licenciatura sempre mexeu um pouco comigo. Penso que posso começar com a licenciatura e, depois, terminar concluindo as cadeiras do bacharelado.

Quando comecei a contar para familiares e amigos sobre minha conquista, revelações de um passado esquecido vieram à tona. Conversando com minha melhor amiga, ela me lembrou de quando éramos pequenas e brincávamos de colégio, tínhamos quadro em nossas casas, giz e sempre nos dividíamos; enquanto uma era professora, a outra era diretora da escola. Minha amiga lembrou-me que eu sempre tinha giz coloridos para passar os conteúdos.

Lembramos, nesse dia, que convidávamos nossos vizinhos que eram menores que nós para brincar e serem nossos alunos. Nós preparávamos conteúdos para eles e os ajudávamos a fazer as atividades. Depois que me lembrei desse episódio da minha vida, impossível ter dúvida do curso que estou fazendo. A licenciatura sempre fez parte da minha vida, estava ali o tempo todo, mas, só com o passar do tempo, consegui enxergar.

No meu primeiro ano cursando Geografia-licenciatura, consegui uma bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. Para quem cursa licenciatura, essa bolsa é muito importante, pois ela nos insere no ambiente escolar desde o começo da nossa graduação. Nessa perspectiva, juntamos a teoria com a prática. Frequentar a

escola, desde o início da graduação, é excelente para a formação do professor, para que, quando o licenciando chegar às cadeiras do estágio obrigatório, não se assuste com a realidade da sala de aula, pois pensar ser professor é diferente do que ser professor.

Além de frequentarmos o ambiente escolar pelo programa, também fazemos parte de uma roda de conversa todas as semanas, com o restante dos bolsistas, com os professores a quem acompanhamos e a com a coordenadora do núcleo Pibid-Geografia. Essa roda de conversa é tão importante quanto estar dentro do ambiente escolar, pelo fato de estarmos dialogando sobre nossas vivências e experiências dentro da sala de aula. O diálogo é a base de uma aprendizagem transformadora. É na base do diálogo que trocamos ideias e nos conhecemos como Ser humano e Ser professor, pois é assim que reconhecemos quando estamos com alguma ideia equivocada. É, também no diálogo, que abrimos os nossos olhos quando estão fechados, conhecemos e reconhecemos as nossas atitudes, pois, quando compartilhamos vivências, estamos abertos a opiniões e a críticas.

É nas rodas de conversas com o resto do grupo e dentro da sala de aula que nós descobrimos enquanto Ser professores e enquanto Ser humano. Para Freire (1996).

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (Freire, 1996, p. 37)

Nada melhor do que o programa do Pibid para eu preparar o meu ser docente, para que eu possa encontrar a aproximação, cada vez maior, entre o que digo e o que faço.

Hoje, agradeço por ter tido paciência e ter esperado para cursar Geografia na FURG. Tento olhar numa perspectiva que tudo tem a hora certa para acontecer; talvez, se eu tivesse passado na primeira prova do ENEM em Geografia, não teria tido todas as oportunidades que estou tendo agora. Participar do programa do Pibid é uma experiência indiscutivelmente maravilhosa. Estou tendo a melhor preparação enquanto professora em formação. Além de participar de um estágio de monitoria em outra escola municipal na qual auxílio alunos com dificuldade de aprendizagem.

Aluna do curso de Geografia, pibidiana e monitora logo no segundo ano de graduação, ainda tenho mais dois anos de faculdade para vivenciar experiências e adquirir muito mais conhecimento e aprendizagens enquanto graduanda de geografia licenciatura. Quando escolhemos a docência, os estudos nunca acabam, mesmo quando estamos com o diploma na mão. Professora será sempre pesquisadora e aluna.

Para finalizar esta escrita, volto a dizer que tudo tem hora certa pra acontecer, e precisamos lutar, mas ter, acima de tudo, paciência para esperar que a força do universo faça com que aconteça.

Bruna do Sacramento Duarte

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2. Ed., ver. Amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Mudança

Camila Bandeira Pardo

Rio Grande, ano de 2019.

Escrevo esta carta pedagógica para falar sobre a palavra “mudança”. Esta carta tem como objetivo falar sobre a importância de pensarmos a educação como um processo de contínua mudança e adaptação. Esse texto é, principalmente, para educadores, pois precisamos sempre refletir sobre o processo educacional, aliás, é ele quem forma a sociedade em que vivemos. No decorrer desta carta, irei dialogar com Freire e dizer o que esta palavra significa para mim.

Mudança é palavra de muitos significados: mudar é reorganizar, seja os móveis de uma casa, seja reorganizar os nossos atos. Mudança é movimento, é ser inconformado com a estagnação, e, por fim, mudança é transformação. Escolhi essa palavra pois significa muito para mim. Acredito que essa palavra precisa estar junto aos educadores, assim como o desejo de mudança, de estar em movimento, de procurar se superar, de ressignificar as coisas, de acreditar na educação, de acreditar no aluno para poder realizar mudança na vida das pessoas.

Mudança exige esforço. Quando vamos fazer mudança na nossa casa, precisamos movimentar os móveis, exercer força. Mudar não é simples, pois, durante a vida, nós criamos uma grande zona de conforto, e, para ocorrer mudança, precisamos sair dessa zona. Porém, a mudança é necessária para que possamos alcançar os nossos objetivos, precisamos mudar algumas atitudes. Nós, como educadores, precisamos ser a mudança que queremos para o mundo, precisamos ser pessoas esperançosas; é necessário ser exemplo, exemplo de

superação e de força, pois, na posição de educador, é comum que os educandos se espelhem em nós. Se queremos o melhor para eles, precisamos ser esse melhor, exercer uma docência significativa na vida das pessoas.

Muitas pessoas vivem uma realidade tão triste... sem esperança. Olhamos para todos os lados e é difícil vermos pessoas motivadas e empolgadas com a vida, motivadas a realizar sonhos e objetivos. O nosso cotidiano é tão corrido que criamos rotinas e, muitas vezes, deixamos para depois os nossos sonhos e vivemos estagnados, quando, na verdade, a nossa vida precisa estar em movimento, precisamos de mudanças.

Acredito que a educação pode ser a transformação que o mundo precisa, que pode acabar com o preconceito, com a desigualdade e com a violência. A sociedade é formada por indivíduos, só será possível alcançar uma boa sociedade quando a educação for pensada para o indivíduo, respeitando seus limites e suas multiculturalidades. Paulo Freire nos disse que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1979, p. 84).

Muitas pessoas vivem sem perspectiva alguma, não acreditam que podem alcançar seus objetivos, por isso precisa-se que, cada vez mais, os educadores pensem a educação como uma educação de mudança, de movimento, que se adapta a cada educando, que dá esperança e que mostra que é possível. Existe uma palavra que antecede à mudança, que é a palavra ACREDITAR. Precisamos acreditar na capacidade das pessoas, porque, muitas vezes, elas não acreditam em si; alguém precisa mostrar que todos somos capazes, que todos temos algo a aprender e a ensinar, que todos, como diria Freire (2013 p.32), somos seres inacabados, ou seja, estamos em um contínuo movimento, em uma contínua mudança. Organizando o sucesso, precisamos, primeiro, acreditar que é possível; depois, precisamos mudar nossas atitudes e, por fim, alcançar os nossos sonhos.

É importante acreditar, já que nós vivemos em uma realidade que nos faz crer que não somos capazes de alcançar

os nossos objetivos e sonhos. A Educação precisa apresentar a esperança, precisa ser a esperança. As pessoas precisam acreditar em si mesmas, pois, para lutar, precisa-se, primeiro, acreditar. A escola precisa ser um espaço de conjugar este verbo: “Acreditar”.

Acredito que o que nos move são os nossos sonhos, e esses me parecem que são muito fáceis de serem deixados de lado por nós mesmos em um ato de “auto-sabotagem”. É tão fácil desistir do sonho da universidade, o sonho de concluir os estudos, entre outros sonhos. O mundo é tão opressor que deixamos de acreditar que podemos alcançar os nossos sonhos, nos acomodamos em um sistema e ficamos estagnados e precisamos de ajuda, precisamos de alguém que acredite, que lute e que apoie. O educador pode ser essa pessoa.

Minha Mudança:

Essa palavra tem um significado muito especial para mim, pois vivenciei isso na minha vida. Durante toda a minha vida, fui uma aluna pouco dedicada e não entendia o significado de educação. Para mim, ir à escola e estudar era obrigação, apenas isso. Em um determinado período da minha vida, me vi sem perspectiva de vida, não saberia o que fazer quando a obrigação de estar na escola acabasse. Me vi completamente perdida e atrasada, parecia que era tarde demais, que não conseguiria alcançar os meus sonhos, até que uma professora me mostrou o contrário disso. Vi, naquela professora, o apoio que, muitas vezes, não tinha em casa; ela acreditou em mim de uma forma que eu não acreditava, me apoiou e investiu em mim. Meu primeiro livro foi ela quem me deu. Aquela professora me deu toda a atenção que eu precisava, me ensinou além do conteúdo que eu precisava para realizar o meu sonho de entrar para a Universidade. Me ensinou a acreditar em mim, me ensinou a buscar a minha melhor versão e me ensinou o que é SER humano!

Quando fui escolher o curso, escolhi, antes, a licenciatura do que a ciência a que eu iria me dedicar, foi inevitável. A mudança que ocorreu em mim foi tão forte e tão

boa que eu preciso causar isso em outras pessoas. Mudar é necessário.

Dialogando com Freire:

No livro “Educação e Mudança”, de Paulo Freire (2003), ele fala sobre o comprometimento que o educador precisa ter com a educação. Ele diz que o ser comprometido é aquele que atua e reflete sobre a realidade para transformá-la. Para ele, o compromisso precisa ser com a sociedade, não apenas com nós mesmos.

Acredito que a palavra mudança pode ser refletida de várias formas, pois, para sermos comprometidos com a sociedade, precisamos entender que ela está em movimento e que existem diversas culturas, portanto o currículo precisa se adaptar aos indivíduos e, por esse motivo, é necessário que o educador esteja, também, em constante mudança. Também, podemos refletir essa palavra sobre os indivíduos, pois, através da educação, podemos transformar a vida das pessoas, dando oportunidades, perspectivas e esperança para os educandos.

Desde que escolhi a licenciatura, o meu objetivo e sonho é mudar, não o mundo, pois isso não cabe a mim, mas o mundo de alguém, a realidade daquela pessoa, através da educação conseguir ajudar as pessoas a realizarem os seus sonhos e serem indivíduos realizados. Freire acreditava que a mudança era importante, [...] “Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude” (FREIRE, 1967, p. 94).

A educação pode transformar pessoas, por isso deve ser usada corretamente, pois, quando o educador parte do princípio de que todos possuímos realidades diferentes, mas que todos precisamos desenvolver senso crítico. É necessário que a educação seja pensada de maneira que o educando raciocine e reflita e não apenas decore um conteúdo para ser aprovado. A educação precisa criar bons cidadãos que transformem o mundo.

Por fim, reflita sobre essa palavra conforme a sua necessidade, mas é importante colocá-la em prática, é necessário transformar a si próprio para mudar o mundo.

Precisamos ser educadores que façam uma diferença significativa na vida das pessoas, precisamos levar a esperança de uma sociedade mais justa, precisamos SER mudança!

Camila Bandeira Pardo

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S.A., 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Mundo

Denner Goulart

Rio Grande, ano de 2019.

Na escola, eu era apenas mais um no meio da multidão: periférico, antissocial; mesmo sempre estando com muitas pessoas ao meu redor me sentia sozinho, não tinha com quem conversar, ouvia vozes imaginárias, tinha muitas curiosidades guardadas para mim, pensava que não deveria falar durante as aulas, pois, quando tentava me manifestar, havia sempre alguém para me podar e, conseqüentemente, ficava revoltado naquele ambiente de aprendizado.

Fui crescendo revoltado com a vida e com a falta de empatia de alguns dos meus professores. Um dia prestei muita atenção em uma das vozes imaginárias. E decidi que não iria me calar durante as aulas e, sempre que ficasse curioso, iria me manifestar. Tive diversos desentendimentos com muitos professores que afirmavam que eu perturbava o rendimento da aula. Ao mesmo tempo, desenvolvi incríveis admirações por alguns que foram pessoas muito importantes na minha vida pessoal e acadêmica.

Entre 2017 e 2018, no término do ensino médio, decidi que me esforçaria para tentar ingressar em uma faculdade. E foi o que fiz! Com uma situação financeira não muito favorável para me matricular em um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, fiz o pedido para assistir às aulas de um cursinho popular e não fui aceito. Com isso, resolvi que estudaria sozinho em casa; fui grato por ter acesso à internet, que me possibilitou ter acesso a diversos vídeos, aulas e redes de pesquisas.

Após ter feito o ENEM com muito esforço, vivenciava

algumas situações que ainda me incomodavam. Estava crescendo prestes a completar 18 anos, tinha que trabalhar pois iria concluir os estudos, semelhante às pessoas de onde eu morava, que, no máximo, conseguiram concluir o ensino fundamental – o médio era a minoria; ensino superior ninguém da minha família havia sequer ouvido falar, sabiam que existia, mas não era para nossa realidade de vida. Como já estava prestes a completar 18 anos, tive que fazer, obrigatoriamente, o alistamento militar; participei de diversas entrevistas, testes físicos e teóricos, sempre falei que não queria ser militar pois minha vontade era de estudar; chegava em casa e minha mãe falava que eu tinha que fazer alguma coisa na minha vida e que deveria servir à marinha ou ao exército, porque era o sonho dela. Eu sempre dizia que não queria, ressaltando que a minha vontade era de estudar, mas isso não adiantava, e tudo estava indicando que eu iria servir ao Exército Brasileiro.

Quando abriu o processo de inscrição para ingressar na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, vi que eu tinha chance, pois minha nota estava dentro da nota de corte na faculdade de Artes Visuais – Licenciatura. Optei por esse curso porque acredito que a arte possibilita uma liberdade de expressão e, sendo Licenciatura, poderia, futuramente, fazer a diferença na educação, assim, poderia mudar minha vida e das pessoas com quem me relaciono.

Feita a inscrição na faculdade, recebi uma convocação de que teria que fazer minha matrícula em um dia específico e, ao mesmo tempo, fui convocado, dias antes, para acertar os documentos finais para servir ao exército. Fiz toda papelada que precisava apresentar para as exigências militares, que eram as mesmas do processo de matrícula.

Chegando no exército, fui chamado por um dos superiores que me pediu satisfações pelo motivo de eu não querer ser militar. Logo, respondi que a minha vontade era de estudar e que minha matrícula já estava marcada para ser feita na FURG e, com isso, finalmente consegui ser dispensado. Chegando em casa, minha mãe me perguntou se eu iria servir, quando respondi que não, a reação dela foi de estar decepcionada, mesmo assim, segui firme pois sabia qual era meu objetivo.

A caminho de fazer minha matrícula, sem dar detalhes para minha família, apenas disse que iria à FURG. Fui e deu tudo certo, quando recebi a folha de comprovante de matrícula, não tive nem uma reação anormal, apenas me preocupei com o que viria pela frente. Chegando em casa, em silêncio, minha família me perguntou o que fui fazer na FURG e apenas mostrei meu comprovante, dizendo que fui me matricular na faculdade, e a reação deles foi de uma felicidade maior do que a minha.

Quando começaram as aulas na faculdade, eu não fazia a mínima ideia do que estava por vir e não tinha ninguém para me explicar o básico de um ensino superior, mesmo assim, eu fui. O primeiro semestre foi extremamente difícil, pois eu estava no ritmo do ensino médio e, além de estar tentando me adaptar ao ambiente acadêmico, diariamente acontecia desentendimento em casa, comigo e com minha mãe, pois eu estava cansado de ouvir que eu não fazia nada da vida; e isso acontece até agora comigo estando no quarto semestre.

Mas o pior de tudo é pensar o quanto foi difícil ingressar na faculdade e o quanto existem pessoas que potencializam a vontade do ingressante de desistir. É difícil resistir até com a própria segurança da FURG, que me para com frequência, indagando se eu sou estudante, mesmo dizendo que sim. Exigem que mostre meu cartão universitário ou meu número de matrícula, como se eu estivesse mentindo e ao, mesmo tempo em que preciso dar explicações de quem sou, percebo que passam muitas pessoas no meu lado e são tratadas com educação e igualdade.

Um dia tive um problema na escola que eu estudava. Segundo uma professora, eu estava atrapalhando o rendimento da aula, aí, chamaram meu pai para uma reunião. A mesma professora, que se negou de me ensinar, disse que eu não conseguiria ingressar na faculdade porque ela pagou para sua filha um cursinho preparatório para o ENEM e a mesma não havia conseguido, e que não é pra qualquer um ser universitário. Meu pai estava na reunião e ouviu o que a professora disse, logo se manifestou dizendo que ele não se importava se a professora estava pagando um curso ou não para sua filha e que o filho dele não era qualquer um, e que ele

trabalharia dobrado se fosse preciso e, se o filho dele quisesse, faria a faculdade de sua vontade. A professora ficou sem jeito, porque ela havia convocado a reunião por minha causa e meu pai não deixou ela me menosprezar.

Quando a professora descobriu que eu estava na faculdade, postou um texto nas redes sociais comemorando que um aluno dela havia ingressado em uma Universidade Federal.

Sou muito grato àquelas pessoas que, de alguma forma, acreditaram e acreditam em mim e, apesar dessas diversas pessoas hipócritas estarem presentes em minha vida, eu sempre acreditei no meu potencial e sempre usei essas atitudes e atos das pessoas que tentaram me botar pra baixo como uma motivação. Acredito que isso me deixou forte e ambicioso pela mudança do mundo.

Denner Goulart

Tempo

Giovane de Oliveira Bonilha

Rio Grande, ano de 2019.

Prezados educandos,

Hoje, estou na posição de educador, ou mais precisamente, futuro educador/professor, mas houve o tempo em que eu fui aluno, e bom aluno por sinal. Minha educação por parte de pai sempre foi rígida em relação a este assunto, pois minha única tarefa, enquanto criança e adolescente, era estudar, tirar boas notas e me preparar para ter uma vida melhor, assim, me tornei dedicado aos estudos. Sempre que entro em sala de aula para ministrar os conteúdos e fazer reflexões com os alunos, vem a lembrança de um tempo relativamente recente, em que me encontrava na mesma posição que meus alunos estão hoje. Não posso negar que foi um tempo difícil, de decepções, traumas, de medo e de angústia; nesse período, a violência ocorria em cada corredor da escola e sequer era comentada como nos tempos atuais.

No entanto, é um tempo que deixa saudades, tanto dos colegas de classe que nunca mais vi, dos professores que já não exercem mais a profissão e, até mesmo, daqueles colegas e professores que já não estão mais aqui, que se perderam no caminho ou que o tempo levou embora. O meu tempo acadêmico é representado por vários momentos: no ensino fundamental, os problemas não eram as notas, e, sim, os deboches que me deixavam desmotivados; no ensino médio, os deboches pararam, mas as notas caíram e vieram as dificuldades para me encaixar em um grupo; já na faculdade, a dificuldade era conciliar as demandas próprias do curso que

escolhi com o trabalho semanal.

Foram tempos distintos e o tempo hoje é outro, mas o que seria o tempo? De acordo com Sevalho (2018), o tempo é uma grandeza de difícil apreensão, um mistério que se estende desde a filosofia, passando pela física, assim permanece até os dias de hoje. A percepção de tempo é algo complexo, não podemos vê-lo, senti-lo ou tocá-lo, mas vivemos dentro dele e do tempo não podemos sair. O avanço da ciência trouxe a ideia do tempo unidirecional, comparando-o a uma flecha ou a um rio que segue indefinidamente, sendo a passagem do tempo algo primordial. E esta ideia de tempo leva os acontecimentos a um futuro imprevisível.

Entretanto, como afirma Sevalho (2018), o tempo ora é descrito como linear, ora como circular, ora como espiralado ou ramificado, reversível ou irreversível, sucessão ou simultaneidade, movimento ou duração, medida ou sensação e a transcendência do tempo prossegue em discussão. Em um contexto filosófico, para Bergson (2011), o tempo é duração, ou seja, um dado interior de consciência. Os intervalos entre “um tempo e outro” só existem para nós por causa dos nossos estados de consciência, fora de nós há apenas o espaço.

Conforme Sevalho (2018), o tempo também é história e cada aspecto desta vivência temporal é guardado como memória. Compartilho dessas memórias neste momento, pois todas as vivências que tive na escola, de certa forma, me definem hoje. Sou de família humilde e estudei em escola pública desde o ensino fundamental até a faculdade, porém, cursei o ensino médio na escola mais qualificada na minha cidade, sendo que, para entrar, era necessário passar por um processo seletivo. Minha mãe sempre teve este sonho de que eu pudesse estudar na melhor escola, fazer uma faculdade e ter uma vida boa, diferente da que ela teve em sua juventude. Assim, minha mãe fez um esforço e me colocou em um curso preparatório intensivo de seis meses para que eu pudesse me preparar para a seleção desta escola.

Esta atitude, por melhor que tenha sido, colocou um peso enorme sobre mim, pois, se eu não conseguisse entrar para a tal escola, seria um dinheiro perdido e, naquela época,

faria muita falta. Porém, era o meu tempo, e eu consegui entrar e terminar o ensino médio no Colégio Técnico e Industrial Professor Mário Alquati, conhecido como CTI, atual Instituto Federal Sul-rio-grandense (IF-RS). Ao chegar a esta escola, me deparei com algumas dificuldades que até então não tinha passado.

Diferente do ensino fundamental, em que as piadas e a violência importunavam meus dias, no ensino médio, as dificuldades começaram a ser as notas baixas; o ensino era difícil, rigoroso e o público era diferente do que eu conhecia, pois os amigos que fiz, no ensino fundamental, foram para outras escolas.

Muitas coisas que aconteceram no antigo CTI, na época, eu não entendia o porquê e, também, não conseguia fazer qualquer tipo de relação, mas, hoje, entendo que estava em uma escola em que eu não me encaixava na classe social da maioria dos que ali estavam presentes. Enquanto a maioria dos alunos era deixada na porta da escola de carro pelos pais, eu chegava de bicicleta ou a pé, pois minha família nem tinha automóvel na época. Foi um período de solidão, mas um grande aprendizado para a vida. Após terminar o ensino médio, passei um tempo no serviço militar obrigatório e, logo após, entrei para a faculdade de Geografia, um ambiente totalmente novo. Desde criança, sempre me chamaram atenção os assuntos referentes à natureza, meio ambiente, enfim, mas nunca imaginei que me tornaria um Geógrafo e, também, um Professor.

Como já estava, de certa forma, acostumado com um ensino mais severo no ensino médio (em termos de conteúdo), acredito que isso tenha me ajudado a superar as dificuldades da universidade, sem reclamar e sem desistir, pois muitos ficaram pelo caminho. Mesmo com alguns contratemplos e com o trabalho paralelo em uma gráfica, sempre tive determinação para enfrentar os desafios que a vida de universitário proporciona e posso dizer que, hoje, sou outra pessoa, e venci as dificuldades que este tempo me impôs. Assim como afirma Sevalho (2018), o tempo não é apenas história, mas história de enriquecimento próprio, ou seja, cada vez que se sobrevive ao

passado, há mudança pessoal, estabelecendo outro momento, mesmo que as circunstâncias sejam as mesmas, a pessoa não é mais a mesma.

No entanto, ainda conforme Sevalho (2018), a história pessoal de cada um está relacionada à história cultural em que a pessoa está inserida. Dessa forma, sempre chega o tempo em que temos de superar as dificuldades e nossas limitações, ou seja, o tempo nos faz mudar e mudamos com o tempo, seja por aprendizado em momentos ruins, seja por extrair ao máximo os momentos bons. Se hoje sou obrigado a falar em público como professor, houve o tempo em que fui tímido, reprimido, envergonhado e, de certa forma, ainda sou, mas aprendi a controlar as emoções. Muitas vezes, a vida nos coloca em uma situação ou mesmo numa profissão que nunca imaginamos, nos obrigando a desenvolver características totalmente diferentes de nossa essência, imaginem alguém tímido dando aula? Complicado, não? Mas é possível.

Em um contexto social, é importante considerar o tempo como instabilidade, incerteza e, principalmente, mudança. O tempo, no sentido epistemológico, é pouco explorado nas obras de Paulo Freire, sendo o tempo, para ele, próprio e singular, no entanto lavrado em um destino de lutas coletivas. O tempo é paciência para não pular etapas pessoais e sociais de humanização, o qual pode produzir um novo caráter na essência da consciência humana ao transmutar de uma condição passiva em uma efetiva prática da liberdade. Com o tempo, é possível o desenvolvimento pessoal, isto é, o espaço de se autorreproduzir a ponto de realizar uma transformação na humanidade (PASSOS, 2010).

Nesse contexto, iniciei minhas primeiras experiências na docência. Após terminar a faculdade, iniciei uma pós-graduação e, certo dia, ao olhar o site da Universidade, vi que estavam selecionando educadores populares para ministrar Geografia a um grupo especial. Logo me interessei! Obviamente, um dos interesses era o próprio desenvolvimento pessoal, pois queria perder a timidez de uma vez por todas e, dessa forma, teria que me colocar em uma situação “de pressão”. Nunca esquecerei, minha primeira turma foi

composta de doze alunos do regime semiaberto da penitenciária da minha cidade.

Até mesmo pela perspectiva de mundo que a Geografia me proporcionou, decidi compartilhar algumas reflexões com alunos de famílias carentes e continuei minhas atividades como professor voluntário em diversos cursos populares, até ser convidado a trabalhar em uma escola e passar a ser remunerado por isso. Contudo, ao terminar a pós-graduação, fiquei um bom tempo desempregado, recebendo inúmeros “nãos”, inclusive, com justificativas de que possuía muitas qualificações e não poderia ser contratado, pois teriam que me pagar um adicional. Se minha mãe, lá no passado, esperava que, ao estudar, eu tivesse uma vida boa e confortável, nos tempos atuais, eu percebo que estudar não é sinônimo de ter um futuro de mordomias, mas um futuro de desafios.

No entanto, ao mesmo tempo em que percebo que estudar não é sinônimo de um futuro confortável, também vejo a educação como um instrumento de transformação social e como forma de alcançar uma sociedade mais justa. Mas isso leva tempo.

Pode-se dizer que o tempo se torna um projeto político de transformação social e uma oportunidade de luta pela libertação. Assim, o tempo na educação é tempo de esperança. Ao tratar da esperança, não se pode desconsiderá-la na luta para melhorar o mundo, atribuindo uma perspectiva dirigida à construção ao invés da destruição, implicando uma visão de tempo que é uma evolução irreversível (FREIRE, 1978; 1996; 2014).

Por fim, para Freire (2014), na realização humana do ser histórico-social, o passado, o presente e o futuro não são departamentos estanques, mas se caracterizam pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores e desafios, em interação. De tal forma, o ontem, o hoje e o amanhã não são como se fossem seções fechadas e intercomunicáveis do tempo que ficam petrificadas e nas quais estivemos “aprisionados”. Pois, desse modo, desapareceria uma condição fundamental da história, sua continuidade. No contexto social, a continuidade para superar condições

injustas, como as que passei e que muitas pessoas passam. Portanto, é possível conseguir superar os tempos de dificuldade, mas é necessário agir e correr contra o tempo.

Giovane de Oliveira Bonilha

Referências

BERGSON, H. (2011). **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. São Paulo: Martins Fontes.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança** – um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 2014. Disponível em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf>

PASSOS, L. A. Tempo. In D. R. Streck, E. Redin, & J. J. Zitzoski (Orgs.), **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

SEVALHO, G. **Ensaio sobre a ideia de tempo em Paulo Freire: a presença da duração bergsoniana**. *Pro-Posições* [online]. 2018, vol.29, n.1, pp.172-191. ISSN 1980-6248. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v29n1/0103-7307-pp-29-1-0172.pdf>.

Mundos

Bruna Coimbra Pedroso

Rio Grande, ano de 2019.

Caro leitor, colega, amigo,

Por meio desta carta, venho lhe contar um pouco dos mundos que conheci durante meus, até então, 20 anos de vida.

Nasci em uma família com uma estrutura muito boa, em um bairro de periferia, junto com pessoas de realidades totalmente diferentes, tanto de classes sociais como de raça, cor, etnia, etc. Quando fui para a escola Educandário Coração de Maria, que atende ao orfanato Raio de Luz, da cidade de Rio Grande, comecei minha caminhada diante do conhecimento dos mundos fora daquele construído pela família e suas relações, podendo conhecer pessoas com realidades extremamente opostas à minha, mas sempre com prazer de conhecer os diferentes mundos que cada um carrega consigo.

A partir do conhecimento desses diferentes mundos, tive contatos incríveis com diferentes pessoas, como uma menina que residia no orfanato e era minha inseparável amiga durante os anos em que pude estar na escola, assim como duas professoras que marcaram muito minha vida: Rosane Farinha e Denise Fernandes.

Era através da escola que ajudava meus colegas a resolverem suas atividades e, até mesmo, auxiliava nos estudos com explicações, empatia, respeito, etc., podendo, assim, escolher minha profissão e vocação: ser professora.

Quando ingressei na última escola básica de minha vida, tive um contato com um mundo completamente diferente do que estava acostumada na outra escola, mas pude ter uma

adaptação rápida a este novo mundo que frequentei por sete anos completando o ensino fundamental e o ensino médio. Dentro desse mundo em que passei sete anos, pude fazer amizades incríveis que possuo até hoje, incluindo professores: Louíse, Marcel, Débora, Kelly, etc.

No ambiente escolar, tive vários exemplos sobre a profissão que exercerei com amor, pois tinha professores dedicados, preocupados, interessados e que, principalmente, tentavam uma proximidade dos alunos.

No ambiente da escola CESAM, escola essa que passei sete anos, pude me deparar, também, com diversas pessoas que possuem conhecimentos através dos mundos que passaram, tendo, então, uma leitura de mundo em si, uma visão particular do mundo.

Após concluir minha passagem por esses dois mundos incríveis, pude escolher meu ensino superior e decidi fazer licenciatura em química na Universidade Federal do Rio Grande e fui muito questionada por minha família. Realizei o ENEM de 2016, ao final do meu terceiro ano do ensino médio, e tive a alegria de ser aprovada na faculdade que tanto gostaria de cursar.

Na Universidade Federal do Rio Grande, um mundo completamente novo para uma adolescente de dezessete anos, pude crescer como ser humano e amadurecer bastante através das disciplinas pedagógicas do curso: professores me inspiram, atividades realizadas com alunos e o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

Através do professor Moacir, professora Aline e professora Ana, pude me apaixonar, mais ainda, pela profissão, pois percebia como todos eles se dedicavam arduamente a este trabalho com muita luta, resistência e amor.

Na metade de minha vida acadêmica, pude conhecer duas professoras incrivelmente humanas que me ajudaram a ter forças para enfrentar um problema de saúde muito forte: Jara e Eliane. A cada vez que conversava com cada uma delas, ouvia que “tudo bem, vai dar certo”, “cada coisa em seu tempo”, “não desiste”, etc.

Os professores citados, durante essa carta, foram a

ponte para que eu nunca desistisse de minha profissão, pois existe a humana docência. Ponte para que eu abra cada vez mais meus horizontes querendo conhecer cada pessoa, pois cada aluno, professor, ser humano não é um livro em branco. Todos temos nossa leitura de mundo que vamos moldando, acrescentando, diminuindo conforme vamos nos deparando com novas pessoas, novos ambientes, novos mundos.

Bruna Coimbra Pedroso

Justiça

Jhoseh Reynaldo Patrício da Silva Guimarães

Rio Grande, ano de 2019.

Prezado leitor,

Sou aluno do curso de Geografia e faço este texto para compartilhar minhas experiências na disciplina de educação de jovens e adultos (EJA). Disciplina que considero essencial para o bom exercício da prática pedagógica.

No primeiro dia de aula da disciplina de EJA, após as apresentações dos alunos e professoras, ocorreu a primeira atividade, que foi escolher uma palavra entre várias que estavam distribuídas aleatoriamente no chão. A palavra que escolhida por mim foi JUSTIÇA.

No segundo momento, as professoras explicaram que todas as palavras apresentadas estavam intimamente ligadas aos pensamentos pedagógicos das obras do professor Paulo Freire e que deveríamos escrever nossas percepções da palavra escolhida. Posteriormente, deveríamos pesquisar e desenvolver o sentido da palavra escolhida conforme as obras freirianas.

Minhas primeiras palavras: a escolha da palavra justiça ocorreu por ser uma palavra forte, que passa o sentido de igualdade e equilíbrio. Outro motivo para a escolha vem da crença de que todos a apreciam e a desejam e ninguém gosta de injustiças ou de ser injustiçado.

Entendo justiça no sentido equalizador, que faz lembrar o Direito e todo o conjunto de leis do nosso ordenamento jurídico, em que a principal Lei balizadora no Estado Brasileiro é a Constituição Federal de 1988. A Constituição Federal, no

seu Art. 5º, menciona

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantido-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade[...].”

Este artigo apresenta, dentre outras coisas, as estruturas para a justiça. Porém, como podemos observar, mesmo esses direitos fundamentais estando expressos na Constituição Federal, eles não são respeitados. Logo, entendo que simplesmente a lei não basta para garantir esses direitos. No Brasil, existem diversas leis que são desrespeitadas, como, por exemplo, as leis ambientais e leis que regem o planejamento urbano. Tais leis são consideradas avançadíssimas, entretanto é nítido os descasos que ocorrem no Brasil, tanto nas questões ambientais quanto nos planejamentos urbanos das cidades brasileiras.

Como dito, só a lei não é garantia de justiça. Precisamos de práticas e ações efetivas dos agentes sociais. É justamente nessa prática cotidiana de assegurar a justiça que a proposta educacional de Paulo Freire contribui, de forma surpreendente, para sua realização. O pensamento freiriano vai muito mais além do conhecimento jurídico do Direito. Está associado à justiça social com o objetivo de construção de uma sociedade mais igualitária, em que os indivíduos tenham possibilidades de fazer uma avaliação da sua situação como ser social e que tenham capacidade de criticá-la, permitindo, dessa forma, combater as injustiças e as desigualdades sociais.

A ferramenta para conseguir esses objetivos, segundo Freire, é a educação. Porém, a educação deveria ser libertadora, não uma educação bancária de acúmulo de conhecimentos, de massificação, tecnicizada e utilitarista, que, segundo ele, seria uma educação que formava indivíduos medíocres, suprimindo o poder de criação e não levando em consideração as características e experiências individuais do educando. Observei, nas obras de Freire, que esse modelo

educacional de acúmulos sucessivos de conhecimento seria fortemente inspirado nos valores capitalistas e, por consequência, tornou-se um modelo para preparar e atender às demandas econômicas.

A proposta educacional de Freire tem como característica a humanização do indivíduo, levando em consideração os conhecimentos pretéritos adquiridos e aplicando práticas pedagógicas dinâmicas de aprendizagem. Segundo o educador, entre um mês e meio e dois meses, com círculos de cultura funcionado de segunda a sexta-feira, com cerca de uma hora e meia por dia, é possível que grupos de 25 a 30 homens aprendam a ler e escrever. Porém, essa prática de aprendizagem de Freire não se baseava apenas em ler e escrever, ela permitia ao educando modificar sua forma de “ler o mundo”, sendo, a partir daquele momento, um ser crítico.

O ser crítico tem a capacidade de ver sua posição de oprimido e começa a deixar de ser passivo, tornando-se um lutador para combater e superar as injustiças com medidas mais participativas em busca de justiça social.

Para Freire, educar é um ato de amor e quem ama promove a justiça. Não há educação sem amor, como ele afirmou: “O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”. Quem ama educar não discrimina por questões de gênero, raça ou classe social.

Conforme escrevi, Freire promovia uma educação muito além do saber ler e escrever. É essa forma de aprendizagem que permitia ao educando contestar sua realidade, o que gerou conflitos com a classe conservadora. Conservadora no sentido de perpetuar sua posição de opressor que, para Freire, é a classe dominante. Por esse motivo, Freire foi injustiçado e, por força de suas ideias consideradas revolucionárias, foi exilado durante o regime militar.

Foi justamente esse regime que tentou suprimir o pensamento de Freire no Brasil que, ironicamente, permitiu espalhar seus pensamentos pelo mundo, tornando-o um dos educadores mais citados no mundo. Hoje, o professor Paulo

Freire é o patrono da educação brasileira por seus relevantes serviços prestados à educação. Mesmo assim, atualmente, diversas pessoas tentam contestar seu trabalho, um homem que lutou por justiça social para o povo brasileiro mais humilde. Mesmo assim, tentam responsabilizá-lo pela falência do sistema educacional brasileiro.

Por isso, caro leitor, antes de tecer sua opinião sobre Paulo Freire, é necessário formar argumentos com base científica. Você pode “gostar ou não gostar”, ou, ainda, ter sugestões para aprimorar o método freiriano, porém faça justiça com seu legado para a educação, já que seu método não foi aplicado de forma ampla em nível nacional, se resumindo em alguns projetos, projetos que foram um sucesso. Então, como ele poderia ser responsável pela falência educacional brasileira?

O mais interessante é que as críticas realizadas por Freire, na década de 60, ainda são contemporâneas no sistema educacional brasileiro. Acredito que a educação é apenas uma das engrenagens que compõem a sociedade, que influencia e é influenciada pelos agentes sociais, porém tem um papel fundamental para o desenvolvimento humano tanto individual como em sociedade. O problema é que, infelizmente, ela não está cumprindo seu papel de transformar e libertar, já que os indivíduos são adestrados como rebanhos. Dessa forma, criam indivíduos para atender a funções predeterminadas e guiadas por necessidades econômicas. Portanto, a educação libertadora, criativa e de promoção da elevação cultural e garantidora da justiça social ainda está muito distante da realidade brasileira.

Jhoseh Reynaldo Patrício da Silva Guimarães

Referências

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e palavras. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: 8 ed. Cortez Editora, 1984.

WENTZ, V. História. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Aprender

Katia Rekowski Bistrichi

Rio Grande, ano de 2019.

Escrevo para aqueles que se importam com a educação, sejam educadores, sejam educandos.

Falo da educação libertadora, que arranca correntes que aprisionam milhares de pessoas no paradigma que define o que cada pessoa deverá ser. Para construir uma educação libertadora, nós, futuros profissionais, precisamos aprender a pô-la em prática, e muitos professores, já em atuação, precisam repensar seu método de ensino e continuar aprendendo, para que, de fato, possamos ter uma educação libertadora, e por esse motivo, na disciplina de EJA, escolhi a palavra “aprender”. Na minha compreensão, aprender tem um significado glorioso, pois nos permitimos construir e emancipar nosso saber. Ao mesmo tempo, é sinônimo de humildade, pois abrimos mão das nossas certezas absolutas.

Como Paulo Freire cita, “[...] ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte” (FREIRE, 2001, p. 40). Para mim, essa fala de Paulo Freire significa que estamos sempre aprendendo e apreendendo, seja com nossos alunos em sala de aula, seja com pessoas do nosso cotidiano e, quando aprendemos algo, mudamos e nos construímos. Atualmente, ainda se tem a ideia de que professor é o único que tem algo para ensinar e que não pode ser questionado, que tem apenas a tarefa de transmitir o que sabe e, infelizmente, há muitos casos em que professores adotam esta postura, proporcionando uma educação que forma pessoas alienadas, que não questionam ou criticam o mundo ao seu redor. Ao me enxergar como futura professora, sigo a

linha dos pensamentos freirianos em que a educação que muda e transforma pessoas, que não se resume em transmitir o conteúdo, mas em construir saberes coletivamente. Que não só ensina, mas que aprende com cada aluno ou pessoa, que se preocupa em formar seres com sonhos de poder ser o que almejar, de pensar e criticar sua sociedade, seu mundo, contribuindo para uma vida melhor a todos.

Paulo Freire diz

[...] Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser miramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora.” (FREIRE, 1967, p. 42).

Através desta citação, compreendo a palavra aprender como sinônimo de liberdade. Poder aprender já considero um ato de liberdade, mas somente quando o que ensinamos é através de uma educação libertadora. Vejamos: no nosso cenário político atual, vivemos a triste realidade de um governo que desqualifica a educação como um todo, mas ataca, principalmente, nós, futuros professores e profissionais da área educação, os quais ansiamos pela mudança desse País tão desigual, marcado pela violência e miséria que o sistema vigente reproduz há décadas. Um sistema capitalista que enriquece os cofres da elite a custo da miséria de milhares de pessoas e que tem interesse que permaneça assim a fim de manter seu império. Mas, afinal, o que isso tem a ver com a educação em forma de liberdade?

Este sistema tem reflexos nas escolas e no método de “educar”. O contraste de uma rede de colégios particulares para colégios públicos é devastador, mesmo ambas não tendo o ensino que buscamos; é perceptível que uma ensina alunos a comandarem, disponibilizando material e infraestrutura de qualidade, com direito a testes vocacionais, sempre instruindo profissões vistas de sucesso em que, majoritariamente, quem frequenta são pessoas de famílias ricas (escolas particulares).

Enquanto a outra ensina a serem comandados em condições precárias, em que sempre vemos um estímulo para a inserção ao mercado de trabalho a fim de “melhorar de vida”. Seu público é constituído, normalmente, por pessoa de família de média e baixa renda (escolas públicas), e isso reflete no futuro desses jovens, como mostra esta reportagem

“...o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou o ranking das escolas com melhor pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). E a desigualdade entre as condições de escolas públicas e privadas é marcante. A média geral das escolas brasileiras é 525 pontos, mas 91% das escolas públicas estão abaixo da média.” (Exame, 2016).

Vemos, portanto, que o acesso à universidade ainda é majoritariamente ocupado por pessoas com melhores condições financeiras e as mesmas, conseqüentemente, terão mais chance de assumir cargo de comando e poder. Essa comparação não é uma regra, mas é a realidade de muitas escolas públicas e particulares. E onde está a liberdade de aprender, de aprender em seus mais diversos significados, do educador aprender com os educandos, dos educandos poderem ter uma educação que os faça sonhar e, principalmente, ver o mundo e poder criticar e questionar?

O que vejo é que está sendo caçada esta liberdade de poder aprender, pois a educação que liberta assusta governantes quando percebem que as pessoas, principalmente quando são pobres, saem do mercado e entram em universidades, entram em movimentos que criticam sua postura de fazer política, colocando em risco o paradigma dominante. Por esse motivo, adotar uma educação transformadora, além de ser necessário aprender diariamente como fazê-la acontecer, é preciso aprender estratégias de resposta quando tentam combatê-la.

Destaco a importância da palavra aprender, porque precisamos aprender a aprender antes de qualquer coisa, considerando que existe todo um sistema que quer nos impedir

e, não podemos, nós mesmos, nos privar dessa liberdade de mudança. No contexto de educação, um professor, quando aprende, muda. Muda sua didática, sua maneira de dar aula, de ver os alunos, e esse professor pode mudar milhões de vida, ou, apenas, uma que já será um grande triunfo.

Uma das coisas que considero ser mais importante em aprender para ter uma educação libertadora é conhecer nossos alunos, identificar o saber da turma, o grau de conhecimento, para, então, trabalhar junto a eles e não tentar fazer com que eles entendam do mesmo modo que o professor entende, e sim adaptar nosso conhecimento para a turma, pois, “temos de respeitar os níveis de compreensão dos educandos – não importa quem sejam – [...] Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar a soluções autoritárias como caminhos de liberdade” (FREIRE, 2003, p. 27).

Como aluna, já tive professores cuja turma considerava a aula e avaliações muito difíceis, o que nos desestimulava, nos fazendo pensar que não éramos capazes, e o professor, em reuniões, sempre colocava o problema na nossa turma. Hoje, depois de ter aprendido muito sobre o que é ser professor, percebo que o problema não era minha turma, ou que era leiga demais para a aula dele, mas que o ego daquele professor não permitiu que ele aprendesse um método diferente de adaptar seus conhecimentos.

Eu posso dizer que aprendi a querer ser professora, sempre tive a visão do ser professor como alguém que apenas transmite conteúdos, mas, ao final de minha graduação em Gestão Ambiental – em meu estágio –, trabalhei em escolas com o objetivo de conscientização dos alunos sobre diversos aspectos ambientais, ao estar junto uma turma, vi como o ato de educar pode ser transformador. Na época, uma “aluna” me contou que estava ensinando a mãe a separar o lixo; um ato tão pequeno foi tão gratificante para mim, ver que contribuí para uma melhor relação com o meio ambiente, e este sentimento cresceu dentro de mim. E eu, mesmo sem conhecer ainda Paulo Freire, queria dar o meu melhor para mudar o mundo e fazer isso através da educação.

Naquele dia, eu aprendi com minha aluna; ela me

ensinou que a educação pode, sim, mudar muitas coisas. Ao longo da minha vida, já tive professores que considerava amigos, por serem tão próximos, por se importarem e lutarem por mim. Quando optei pela carreira de licenciatura, eles me vieram à mente e, mesmo não sabendo na época, hoje, vejo o quanto aprendi, além do conteúdo didático, com eles: o exemplo de suas aulas em que me espelho até hoje.

Tive professores também que pecaram, em meu ponto de vista, no seu papel de educador, mas, com eles, também aprendi a como não quero ser. Em ambos os casos, estamos sempre aprendendo, o aprendizado está sempre acontecendo, e ele vai nos construindo em cada experiência que vamos experimentando.

Ao ingressar na licenciatura em geografia, escolhi duas coisas que amo e as juntei: as questões ambientais e dar aula. Desde o início do curso, já aprendi tantas coisas e tive tantas experiências na área da educação que, com certeza, não sou mais a mesma pessoa que ingressou em 2018. Sinto que me construo, diariamente, a cada aula, observo professores e aprendo com eles no que nos dizem e em seu modo de dar aula, sempre me colocando no lugar de professora; algumas vezes, pensando, “eu daria aula assim”; outras, “eu faria diferente”.

Com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – Pibid, tive a oportunidade de planejar e dar uma aula por um dia, e aprendi, na prática, a pensar em uma aula, prepará-la e ver que nem tudo sai como idealizamos. Quando preparei a aula, a única coisa em que pensei foi no diálogo para que pudesse construir, junto com os alunos, o conhecimento, como cita Paulo Freire:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2011, p. 109).

Eu não queria apenas transmitir o conteúdo, queria construir com eles essa compreensão; como resultado, a turma foi muito participativa, mas eu errei na linguagem do material que elaborei; por estar em constante convívio com o meio acadêmico, não tive esse cuidado e apenas no dia da aula pude perceber que os alunos eram novos para a abordagem que escolhi; eu aprendi com meu erro, com certeza, em uma próxima vez, não irá se repetir, pois com o erro eu aprendi; aprendendo, eu mudei.

Na disciplina da EJA, no primeiro dia, foi feita a dinâmica à qual este texto se refere; escolhemos palavras com as quais nos identificássemos ou gostássemos. Ao ver a palavra “aprender”, já tinha decidido que a escolheria, pois me representava como aluna, professora e ser humano que está em constante aprendizado.

Desde então, vejo o quanto já aprendi; as aulas de EJA são muito prazerosas para mim, me encham de esperança, de vontade de querer mudar e dar meu melhor para isso; e este ânimo é essencial diante da situação em que a educação, principalmente em escolas públicas e modalidades como a EJA, se encontram, enfrentam o abandono e o descaso dos órgãos responsáveis, contando, somente, com empenho de professores ou de alguns professores.

As aulas de EJA nos encorajam a lidar com variadas ocasiões e manter um pensamento positivo de não desacreditar na educação. Devemos lutar por ela. Estamos em tempos de luta, não há maneira melhor de lutar do que praticando a educação transformadora. Ouvei, em sala de aula, que iremos enfrentar diversas situações. Cada aluno terá sua bagagem, seus problemas que não deixam de existir quando estão em aula; devemos ter a sensibilidade de querer ajudar da melhor forma possível, mostrando que nos importamos com nossos alunos e acreditamos neles. E, mesmo sem recursos, devemos dar o nosso melhor mesmo que tenhamos que sentar todos no chão porque, na sala, talvez, falem cadeiras ou classes. Fazendo com que todos se sintam acolhidos, podemos, assim, não mudar nada ou mudar tudo; um aluno que conseguimos ajudamos é um mundo que mudamos.

Precisamos aprender a mudar ou, pelo menos, tentar, mesmo que, para isso, tenhamos de ter que aprender e reaprender diversas vezes conosco e com nossos alunos, pois “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE, 1981, p. 78).

Em um trabalho em que observamos aulas de EJA e, posteriormente, faríamos uma intervenção, tive a oportunidade de, mais uma vez, aprender. É fácil idealizar uma aula perfeita, pensar como irei lidar se tal situação acontecer, mas, na prática, surgem diversos desafios. Ao observar uma aula de uma turma de EJA, com 3 aulas com duas professoras diferentes, notei que a primeira demonstrava o perfil do professor que está ali, simplesmente, para passar seu conteúdo, ficando nítido seu desinteresse pela turma, e a turma correspondia a este estímulo, não interagiam e pouco se interessavam. Mas, felizmente, a segunda me surpreendeu. Deu sua aula de modo participativo, elogiando os alunos, mostrando que eram capazes, levando o conhecimento deles em consideração e o modo como eles reagiram a esta aula foi incrível. E em tão pouco tempo, eu aprendi tanto como nossa colocação com os alunos pode mudar tudo, queria que todas as aulas os fizessem sentir como naquela da segunda professora.

Portanto, a cada experiência que temos, nesse processo de formação, nós aprendemos e, por isso, devemos continuar a aprender, principalmente, com nossos próprios erros; aprender o que é uma educação de fato transformadora e depois aprender a trabalhar com ela e reaprender diversas vezes. Aprender significa se transformar, pois você incorpora lições que não faziam parte de você antes, você muda e quando isso acontece na educação de modo que ela seja transformadora, você passa a mudar pessoas e, como diria Paulo Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (1987, p. 87). Assim, deixo aqui o meu adeus, e meu muito obrigado por poder aprender tanto escrevendo esta carta, espero que,

para você que está lendo, também possa ter aprendido um pouco, assim, nos construindo cada vez melhor para enfrentar o grande desafio que é a educação brasileira.

Katia Rekowski Bistrichi

Referências

FREIRE, P. **Política e educação**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1981; 1987.

O abismo entre escolas públicas e privadas. Exame, 4 de out. de 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/o-abismo-entre-escolas-publicas-e-privadas/> Acesso em: 07 de nov. de 2019.

História

Laura Laco

Rio Grande, ano de 2019.

A palavra História na mão:
carta a quem ousa segurá-la também

Era a primeira aula e havia, na sala, muitas palavras no chão, descansando sobre um pano colorido. Ali estava ela, a primeira palavra que vi no chão. Dentre todas elas, era *ela* que gritava naquele canto, pedindo para ser lida. A professora pediu para que escolhêssemos uma. Esperei os colegas pegarem as suas, se ninguém a quisesse, levantaria para buscá-la, e o fiz.

A História tinha ficado nas minhas mãos. Responsabilidade grande era essa. A palavra precisava ser traduzida com outras palavras que não diminuíssem o valor dela. Que responsabilidade as encontrar no meu Português.

Escolhi a História porque ela está na mão de todos, mesmo que não escrita na nossa língua, ou, talvez, em linguagem. Se a escrevemos, por muitas vezes, não vemos ou nem sequer sabemos que a escrevemos todos os dias. A ti, que está na escola, que ainda não usa o lápis para escrevê-la, não se desespere. Porque Paulo Freire disse uma vez:

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (1987, p.08)

Como disse, “Aprender a ler o mundo” vem antes da palavra, e a História, com certeza, já existia mesmo antes da

escrita, por mais que, antes disso, nela se coloque o “pré” na frente. Ela já estava lá mesmo que não em signos como conhecemos hoje. Porque tudo são signos. Tudo que fazemos tem significado. Coitadas das coisas que carecem de significado, essas, com certeza, são as coisas tristes.

Esta carta é para você que trabalha e estuda. Que, por alguma retirada no direito de ser criança, de se alimentar, de ter acesso à saúde, ao lazer e à própria dignidade enquanto ser humano, teve de abandonar a escola. A evasão é um exílio que, sem que percebesse, te colocou no lado de fora desses muros. Deves saber que os muros nunca te colocaram do lado de fora dessa História. Um fato é que a própria história existe mesmo que não seja contada. E dentro dela, quantas histórias não são?

Em algum lugar da cidade, pela noite, o sinal da escola tocou. O educando pegou a mochila e entrou no ônibus para estudar. Serás tu, o leitor, o educando que me lê? Se ainda estiver aqui a ler, não esqueça de colocar dentro da mochila a História que carregas. E é preciso que saibas, também, que, mesmo que não a coloques, ela estará sendo carregada por ti. Por ti e por quem te rodeia, porque a história não se constrói sozinha.

Laura Laco

Referências

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1990.

Poesia

Patrick Neves da Rocha

Rio Grande, ano de 2019.

Quando pensamos em poesia, somos levados a imaginar aquilo que é romântico, que possui referência no amor, na paixão e na inspiração que esses dois sentimentos nos trazem. É corriqueiro, também, usarmos como sinônimo de algo belo aos olhos, ao exemplo de um pôr do sol, sempre visto como “poético”, todavia a poesia é algo que nos traz toda uma gama de sentimentos, pode estar nas palavras lidas e acomodadas de forma a terem ritmo, como diz o dicionário, ou naquilo que te transforma com o tato, a visão, o cheiro e a audição. A poesia é arte.

A escolha da palavra é tida pela representação, “a poesia está em tudo”, pode ser uma música sem instrumentos, pode ser uma linha em braile e pode esconder um protesto político de uma ditadura, ou seja, a palavra poesia nos remete ao todo, nos faz chorar e nos faz sorrir. Como bem demonstra Freire ao mencionar suas leituras da literatura de Cordel.

“Nunca esqueço de um daqueles livros que descrevia um ‘cuscuz’ com mais de mil metros de altura com que a população de um distrito se banqueteara. Essa não era assim uma imaginação louca mas a loucura de uma população faminta. O sonho que tomava forma na poesia, de maneira abundante, era a expressão de uma concreta falta” (FREIRE. 1997, p.48).

Neste caso, é fácil perceber que a poesia citada vem a demonstrar os desejos de uma população faminta, a falta da

abundância - este era o sentimento que aflorava com os versos, o que, talvez, não fosse a intenção do poeta.

Isto posto, sabendo que a própria literatura freireana é de difícil compreensão, dada a complexidade das questões trabalhadas, nós voltamos às palavras do próprio escritor, as quais dizem; “Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda criação humana” (FREIRE. 1967, p.109); vimos, então, que poesia é cultura, e assim como toda cultura, tem seus “porquês” e suas “intenções”; em outras palavras, a poesia pode refletir a construção literária de uma classe dominante, a qual expõe suas vontades, privilégios, desejos, frustrações, ou a canção popular, refletindo, além das paixões, seus desejos, vontades e frustrações.

Mas qual seria a poesia válida para Freire? Talvez, não exista uma “verdadeira poesia”, o que existe é uma apropriação. A poesia, em si, revela a arte; a arte, por sua vez, representa uma cultura, portanto apropria-se de um modelo e se distribui este modelo como o verdadeiro e real. Traz-se a ideia de que a poesia lírica dos romancistas é a única e transforma o “alexandrino” no ápice da perfeição. Então, jogando qualquer outra forma à margem.

Por este motivo, dizemos que, de forma particular, a poesia não se converte apenas em texto escrito, ou algo falado, mas é algo que está em todas as coisas, em uma paisagem, ou em uma música, como também no ritmo. Assim, temos poesia como algo que traz sentimentos, como dito, bons ou ruins - podendo nos fazer chorar, sorrir, sentir dor, ou amor. De certa forma, poesia é isso.

E é, nessa margem, que se encontram os sentimentos coletivos, e não só a visão do poeta, como também, outras formas de se fazer poesia, levando-a de um substantivo que nomeia uma estrutura pessoal a algo que nos revela um caleidoscópio de sentimentos.

Patrick Neves da Rocha

Referências

FREIRE, P. **Educação e Conscientização**. In: Educação como prática da liberdade. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

Querer bem

Maria Cristina Chaves Pires

Rio Grande, ano de 2019.

Caros Educandos/as da EJA,

Minha escolha recaiu sobre a palavra “Querer Bem” porque a mim parece que nada pode ser bem feito sem amor, sentimento que considero básico do humano. Na perspectiva de educador em formação, segundo inspiração na pedagogia freireana, reflito sobre a tarefa de ensinar e não acredito que consiga fazê-la com sucesso sem envolver sentimentos, cultivando a alegria e a esperança.

Esse querer bem significa a disponibilidade do envolvimento, do exercício de afetividade, do compromisso com os educandos/as e com a própria prática educativa. Segundo Freire (1996), a afetividade é um exercício de coragem, uma prática de amar que não deve interferir na seriedade do trabalho docente, mas conduzir com alegria a relação educandos/educadores durante os processos de ensino e aprendizagem.

Para um educador que espera formar cidadãos críticos e transformadores, aptos ao debate e a discussão da realidade, a educação é um ato de amor, pois permite que os educandos/as cheguem a ser eles mesmos na prática específica do ser humano. A ideia de que afetividade e seriedade docente não podem andar juntas é uma falsidade, o que não podemos permitir enquanto educadores é que nossa afetividade interfira em nossa ética, que a avaliação escolar de um educando seja condicionada pelo maior ou menor querer bem que tenhamos.

No dizer de Freire (1996), a promoção à criticidade deve ser acompanhada de uma rigorosa formação ética; o autor se diz convencido de que a prática educativa deve ser uma confirmação da decência e da pureza. Não devemos nos deixar levar pelas facilidades dos desvios mesmo que os caminhos verdadeiros nos pareçam bem mais dificultosos. Nós, humanos, mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de mudar, de escolher outra opção. Isso nos fez seres éticos.

A ética do educador, ao lidar com gente, não pode deixar de perceber a necessidade de dedicada atenção aos problemas individuais de determinado/a educando/a. Dentro da prática docente, é preciso encontrar esse “tempo” em que é possível olhar o outro em toda a sua complexidade de ser humano. Freire (1996, p.27) propõe a seguinte indagação: “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”

Minha experiência com docência aconteceu no curso de Geografia Bacharelado, na FURG, dentro do mestrado que cursei e posso afirmar que foi bastante reveladora. Procurei olhar cada educando/a, entender cada dificuldade, e tive um retorno maravilhoso. No final do semestre, na hora das avaliações finais, lembrei cada aula, cada conteúdo discutido, cada olhar que me pediu ajuda, e entendi que a avaliação é muito mais complexa que uma nota fria no sistema. Na verdade, é um conjunto de fatores que resulta em crescimento tanto para o educando/a como para o educador/a.

Me despedi da minha primeira turma com emoção, desejando que cada um alcançasse a plenitude de seus sonhos. Ainda hoje, quando nos encontramos, me chamam de professora, e confesso: dá um orgulho danado!

Tenho trabalhado, ao longo dos últimos anos, com o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico - NUDESE/FURG, o que me possibilitou a experiência de trabalhar na formação de grupos da Economia Popular Solidária. São grupos de pesca, artesanato, gastronomia e

reciclagem, trabalhando dentro da proposta freiriana de educação popular.

Gadotti (2009) nos fala sobre economia popular e sobre Paulo Freire:

Esta se manifesta por meio de alguns traços e características que fazem do homem e da mulher os sujeitos do processo produtivo-educativo. Uma economia de dimensão humana que resgata valores como cooperação, comunidade, coletividade, colaboração, coordenação e cogestão, integrando os elementos produção, organização e educação. O educador Paulo Freire ficou entusiasmado [...] afirma que a economia popular “representa algo novo e esperançoso para o futuro da educação popular da América Latina.” (GADOTTI, 2009, p. 20)

A proposta do Núcleo é assessorar os grupos das comunidades periféricas para que, através de seu trabalho, consigam melhorar sua qualidade de vida, com a geração de trabalho e renda, dentro de uma proposta de economia solidária.

Foi dentro de um grupo de recicladores que vivi uma das experiências mais marcantes. Estávamos recolhendo assinaturas para o documento de fundação da cooperativa de reciclagem quando percebi que vários futuros associados/as não sabiam ler. Entre eles, uma senhora se aproximou de mim e falou baixinho: “Não queria colocar o dedo no papel, queria escrever meu nome. Tenho muita vergonha e tristeza porque não sei ler e escrever.”

Naquele momento, desabei. Um sentimento de inutilidade tomou conta de mim. Como podia? Tão perto da FURG? Onde estamos que não vemos isso?

Aquele dia cheguei no prédio do NUDESE e chorei por ela e por mim. Falei com a coordenação e pedi para que alguma atitude fosse tomada, não teria mais sentido para mim se não retornasse com alguma resposta para aquela senhora. Meu pedido foi muito bem-recebido, em seguida, foi providenciado um curso de alfabetização dentro do prédio da recicladora,

coordenado por uma professora do Instituto de Educação e ministrado por bolsistas do curso de Pedagogia da FURG.

Depois de dois anos afastada para o mestrado, retornei no mês de junho desse ano para o Núcleo. Na primeira semana, fui visitar a cooperativa, e a sala de aula está lá! A grande notícia foi encontrar aquela senhora e ouvir dela: “Agora sei ler e escrever, tenho muito orgulho de mim por não ter desistido”. Não tenho palavras para dizer o que senti, desta vez, chorei de alegria.

Essa realidade tão dura, de pessoas tão desassistidas, está ao nosso redor. Onde estamos? O que fazemos? Somos freirianos mesmo? Precisamos urgentemente sair de nossos muros universitários, nos deixar chocar! Nos disponibilizar.

Em minhas práticas diárias, percebo que o envolvimento inerente à prática de ensinar/aprender estimula o querer bem, cria afetividade e alegria. Estimula um olhar atento a cada educando, na busca da valorização de cada ser humano que faz parte desta caminhada. Quando amamos, cuidamos.

É nesta perspectiva que me dirijo a vocês educandos/as, com o comprometimento de minha dedicação, de meu entusiasmo, de meu querer bem, para que juntos iniciemos o projeto de uma sociedade mais justa e igualitária, na conjugação perfeita do lindo verbo ESPERANÇAR!

Um beijo no coração,

Maria Cristina Pires

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz Terra, 1996. (Coleção Leituras)

GADOTTI, M. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Educação popular).

Escutar

Raffael Ottensen Malheiro

Rio Grande, ano de 2019.

Sabemos que o ato de escutar é uma capacidade cognitiva do ser humano para se comunicar e interagir com o mundo. Porém, segundo Freire, saber escutar é um dos saberes necessários à prática educativa, apresentados pelo mesmo no livro *Pedagogia da Autonomia* (1977). Trata-se de uma escuta que vai além da capacidade auditiva e difere da pura cordialidade. O ato de aprender a escutar o mundo, as pessoas, as situações e os momentos é fundamental para o convívio de qualquer indivíduo sozinho ou em sociedade.

O mesmo, também, é um ato muito complexo e extenso, pois saber escutar é saber observar e reconhecer o mundo ao nosso redor com diferentes pontos de vista, diferentes caminhos e oportunidades apresentadas no momento que abrimos este espaço e nos permitimos aprender a enxergar com outros olhos, os olhos do conhecimento e da aprendizagem.

Você se lembra de parar em algum momento do seu dia durante seu cotidiano para escutar? Para escutar e observar as coisas acontecendo ao seu redor, para escutar pensamentos e ideias que rodeiam sua mente e, muitas vezes, se perdem ou nem chegam a ser notados, em meio a tantos outros que você prioriza, e desenvolve um mecanismo de seleção em que o seu “automático” assume controle, e você acaba só escutando o que o favorece no momento, ou o que quer.

Se parássemos por um instante para fazer isso, conseguiríamos abrir portas para a oportunidade de entender e sentir coisas diferentes quanto a situações que ainda não conhecemos.

O motivo desta ação ser tão importante, tanto para você quanto para o outro, é porque, fazendo isso, podemos ser mais empáticos com o mundo, com as pessoas e com a vida. Podemos nos colocar diariamente no lugar um do outro e adquirir a experiência de ajudar e transformar todos os dias, e reconhecer que cada indivíduo enfrenta situações diferentes todos os dias e que, se não abrirmos espaço para escutar, talvez jamais iremos ter acesso à informação da forma que o outro lida com a mesma situação que nós mesmos estamos passando. Dentro de cada um de nós, há nosso próprio ponto de vista a respeito de tudo, ele só não pode estar concretado e imutável. É preciso que aceite estar sujeito a mudar sempre, conforme vivemos e escutamos a vida.

Até então, parece fácil pensar no fato de que, somente com um simples ato, podemos abrir um mundo de novas possibilidades e oportunidades, mas muitas pessoas não conseguem encontrar isso logo de cara. Existem casos em que passamos por determinada situação com consequências para, somente, então, aprendermos. Mesmo tendo acesso à informação de saber como passar pelas mesmas sem as consequências, optamos por passar, mesmo assim, por ignorar a informação e aprender com nossos erros. Nunca é tarde demais para começar a praticar caminhar por caminhos diferentes, em que sabemos escutar e aprender com a experiência do outro.

Podemos sentir um pouco dessa mensagem através de uma música chamada “Credo”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, que diz assim:

Caminhando pela noite de nossa cidade, acendendo a esperança e apagando a escuridão. Vamos, caminhando pelas ruas de nossa cidade, viver derramando a juventude pelos corações. enha fé no nosso povo que ele resiste. Tenha fé no nosso povo que ele insiste. E acordar novo, forte, alegre, cheio de paixão. Vamos, caminhando de mãos dadas com a alma nova, viver semeando a liberdade em cada coração. Tenha fé no nosso povo que ele acorda. Tenha fé no nosso povo que ele assusta. Caminhando e vivendo com a alma aberta,

aquecidos pelo sol que vem depois do temporal. Vamos, companheiros pelas ruas de nossa cidade, cantar semeando um sonho que vai ter de ser real. Caminhemos pela noite com a esperança. Caminhemos pela noite com a juventude.

Nessa letra, podemos identificar versos em que os autores falam de nunca ser “tarde demais” para mudar e para agir diferente. Mencionam, também, em “Viver semeando a liberdade em cada coração”, o fato de que devemos compartilhar a nossa liberdade e a do outro de viver, de observar e de transformar.

No verso: “Tenha fé no nosso povo que ele acorda; Tenha fé no nosso povo que ele assusta”, podemos interpretar esse pedido de fé para que acreditemos que podemos, sim, “acordar” para diferentes realidades, no sentido de “abrir os olhos da alma” e enxergar o que vai além do físico, prestando nossa atenção ao redor em cada detalhe, “assustando” quem não o faz, mostrando este caminho e a possibilidade real do mesmo.

“Saber escutar é condição para o desenvolvimento de uma prática educativa democrática”, disse Paulo Freire em uma de suas obras. Frase muito importante para reflexão de quem está cursando licenciatura e estudando para estar à frente da sala de aula, que só concorda com tudo que falamos até então, no fato da aquisição e conquista do conhecimento e da aprendizagem, para o então, compartilhamento com os demais da informação adquirida na prática de escutar. SOLTO

Outra frase de Freire que devemos refletir é a seguinte: “Valorizar o diferente de nós é absolutamente fundamental para o exercício da autonomia [...]. A professora que fecha seus ouvidos à dor, à indecisão, à angústia, à curiosidade do diferente, mata no diferente a possibilidade de ser”.

Não basta ter ouvidos para ouvir o que o outro diz. Escutar é uma arte, porque nem todo mundo sabe como escutar de verdade. É processar o que se está escutando, dar um significado e fazer um esforço para tentar compreender e, até mesmo, se sentir no lugar do outro a partir daquilo que está

sendo compartilhado. Existe uma incapacidade generalizada de ouvir de verdade o outro, e isso se dá pela manifestação da mais constante e sutil de nossa arrogância: "no fundo, somos mais interessantes".

Saber escutar é crucial para fortalecer conexões, melhorar a relação com quem nos cerca e crescer pessoal e profissionalmente. Existe uma diferença entre estar ouvindo e estar escutando outra pessoa. O ouvir é como estar naturalmente usando o órgão biológico do seu corpo, que não exige da sua parte nenhum esforço de raciocínio. É como estar sentado, assistindo à TV e, ao mesmo tempo, captando os sons externos do ambiente. Quando estamos escutando, no entanto, não estamos sendo precipitados e ouvimos com todos os nossos canais sensoriais (visão, audição, sinestésica). Estamos também atentando ao não verbal, estando totalmente presente, podendo dar *feedbacks* adequados a outra pessoa. Nos disponibilizando, também, a mudanças em nossos valores e virtudes no momento em que adquirimos conhecimento e aprendizado.

Dentre os diversos motivos pelos quais devemos seguir este caminho de escutar, em algum momento de nossa vida, o principal é adquirir o conhecimento necessário para sermos felizes e, ao mesmo tempo, estarmos proporcionando a felicidade do outro. Não adiantaria de nada termos o acesso à troca de informação e às ideias entre nós sem aproveitar a oportunidade de tornarmos a experiência de estar vivo melhor, para nós e para o outro.

Raffael Ottensen Malheiro

Ser Professor

Bianca da Silva Godinho

Rio Grande, ano de 2019.

Escolher uma palavra foi fácil e logo de cara avistei a minha: ser professor. Esta palavra para mim tem um grande significado, escolhi essa palavra pelos motivos que me levaram a querer me formar como uma professora.

Sempre quis me tornar professora e, mesmo antes de ter o contato com meus professores da escola, imaginava ser uma profissão linda e pensava que ganharia dinheiro (expectativa não realizada). Então, quando estava na minha adolescência, entre meus 16 anos, conheci professores que me reconheciam como um ser que tem seu próprio conhecimento, assim como dizia Paulo Freire (1921-1997), para quem “toda criança traz consigo uma bagagem, portanto ela não é um papel em branco onde o professor irá escrever novos conteúdo”. Isso me incentivou a ler e a estudar coisas que me interessavam, pois o meu conhecimento também era válido.

Quando entrei no curso de licenciatura em geografia, já estava me inspirando nesses professores, construindo minha metodologia e minha relação com os alunos. Estava muito feliz. Na minha família, sou a primeira a entrar em uma graduação.

Minha mãe nem completou o fundamental, então, para ela, foi uma alegria só. Tive incentivos do meu namorado, das minhas amigas, dos meus irmãos e dos meus professores embora alguns viessem me dar a dica de que a profissão é desvalorizada, que não ganha dinheiro e que não tem “status”. No entanto, aqueles professores que só me incentivaram continuaram me incentivando e mostrando todo lado de como seria bom ser professora; até hoje, no 4º semestre da faculdade, tem um professor (Francisco vulgo Chicão) que me contata perguntado como está o curso e minhas

experiências na monitoria.

A monitoria também foi um salto para mim neste trabalho: eu monitoro um aluno da inclusão em uma turma de crianças com 9 anos de idade. Fiz meu primeiro contato com a sala de aula neste trabalho, e fiquei apavorada no início, pois vi que muitos “problemas” das crianças estão diretamente ligados à família e, por vezes, não podemos fazer nada. Com o tempo, fui me adequando e percebi o quanto aprendemos com nossos alunos e o quanto de conhecimento para além dos conteúdos conceituais podemos oferecer a eles, isso nada mais é o que Paulo Freire dizia “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

Minhas experiências com professores foram várias. Desde professores que odeiam sua profissão, que odeiam seus alunos a professores que amam sua profissão e dão aula com toda amorosidade freiriana que conseguem. E isso me faz refletir sobre a ideia do professor que eu tenho, pois, em toda minha vida escolar, os professores “bons” que me marcaram foram poucos, os demais eram tradicionais ou comportamentalistas, e não podíamos nos manifestar em sala de aula, porém os cadernos estavam em dia, e o professor tinha seguido o cronograma. Mas aquele professor que nos dá liberdade de nos expressar e não consegue seguir o cronograma de conteúdos fracassou em sua missão?

Para mim, ser professor vai além do conteúdo, vai além de só transmitir o conhecimento, como aquele que trata seu aluno como um ser que já tem sua própria realidade, sua cultura, seu modo de aprender, tendo empatia com cada aluno, sabendo que todos, em uma turma, são diferentes e que temos que, ao máximo, atender a todos, sempre lembrando que não podemos impor nossa realidade sobre a de ninguém, cada um tem suas experiências de vida.

E isso faz pensar na multiculturalidade no ambiente escolar e como lidar e trabalhar com essa diversidade? Como tratar de representatividade das minorias? Isso também se dá quando o professor tenta trazer para aulas a representatividade dessa multiculturalidade, uma charge com alguém da inclusão, um poema sobre o preconceito e

outras formas que abordamos a minoria, sem distinguir e sair do “conteúdo” que tem de ser passado.

Ser professor é abordar várias temáticas que precisamos entender e compreender para sermos um bom professor. Isso diz respeito à empatia com os alunos, com o método na sala de aula, com o autoritarismo que muitos professores insistem em usar, com a relação com os alunos, com a relação com a comunidade escolar, com a maneira de se trabalhar com a multiculturalidade, entre outras diversas que o professor, por muitas vezes, aprende só na prática, sendo professor.

O autoritarismo é algo muito complicado de lidar, pois, com crianças e adolescentes, se, por um lado, não mantivermos nosso papel de autoridade da sala, por outro, não teremos condições de conduzir e, assim, perderemos muito tempo para organizar este tempo e espaço. Na minha compreensão, temos que, ao mesmo tempo que ter autoridade, ensinar a eles a ter autonomia, deixando que tomem algumas decisões de como vai ocorrer a aula, dar algumas opiniões do que eles pensam sobre a aula e mostrar que não é por que eu “sou legal” que eles vão poder fazer tudo o que quiser e se desvirtuar totalmente do planejado para aula, mas sim ensinar que tudo tem seu tempo e sua hora, que não é porque um professor é mais legal que não tem que respeitar ou não entregar algum trabalho, atitudes feitas, muitas vezes, pelos alunos, geralmente, com os professores que não encontram esses caminhos em aula.

Porém, essa atitude, para mim, tem uma explicação: tem alunos que ficam 5 horas sentados em uma cadeira, sem falar com o colega e sem se mexer, porque o professor não deixa, e, então, quando chega um professor para quem ele possa se expressar, esse aluno fica tão empolgado que extrapola e perde o rumo da aula. Então, tudo, na escola, deve ser medido cuidadosamente para que a sala de aula não se torne um ambiente de opressão ou um ambiente tumultuado, mas sim em um ambiente libertador.

Afinal, “quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser o opressor” (Paulo Freire).

Bianca da Silva Godinho

Emancipação

Nathali Miranda Lemos

Rio Grande, ano de 2019.

Olá, queridas professoras.

Passei alguns dias me questionando sobre o conteúdo desta carta, pensando em como escreveria sobre minha palavra: emancipação. Acredito que as dúvidas foram grandes justamente pela relação forte que tenho com essa palavra. Ou melhor, não apenas uma palavra, mas um objetivo a ser alcançado, uma filosofia de vida. Logo, decidi seguir fielmente a proposta da atividade, escrever uma carta sobre toda minha trajetória pessoal até minha vida acadêmica atual.

Desde muito nova, quando era ainda uma criança, fui ensinada pela minha mãe a respeitar tudo e todos desde que fosse respeitada também. E isso refletiu e reflete muito na pessoa que me tornei. Sempre estive envolvida em movimentações por justiça e por respeito; desde os anos iniciais na escola, quando algum colega era maltratado ou sofria *bullying*, Nathali sempre estava envolvida para resolver a situação.

Já nos anos finais do ensino fundamental, ingressei no grêmio estudantil da minha escola que, na minha percepção, é uma ferramenta muito importante de emancipação dos estudantes no espaço escolar. E, daí, as coisas foram ficando cada vez mais sérias. Entrei no ensino médio e continuei no Grêmio Estudantil, ocupei minha escola em 2016 e escrevi - junto com outros colegas - trabalhos que problematizam as condições das mulheres na nossa sociedade. Para mim, tudo isso constrói um caminho até a emancipação.

Tenho dois pensadores clássicos e muito importantes que guiam meus pensamentos acerca da emancipação: Karl Marx e Paulo Freire. Obviamente, há controvérsias no pensamento de ambos, mas a convergência é ainda maior. Tanto para Marx quanto para Freire, a emancipação é uma conquista política a ser efetivada. Há intencionalidade política na emancipação, pois é uma luta pela liberdade de todos os seres humanos.

Marx aborda a emancipação de duas formas: emancipação política e emancipação humana. A emancipação política é a emancipação do Estado, porém limitada, uma emancipação burguesa.

“O limite da emancipação política fica evidente de imediato no fato de o Estado ser capaz de se libertar de uma limitação sem que o homem realmente fique livre dela, no fato de o estado ser capaz de ser um “Estado Livre sem que o homem seja um homem livre” (MARX, 2010, p. 39).

A emancipação política efetivou a burguesia enquanto classe dominante, uma burguesia revolucionária que rompia com o feudalismo e apresentava um projeto de sociedade aparentemente muito bom para os até então camponeses. Todavia, a emancipação política não trouxe, de fato, a liberdade política. Afinal, num regime burguês, a igualdade jurídica não pode levar à igualdade econômica-social; senão, o regime entraria em colapso, pois é fundamentado na divisão de classes. Logo, sem a emancipação econômico-social, não chegaremos à emancipação humana.

Mesmo que falha e insuficiente, Marx reconheceu a emancipação política como um grande feito da revolução burguesa, mesmo não tendo acabado com a desigualdade entre homens e mulheres e tampouco com a exploração desses. Por isso que, para superar a emancipação política e as mazelas que o regime burguês propõe, é necessária uma revolução social e não política. Marx afirma:

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” (forças próprias) como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política (MARX, 2010, p. 54).

É aí que a teoria de Marx e Freire começam a semelhar-se ainda mais. Ouso dizer que a única diferença crucial entre as teorias e concepções dos conceitos é a tática. Ou seja, o modo em que cada um vê o caminho para alcançar a emancipação. Freire acredita que a educação é o caminho mais acertado para isso, pois, na relação de educando e educador, com diálogo entre conhecimentos de vida e conhecimentos escolares, o educador pode propiciar ao educando uma forma crítica de reflexão sobre a sociedade em que vivemos e as relações nela estabelecidas.

A educação bancária que Freire tanto critica - esse modelo de “depósito” de conhecimento do educador para o educando - é uma das formas mais eficientes de manutenção do sistema em rigor, logo não estimula o educando a refletir e a questionar os acontecimentos de seu dia a dia, e, apenas, reproduzir o que lhe é esperado, sem ser sujeito de sua própria vida, sem ser sujeito de sua própria transformação. Nas palavras de Freire:

“Na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’, a ‘educação bancária’ mantém e estimula a contradição” (FREIRE, 2013, p. 82).

Para Freire, pensar em emancipação sem pensar em autonomia é incabível, e concordo com ele. Afinal, ser um sujeito emancipado está diretamente ligado a ser um ser humano autônomo, livre. Kant é um dos principais filósofos que abordam o conceito de autonomia, que é quando o sujeito conquista o direito de “dizer sua própria palavra”. Mas, como se baseia nas teorizações de Marx, Freire adota mais o conceito de emancipação por ser mais “abrangente”, largo. Desde Marx, sabemos que: “Só será plena a emancipação humana quando o homem real, individual ... tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças” (2006, p. 37).

No início, relatei sobre Marx e Freire serem, para mim, os principais filósofos e pensadores sobre emancipação por terem suas teorias interligadas e acredito que não há como negar isso. Tanto na teoria freiriana quanto na marxista, a emancipação é um estágio de mudança social e da vida do sujeito e, para isso, é necessário a total ruptura com o sistema capitalista.

A emancipação será alcançada, para Marx, quando não se houver mais desigualdades socioeconômicas e vivermos em um novo sistema, o socialismo. Para Freire, a emancipação será alcançada quando rompermos, também, com as desigualdades socioeconômicas, mas principalmente quando as relações entre educadores e educandos não serão mais bancárias, mas sim críticas.

Minha identidade docente é construída a partir das concepções desses dois pensadores, afinal, são clássicos. Porém, ainda são homens brancos de séculos passados. Acredito que precisamos evoluir nos debates e começar a “ouvir” as novas pessoas que estão falando sobre isso e vejo que essa é exatamente a intenção da teoria de ambos: buscar a emancipação baseando-se nos nossos.

Como Angela Davis, por exemplo. Uma militante negra, estadunidense, que foi uma figura deveras importante para o movimento negro nos anos 70, nos Estados Unidos. Davis aborda com exímio a importância da emancipação da população negra, principalmente, das mulheres negras. Logo, falar de emancipação sem falar sobre a emancipação das

minorias não é falar sobre emancipação.

Eu, enquanto educadora politicamente ativa, escolhi a docência como profissão porque enxergo nela um grandíssimo potencial transformador e emancipador. Não vejo a educação e a docência como um potencial essencialmente transformador, afinal, ela pode também servir para garantir a sociedade nos moldes atuais; os educadores progressistas têm o dever de assumir enquanto compromisso de suas vidas para a busca de uma nova educação, ou melhor, de uma nova sociedade.

Por isso, me organizei politicamente e estou em constantes estudos para sempre aperfeiçoar minha prática enquanto educadora progressista sempre buscando crescer junto com meus colegas, pois acredito que, apenas coletivamente, iremos conseguir avançar nas pautas emancipatórias.

A educação e a docência são estimulantes que me fazem seguir com minhas convicções e acreditar que, sim, podemos modificar as estruturas sociais vigentes e buscar um mundo onde não haja desigualdades e todos os sujeitos sejam agentes de suas vidas.

Nathali Miranda Lemos

Referências

DE SOUZA, Osmar M; DOMINGUES, Analéia. **Emancipação Política e Humana em Marx: alguns apontamentos**. Revista Eletrônica Arma da Crítica, 4/12/2012. Disponível em: < http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf > Acesso em: 5 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, Neiva A; PROENÇA, Kátia. **Emancipação: uma perspectiva Freiriana no GT-17 da ANPED no Período de 2001 a 2007**. Expressa Expressão, ed. 88, 2016. Disponível em: < file:///C:/Users/Nathali%20Lemos/Downloads/7703-36804-1-PB.pdf > Acesso em: 5 de novembro de 2019.

Sonho possível

Luiz Carlos Costa Jr

Rio Grande, ano de 2019.

A Educação de Adultos, enquanto Educação Popular, se tornou mais abrangente. Certos programas com alfabetização, educação de base em profissionalização ou em saúde primária são apenas uma parte do trabalho mais amplo que se sugere quando se fala em Educação Popular. (FREIRE, 2001)

Esta carta escrevo para os alunos da EJA da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, turma T7, do ensino médio, escola localizada no balneário do Cassino, na cidade do Rio Grande (RS). Não foram poucas as vezes que as portas se fecharam para vocês e, também, não será a última, mas toda porta tem uma maçaneta e basta girar e empurrar que ela se abrirá. Muitas vezes, o “não” foi a palavra que vocês mais escutaram em suas vidas, sejam vocês os jovens, sejam os mais maduros da turma. Muitas vezes, vocês já pensaram em desistir, abandonar seus sonhos, porque, para vocês, o sonho possível é aquele que depende somente dos nossos esforços. Talvez, sejam os calos adquiridos no caminho da busca, que, por ser um movimento de buscar algo, jamais saberemos se conseguiremos ou não.

Eu tinha 33 anos quando descobri que era portador da doença de Parkinson. Naquele ano de 2012, do mês de agosto, achava que era o fim. Havia passado em uma seleção pública para o curso de técnico em meio ambiente, me agarrei com as duas mãos na oportunidade que o destino estava me dando. Não era na possibilidade de ter uma nova profissão, e, sim, me

agarrando na oportunidade de, depois de 14 anos, voltar a estudar.

Tracei metas, conheci novas pessoas, fiz novos e novas amigas e, quando faltava um ano para me formar técnico, entrei para a faculdade de gestão ambiental, me formei nos dois. Seis meses após me formar gestor ambiental, consegui o que chamo o de “santo graal”: fui aprovado para cursar a faculdade de geografia na faculdade universitária do Rio Grande (FURG). Naquele dia, descobri que o sonho era possível, que os obstáculos iriam surgir, tombos cairia – e caio literalmente – devido à doença (risos).

O grande pedagogo brasileiro Paulo Freire descreveu, em vida, o quanto importante é o estudo, a escola e as relações que lá se formam, e pode ser que você e eu não nos tornemos gênios da ciência, literatura ou das artes, mas a escola nos mostra que o mais importante é dar e receber oportunidades.

A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política. Deve **gerar insatisfação** com o já dito, o já sabido, o já estabelecido. Só é harmoniosa a escola autoritária. A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. Paulo freire 1982.

Uma escola são vários lugares, em um único conjunto arquitetônico, pois, em uma mesma área edificada, conseguimos observar os diferentes saberes, diferentes culturas e diferentes formas de ver o mundo. Eu gostaria de nunca ter saído da escola. Para mim, aquele lugar era – e é – o melhor lugar do mundo. Queria, pra sempre, ser criança, envolta da classe e dos amigos, mas crescemos, e o mundo se forma a nossa frente. Os desafios nos testam, nós nos testamos até o limite de nossas capacidades físicas e intelectuais e, aos 38 anos de idade, descobri que queria ser professor.

Se vou ser professor, não sei... Esta fase de minha vida descrevo como Roberto Bolaños, o artista que interpretava

Chapolim Colorado que, aos 40 anos de idade, se redesenhou, se descobriu. Hoje eu, com 40 anos, descubro “meu Chapolim colorado”.

A leitura de Paulo Freire deveria começar sempre por essa porta de entrada, a porta da utopia. A utopia é o que ele chamaria de um tema epocal. Para ele, epocal é o tema que sintetiza uma preocupação ampla e convergente de toda uma época. No livro *Pedagogia da Tolerância*, ele nos diz que o sonho dele era uma “sociedade menos feia, uma sociedade em que seja possível amar e ser amado”. Ele retoma o tema sempre acrescentando alguma ideia nova. E nos diz que “não é possível sonhar e realizar o sonho se não se comunga este sonho com as outras pessoas”.

A comungação seria nossa capacidade de dividir sonhos, experiências, aprendizados, nossa capacidade de nos relacionarmos com o mundo e com as pessoas, dividir, doar nosso tempo seria o ápice da comungação. Então, quando vejo esta turma de EJA buscando seu espaço por direito, vejo que o papel do professor, em Freire, é comungar o que a vida lhe deu, não desistir. Voltar a fazer, aos 40 ou 50 anos, um novo início é crer que meu sonho possível é possível.

Venho de uma formação em que fui obrigado a estudar no antigo sistema chamado supletivo, que hoje se chama EJA. Foram vários os motivos que me levaram a terminar meu ensino básico desta forma: a necessidade de trabalhar, somada às poucas ofertas de emprego do final da década de 90, a preocupação em ter um certificado do segundo grau para galgar um emprego melhor.

Mas nada é fácil e há pedras em nosso caminho que parecem gigantes e quase que não conseguimos mexer com elas, mas temos que continuar. Nesse momento, o ensino supletivo se faz necessário, pois é uma ferramenta que só quem usa sabe o real valor que se faz e a transformação que resulta em nossas vidas.

É possível afirmar que Freire inicia a práxis da Educação Popular na década de 1960, quando os dados do analfabetismo destacavam acima dos indicadores para o

país que se encontrava em pleno processo de desenvolvimento. A luta no campo da cultura popular foi decisiva para a formulação de pressupostos teóricos metodológicos que pudessem intervir na realidade social. Esse modelo de crescimento produz desigualdade, miséria e violência e não desenvolvimento [...] (PINI, 2009, p. 1)

Encerro esta carta agradecendo a vocês alunos da EJA pela valorosa lição recebida: que nossos sonhos são possíveis sim, que aprendi bem mais com vocês do que vocês aprenderam comigo, a geografia como ciência nos ensina o Conceito de paisagem. A paisagem é a extensão de terreno que se pode apreciar a partir de um determinado lugar. Para a geografia, a paisagem é uma área da superfície terrestre que nasce como resultado da interação entre diversos fatores (bióticos, abióticos e antrópicos) e que conta com um reflexo visual no espaço.

A geografia cultural conceitua a paisagem como: as paisagens expressam as marcas nelas registradas, deflagrando a interposição do passado e do presente, além dos elementos naturais e culturais. Deixamos nossas marcas, e essas marcas fazem com que interpretemos a paisagem que se forma a nossa frente. Que levemos para nossa vida esta capacidade de deixarmos marcas e de lermos a paisagem material, cultural e humana em nossas vidas.

Luiz Carlos Costa Jr

Referências

Freire, P. **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23 pag. 16)

PINI, F. R. de O. **Educação popular e os seus diferentes espaços**: Educação social de rua, prisional, campo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/32.pdf>, 2009.

Saber

Nathan Rodrigues Pereira

Rio Grande, ano de 2019.

Escolhi a palavra *saber*, pois, hoje, pensamos que essa palavra é sinônimo de poder, e quem tem o saber tem o poder sobre os outros. E esse poder pode ser materializado no professor, pois o professor é quem, na prática, tem o maior saber dentro de uma sala de aula, e é, nessa situação, que essa distorção acontece: quando o professor acredita ser uma espécie de “deus” sobre seus alunos e, também, ao contrário, quando os educandos acreditam que são inferiores aos educadores.

“Contrapondo a ação do educador elitista e reacionário, aquele que ignora o saber dos educandos ou das classes populares expõe o seu saber para eles ou impõe uma lógica de ascendência dos conteúdos formais sobre o saber destes jamais aventurado em saber “com eles”. (PAULO FREIRE).

Como cita o autor Paulo Freire, existe uma linha tênue entre educar e apenas impor seu conhecimento para seus educandos. E junto com esses erros dos educadores mais conservadores que apenas impõem seu conhecimento para seus alunos, existem professores que apenas ignoram os saberes dos alunos, como se seus educandos não tivessem o mínimo de sabedoria para compartilhar com ele, impedindo, assim, uma aula rica, com trocas de saberes e experiências.

Escolhi esta palavra também, pois ela é sinônimo de liberdade. Quando você tem o saber, independente de que você sabe ou de quanto você sabe, você se torna livre para tomar as escolhas que quer na vida. Essa liberdade de

escolhas que você tem pode mudar sua vida. Por isso que é necessário seguir em frente e nunca desistir de aprender coisas novas na sua vida, pois sem o “saber” você não se sente livre, e, sem liberdade, você perde muita coisa.

Traz mudanças que você talvez nem perceba. Pois, pouco a pouco, você tem cada vez mais o conhecimento, e isso lhe traz mudanças. Mudança de pensamento, podendo mudar o seu pensamento crítico, pois, como diz Paulo Freire, o ponto central da pedagogia é o diálogo, melhorando sua vida e o modo como você vê a vida.

Seu conhecimento e sua sabedoria ajudam a todos que passam por você. Mesmo não mudando todas as pessoas, o que você ensina pode contribuir para transformar alguém, e é isso o que importa.

Não pense que o saber é algo apenas dos estudiosos, que necessita de algum grau de escolaridade. Não, todo mundo sabe alguma coisa, do mesmo modo que ninguém ignora ou domina todo o saber, pois, como diz Paulo Freire, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”

Claro que, para haver o conhecimento, precisa haver um esforço. Precisamos ter em mente que é necessário batalhar para conseguir nossos objetivos, e isso, dinheiro, nenhum trará para você.

Precisamos nos conscientizar para não sermos dominados, pois o que a elite quer é que não tenhamos pensamento crítico para que o pobre continue no seu lugar, um lugar de servir. Em um mundo onde as pessoas com dinheiro dominam grande parte do planeta, precisamos, nós, estudar para mudar esta situação. A classe dominante não pensa no bem-estar de todos, e, sim, no bem estar próprio. Assim, apenas o estudo nos trará a sabedoria para passarmos por essa grande injustiça.

Nathan Rodrigues Pereira

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Educação

Ronaldo Wilson Alves Pereira

Rio Grande, ano de 2019.

Prezada professora,

Farei um breve relato da heroica batalha de um operário e aluno da EJA chamado Ricardo. Este jovem esposo, pai e estudante é um exemplo de quão complexa é a equação que demanda a vida de milhões de jovens que se encontram nesta mesma situação e que vale a pena ser mencionada, para que, acima de tudo, sirva de aprendizagem para todos os grupos de interesses que estão direta ou indiretamente envolvidos com a questão educacional do nosso País.

Uma análise mais cuidadosa de Rafael revelou as dificuldades que Ricardo tem enfrentado para frequentar as aulas da EJA. Trabalha como servente de pedreiro oito horas por dia, durante seis dias da semana. O trabalho braçal exige muito de sua força física e, no final de um dia de trabalho, está esgotado. Nesse momento, em um esforço hercúleo, busca forças onde já nem existem para continuar sua jornada: chega em casa e mal dá para tomar um banho e tem que ir para o colégio pra completar sua jornada noturna.

Nas aulas tem que enfrentar o cansaço da labuta diária e o sono, companheiros inseparáveis e, por uma questão de humanidade, precisa contar com a solidariedade dos professores e dos colegas, precisa lutar com as armas que a vida lhe concedeu e vencer os obstáculos do dia a dia.

Em que pese seu esforço para vencer os obstáculos, que lhe são imputados por conta de sua condição de operário da construção civil, Ricardo também tem que conduzir sua

família, que é composta de sua esposa Carla e um casal de filhos, Roberto e Andressa. O casal mora em um bairro pobre da periferia da cidade do Rio de Janeiro, sua casa tem quatro cômodos e as pessoas daquela comunidade chamam o espaço de casebre por conta da precariedade da construção. Tudo na casa é improvisado, das telhas de amianto e alumínio, que foram coletadas das sobras de outras construções, passando pelas paredes que foram erguidas de sobras de latas e papelões, até o piso e as instalações elétricas e hidráulicas, que nada mais são do que baldes. Pia improvisada na cozinha e vaso improvisado no banheiro, todos objetos conseguidos de sobras de reformas de outras construções. Por ironia do destino, Ricardo trabalha na construção de suntuosas mansões na orla da zona sul da cidade e não tem condições de edificar sua própria casa.

A proximidade da casa com uma via expressa de alto tráfego de caminhões se configura uma grande dor de cabeça para ele, pois as condições precárias de isolamento acústico de seu casebre, atrapalham suas poucas horas de sono e de descanso para enfrentar a labuta diária. Nesse contexto de dificuldades e incertezas, sua esposa ajuda confeccionando salgadinhos para comercializar nos trens de subúrbio e complementar a renda da família. Seus dois filhos estudam em uma escola pública distante de sua casa, pois não foi possível conseguir vaga em um colégio mais próximo. As vagas disponibilizadas pela Secretaria de Ensino Municipal estão muito aquém das necessidades daquela comunidade, razão pela qual alguns são alocados em outros colégios que, via de regra, são distantes da casa dos estudantes, às vezes, até em outros bairros.

Outro aspecto muito importante a salientar é a questão da merenda das crianças na escola de seus filhos. É notório que, com os poucos recursos advindos da renda da família, os pais não conseguem dispor, todos os dias, de uma refeição adequada às suas necessidades e às das crianças, principalmente as necessidades proteicas e calóricas diárias. Neste sentido, a merenda é de fundamental importância para que as crianças complementem sua alimentação que, em

muitos casos, é a única refeição adequada às suas necessidades naquele dia. Restrições orçamentárias no governo e uma série de escândalos de desvio de recursos têm afetado, sobremaneira, a confecção desses alimentos na escola.

As dificuldades elencadas perfazem o campo interno da estrutura familiar de Ricardo e o atingem no campo da segurança pública; não são raros os momentos em que Ricardo, no seu trajeto casa X trabalho e vice versa, ainda pela manhã, quando nem raiou o dia, se depara com tiroteios constantes, oriundos de traficantes que disputam as bocas de fumo no local ou com as operações policiais em que há intensas trocas de tiros, colocando os moradores, trabalhadores saindo e chegando do serviço, em riscos iminentes de serem alvos das chamadas “balas perdidas”.

Diante de toda esta tragédia da vida de um pobre trabalhador suburbano, Ricardo tem enfrentado uma constante e insistente interpelação pelos chefes locais do tráfico, com o intuito de deixar sua vida de trabalhador honesto e dedicado para uma vida de ganho fácil, de luxo e de poder absoluto na comunidade, conquistado pelo terror das armas potentes e de grosso calibre a que os traficantes têm acesso para manter o poder hegemônico do comércio das drogas a qualquer custo.

Neste diapasão, o jovem estudante Ricardo, sendo insistentemente cooptado por promessas do mundo do crime, tem sua inabalável fé na luta por melhores condições e qualidade de vida, exposta a uma possibilidade de mitigar. Em conversa reservada com um amigo, confidenciou que pensa em abandonar os estudos e os projetos de vida regular e lícita para sucumbir ao submundo do crime.

Coube a Rafael, seu amigo mais próximo, a árdua tarefa de demovê-lo da ideia de deixar os estudos e seus projetos de vida, legítimos e louváveis. Para esta tarefa de caráter social e humanitário, Rafael expôs sua própria história de vida que se inicia em meados dos anos 70 no interior de São Paulo.

Filho de uma família de pequenos agricultores, Rafael era o irmão mais velho de um total de quatro irmãos. Como moravam no campo e muito distante da cidade e de uma escola

mais próxima, Rafael só iniciou sua alfabetização aos treze anos de idade, de uma maneira totalmente adversa da que um aluno deve ser iniciado nos seus estudos. Em razão da distância e do isolamento da Escola Rural, o trajeto entre sua casa e o colégio era realizado em lombos de cavalos, muitas vezes, enfrentando condições climáticas muito adversas, chuvas, frio, granizos, ou o sol escaldante do verão, além da incidência de queda de muitas descargas elétricas (raios).

Apesar de todas estas dificuldades, Rafael não se desestimulou e levou em frente seu sonho de um dia conseguir fazer uma faculdade. Ainda em tenra idade, estudava na parte da manhã e à tarde ajudava seu pai na lida do campo, com o gado e a agricultura. Seu pai era peão na fazenda, tinha péssima remuneração por seus serviços, além de, na época, não contar com nenhum registro formal de trabalho, mesmo como trabalhador rural, portanto sem nenhuma garantia trabalhista nem previdenciária. Todas as verbas rescisórias do seu pai era uma liberalidade do patrão, sem nenhuma garantia formal, (Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS), pois, na época, não havia uma cobrança legal por parte dos órgãos de fiscalização nas fazendas em que pese já existisse a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). No campo, não havia nenhuma cobrança formal, só ocorria quando algum empregado corajoso resolvesse requerer seus direitos através de uma ação judicial.

A informalização das atividades laborais de seu pai submeteu Rafael a toda sorte de precarização de sua formação pessoal, estudantil e profissional, e, mesmo assim, Rafael não desistiu dos seus sonhos.

Nesse sentido, se faz oportuno mencionar uma citação de Paulo Freire: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Rafael concluiu com muita dificuldade o ensino fundamental, o que, na época se chamava Ensino Supletivo, direcionado aos alunos que não tiveram a fortuna de estudarem em seus anos regulares, de acordo com sua faixa etária, como deve ser a praxe na educação.

Por essa razão, atualmente, existem leis que exigem que nenhuma criança com seis anos de idade deva permanecer sem uma matrícula regular, o que evidencia a importância da frequência dos alunos em seus anos iniciais, considerando os diversos aspectos de seu desenvolvimento físico e cognitivo, além da interação com os amigos, desenvolvendo o espírito de grupo e de camaradagem entre seus pares. Além do mais, a humanização da educação que atenda a requisitos de realização do bem-estar social, em uma escala de valores éticos e morais que possibilitem um relacionamento harmônico, cuja cooperação se sobreponha a uma lógica mercantilista de valorização do ter sobre o ser.

Nesta fase de intensa aprendizagem, a criança desenvolve infinitas possibilidades de lidar com os primeiros desafios da vida para que possa desenvolver uma base segura e, assim, ter a oportunidade de se colocar em um determinado patamar e disputar de igual para igual os concursos que se farão presentes em todas as fases de sua vida. No contexto deste parágrafo, um pensamento freiriano demonstra muito bem como a estratificação do sistema educacional busca limitar a igualdade de oportunidades a partir de um modelo voltado para atender a determinadas castas da sociedade, assim coloca Paulo Freire: “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”.

A estrutura educacional de uma criança não pode ser um castelo de areia, tem que ter bases firmes e profundas de sustentação. A educação de base é fundamental no prosseguimento das séries subsequentes. Se Rafael tivesse tido a oportunidade de ter vivenciado uma estrutura como aqui foi relatada, a sua jornada, ainda que exitosa, não teria sido de tantos reveses e sofrimentos para vencer as deficiências dos anos anteriores de formação básica.

Aos dezoito anos, Rafael, vencendo todos os medos, preconceitos e incompreensões, submeteu-se a um concurso público federal, foi aprovado e iniciou uma carreira promissora e coroada de êxitos. A esta altura da exposição, Ricardo já

vislumbrava uma luz no final do túnel, pois é sempre factível uma pessoa fazer uma comparação positiva entre a sua experiência e a experiência alheia que deu certo. Se ele pode, eu posso, é tudo uma questão de tempo, comprometimento, disciplina, foco e dedicação.

E aqui, subjugar os obstáculos é manter vivo o sonho que Freire tanto nos ensinou: “[...] para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco”.

Através de uma experiência vivida, Rafael, utilizando uma linguagem de fácil compreensão, conseguiu sensibilizar o amigo Ricardo e demovê-lo da ideia de abandonar seu projeto de estudos na EJA e sucumbir aos apelos eloquentes do submundo do crime. Ricardo tem um grande potencial, mas é necessário que o sistema lhe ofereça oportunidades para que ele possa desenvolvê-lo. Cada cidadão resgatado do fosso da ignorância trará para a sociedade uma contribuição imensurável, pois será menos um delinquente para o qual o Estado desprenderá vultosas somas em recursos para sua ressocialização.

O filósofo Pítagoras, em um surto de sabedoria, brindou a sociedade com o seguinte pensamento: “Educai as crianças para que não seja preciso punir os homens”.

A educação não é uma opção, é uma necessidade premente da natureza humana. Ainda que o Estado tenha o dever legal de oferecê-la a todas as camadas sociais, é uma obrigação universal e de humanidade que todos os membros de uma comunidade estejam envolvidos na disseminação de uma educação gratuita e de qualidade, pois o resultado desse comprometimento terá reverberações em todas as classes sociais.

Portanto, todos são responsáveis, em especial, aqueles afortunados que logram êxito de ter acesso a um curso de nível superior em uma Universidade Pública Gratuita e de Qualidade. É como se fosse uma dívida social eterna com todos os contribuintes que a mantém a um custo muito alto. No entendimento de um educador, jamais será um custo, e, sim, um investimento. Em educação, planta-se, rega-se e colhe-se.

Universalizar, em patamares equânimes, é o grande desafio de nossos dias.

E por fim, nunca é demais fomentar o pensamento de Paulo Freire que sintetiza, em uma frase, a educação na contemporaneidade: “Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano”.

Ronaldo Wilson Alves Pereira

Humildade

Vagner Eslabão Bandeira

Rio Grande, ano de 2019.

Prezados (a) professores,

Venho, através desta carta, expressar meus sentimentos de respeito e admiração por vocês que exercem um trabalho muito importante para o crescimento, desenvolvimento e justiça em nossa sociedade. O amor que vocês dedicam aos seus alunos diariamente proporciona uma transformação positiva na vida de cada um deles e ajuda na consolidação de uma sociedade mais educada e justa.

Digo isso porque percebo as diversas barreiras que vocês superam diariamente para que a educação desses jovens e adultos possa ser oferecida com o mínimo de dignidade. Percebo, também, o descaso dos governos com a educação e com os professores através do sucateamento das escolas, da desvalorização de vossas profissões, da falta de incentivo à pesquisa e a ciência, do descaso com a merenda dos alunos que, muitas vezes, vão para a escola com fome, porque são vítimas da pobreza, da desigualdade de renda e social; e, também, da falta de segurança, entre outros problemas que tendem a desmotivar não somente os professores mas também os alunos.

O amor de vocês pela escola e pelos alunos, a dedicação, o empenho e o trabalho, diante de tanta adversidade, me enche de esperança em conseguirmos tornar a nossa comunidade melhor, mais justa e com muita paz, porque a educação é capaz de transformar as injustiças em justiça, o ódio em amor, a violência em paz. E, para que isso

aconteça, nós precisamos do comprometimento de cada professor(a), precisamos que vocês não percam a esperança e que acreditem na transformação de cada um de seus alunos, possibilitando a eles tornarem-se cidadãos livres e conscientes de suas posições na sociedade. Paulo Freire comenta, em um de seus livros, que

não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 1979, p. 15).

Logo, ao amar, lutar e acreditar na educação, diante de tantos obstáculos, vocês demonstram humildade, uma grande virtude que deve ser valorizada por todos nós. Para Freire:

[...] humildade não é submissão, nem demérito, nem modéstia, nem fraqueza. A tarefa do educador que exige humildade, vem junto com a exigência da amorosidade, em defesa dos direitos de educadores e educandos e pela sua história (REDIN, 2008, p. 253).

Logo, “aceitar ou alimentar o sentimento de fraqueza ou submissão não é humildade, é desistir da luta e desistir também da humanização dos opressores” (REDIN, 2008, p. 253).

A luta deve ser coletiva junto com a comunidade. O professor não pode se colocar numa posição de superioridade, achando que está ensinando pessoas ignorantes; o educador tem que transmitir seu saber e estar aberto aos saberes dos alunos e da comunidade, pois, segundo Paulo Freire, “[...] não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância”, portanto todos nós temos algo a aprender e a ensinar.

Sei o tempo que vocês dedicam para planejar todo o trabalho desenvolvido na escola, sempre buscando maneiras de conquistar a atenção do aluno para que ele sinta vontade de aprender algo novo. Segundo Mizukami (1986), esse tipo de abordagem sociocultural é essencial para que a educação seja

válida. Assim, ela diz:

Toda educação, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem se torna, nesta abordagem, o sujeito da educação. (MIZUKAMI, 1986, p. 94).

Não poderia deixar de falar, também, que, antes de preparar seus planos de aula, vocês buscam sempre refletir sobre a realidade e o meio em que seus alunos estão inseridos, ajudando-os a ter consciência de sua realidade para que eles mesmos possam transformar a realidade. E para que isso seja possível, vocês, professores, precisam enxergar seus alunos como sujeitos e não como objetos, que estão na sala para acumular conteúdo, sem reflexão e crítica. Paulo freire escreve:

O educador, preocupado com o problema do analfabetismo, dirigiu-se sempre às massas que alguns supunham “fora da história”. O educador, a serviço da libertação do homem, dirigiu-se sempre às massas mais oprimidas, acreditou em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos só se interessavam por estas massas na medida em que elas pudessem, de alguma forma, tornar-se manipuláveis dentro do jogo eleitoral. O educador estabeleceu, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia onde tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem. Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. Os políticos exerceram no essencial uma política autoritária de manipulação. O educador, cujo campo fundamental de reflexão é a consciência do mundo, criou, não obstante, uma pedagogia voltada para a prática histórica real. Os políticos, apesar de serem homens práticos por

definição, reduziram-se muitas vezes às funções dos ideólogos, da difusão dos princípios, da propaganda. (FREIRE, 1967, p.26).

Ao dirigir-se diretamente para a grande massa dos superexplorados e dos pauperizados, o pensamento e as práticas educativas sugerem a necessidade da política. Mas já agora se trata de uma outra política, não mais da manipulação populista. Apesar de que ninguém possa aceitar a ideia ingênua da educação como “a alavanca da revolução”, caberia considerar a possibilidade de que, neste caso, a educação se antecipa a uma verdadeira política popular e lhe sugere novos horizontes. (FREIRE, 1967, p. 26).

Para Freire, nós, educadores, devemos estar comprometidos com uma educação crítica e libertadora, que professores e alunos não sejam vítimas da educação bancária - que aliena e nos torna prisioneiros - de um sistema político manipulador controlado pela classe dominante.

O educador, quando ajuda o aluno a reconhecer seu papel na sociedade e refletir sobre sua realidade, está ajudando na formação de cidadãos conscientes, tornando-os aptos para intervir na realidade e mudá-la. Segundo Mizukami:

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. (MIZUKAMI, 1986, p. 86).

Para Mizukami (1986), “Sendo o homem sujeito de sua própria educação, toda ação educativa deverá promover o próprio indivíduo e não ser instrumento de ajustes deste à sociedade” (MIZUKAMI, 1986, p. 86).

Termino esta carta dizendo obrigado por acreditar e nunca desistir de nós alunos; nosso País precisa de vocês. Sei que somente a educação conseguirá acabar com nossas mazelas. Então, professores, podem contar comigo para lutar

por um mundo mais justo, de paz e amor. Sem o amor e dedicação que vocês oferecem a nossa sociedade, estaríamos em uma situação pior, de submissão, alienação, pobreza e violência. Com todas as dificuldades que o sistema lhes impõe, vocês fazem a diferença para o bem; por mais maldade que algumas pessoas possam fazer contra vocês, ninguém conseguirá derrubá-los, pois a educação, com amor, transforma vidas.

Obrigado.

Vagner Eslabão Bandeira

Referências

MIZUKAMI, M. G. N. **ENSINO**: as abordagens do processo. 1. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

ROMÃO, J. E. Educação. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

Indignação

Paulo Marcos Dos Santos Roldão

Rio Grande, ano de 2019.

A presente carta pedagógica objetiva que seus leitores possam refletir acerca da importância de se indignar em um período que carece de reflexões e condutas construtivas. Esta carta direciona-se aos educadores com o propósito de contribuir nessa caminhada, que é a formação crítica de educandos, assim como pretende ser um estímulo de coragem aos professores diante das imensas adversidades que o profissional da educação enfrenta.

Penso que tais indignações, recorrentes no mundo, também precisam ser fonte de diálogos em diferentes espaços, para que se tenha o progresso social que todos nós merecemos e que Paulo Freire buscava, através da sua arte, estimulando os educandos a praticar a leitura do mundo para que, a partir deste entendimento, o indivíduo se fizesse presente nas decisões.

Na primeira atividade realizada na disciplina de EJA (Educação de Jovens e Adultos), foi solicitado a cada aluno a escolha de uma palavra, a nossa primeira palavra da disciplina; Na ocasião, optei pela palavra “indignação.” Para começar, acredito ser interessante justificar a escolha da palavra “indignação” para esse trabalho. No ano de 2016, tive a oportunidade de ingressar na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) para graduar-me em Geografia (Bacharelado). Esclareço que a Geografia é uma ciência que estimula a inquietação por parte do aluno com relação aos acontecimentos e suas respectivas repercussões no mundo. Nesse contexto, minha escolha está relacionada com a

“formação da minha essência profissional”, a de questionar certas ações que têm impacto na nossa atual sociedade.

Preliminarmente, entendo que a palavra indignação representa um “estado de espírito” de alguém. Esse alguém pode possuir sua própria indignação, isto é, uma indignação pessoal ou uma indignação coletiva, ou seja, um grupo (social, religioso ou étnico) que se revolta sobre algumas ocorrências que têm repercussão no mundo. Portanto, a indignação está relacionada com a nossa forma de ser, de olhar e de interpretar o mundo. Logo, a indignação pode ser discordante entre pessoas e grupos.

Partindo desse pressuposto, a indignação possui uma relação de proximidade com o ensino, uma vez que a educação é uma ferramenta que nos possibilita entender os acontecimentos do mundo e, a partir disso, desenvolver a crítica das questões que repudiamos de uma sociedade.

Paulo Freire também salientava a necessidade de agregar, nos processos educativos, valores éticos e morais, sem os quais, a educação voltada para a transformação do mundo ficaria enfraquecida. Portanto, a indignação é um ato de contestar práticas, sejam sociais ou políticas, sem valorizar e incitar o ódio nas pessoas e em grupos que pensam e acreditam de modo diferente do nosso pensar.

Tratando-se de educação e indignação, é indispensável mencionar Paulo Freire em razão do que ele significa para a educação e, de mesmo modo, da sua contribuição nesse trabalho de encorajar os educandos para o futuro. Freire é um dos maiores responsáveis pela subversão imediata dos menos favorecidos devido a sua metodologia de estimular a absorção de coisas que até então eram desconhecidos para seus educandos e, a partir disso, praticar seus próprios pensamentos, isto é, Freire buscava contribuir para a formação de leitores e cidadãos críticos.

Nesse ponto, ele sempre se mostrou indignado com a forma de se lecionarem em escolas (os métodos), isto é, ele era contra o que chamava de “educação bancária”, que colocava o professor como detentor do conhecimento e o aluno apenas como depositário. Para ensinar, de acordo com ele, era

preciso partir da experiência do aluno e do que ele conhecia, fazendo que o educando atuasse mutuamente com os demais e com o próprio educador na sala de aula, contando suas histórias de vida, seus desejos, seus sonhos, seus medos e diversas outras coisas. Nesse sentido, Paulo Freire salienta que “A Educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica na negação do mundo como uma realidade ausente nos homens”.

Outro ponto de significativa relevância para Freire era a condição política do Brasil, isto é, ele dialogava com seus educandos sobre o “cenário político existente”. Paulo Freire dialogava repleto de esperança de cooperar na educação e, conseqüentemente, na responsabilidade que cada educando tem na sociedade, na qual o sonho maior perpassava pela sociedade mais justa, amiga, mais humana.

Freire frisava que

um desses sonhos para que lutar, sonho possível, mas cuja concretização demanda coerência, valor, tenacidade, senso de justiça, força para brigar, de todas e de todos os que a ele se entregue, é o sonho por um mundo menos feio, em que as desigualdades diminuam em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. No fundo, é um sonho sem cuja realização a democracia de que tanto falamos, sobretudo hoje, é uma farsa. (FREIRE, 2001, p. 25)

Era um dom de Freire estimular seus alunos a pensarem e aprenderem coisas importantes e significativas para eles (cada um ao seu tempo). Essa sua metodologia de educar as pessoas com carinho, respeito e de forma verdadeira, acabou incentivando muitas pessoas a saírem de suas alienações e, conseqüentemente, da criação de situações de “incômodo” para si próprio, pois, a partir destas reflexões, os educandos já possuíam um melhor entendimento de mundo e partiam para as obtenções de seus direitos dadas por lei.

Os anos de maior “conflito” foram, particularmente, nos

anos de ditadura militar no Brasil – anos em que Freire foi coagido a deixar o País para não ficar preso pelo simples fato de querer dar aula ao seu modo, ou seja, ajudar as pessoas que não tinham as devidas possibilidades de estudar.

Fundamentei-me em Paulo Freire até então, com o propósito de expor a necessidade de se indignar-me. A indignação é um caminho que pode trazer muitos enredos, como já comentado, porém ela pode mudar realidades. Freire compreendia o risco que era encorajar o povo para lutar contra as coisas impostas a eles, coisas que iam ao contrário de seus desejos, porém ele não se amedrontou diante da possibilidade de contribuir, e cooperou a ponto de muitas professoras e professores seguirem seus passos nesse mundo que carece de profissionais como Freire, isto é, interessados em ensinar, dedicados na luta, persistentes com seus educandos, em suma, professores empenhados e envolvidos com seus respectivos educandos.

Nesse sentido, é importante salientar que Freire sempre se indignou com os acontecimentos do mundo, mas nunca valorizou o ódio porque, para ele, esse sentimento nos imobiliza em vez de nos impulsionar para as ações justas e éticas. Paulo Freire comentava que, num país como o Brasil, manter a esperança viva era, em si, um ato revolucionário. Acima de tudo, ensinou que precisamos aprender a ouvir, a entender e a respeitar uns aos outros independentemente da situação. Dessa forma, a indignação é um forte componente de esperança para a obtenção de igualdade, oportunidade, respeito e soluções.

Ao longo do tempo, isto é, através de noticiários e temas comentados na graduação, percebo a coerente indignação de Freire ao querer dar mais às pessoas que sofrem com a falta de oportunidades, conseqüentemente, acabam aguentando diversas injustiças sociais. Especificamente, no Brasil, observo, ainda, a existência do preconceito, tanto racial quanto sexual e religioso, intolerância esta que está enraizada no País.

Exponho, também, as questões políticas já que uma gestão deve ser trabalhada de maneira integrada, incluindo todos os cidadãos, objetivando a elaboração de planejamentos

com fins de beneficiar a sociedade num todo. Ainda se percebe, no Brasil, uma administração que se elege com financiamentos de grandes detentores de capital, políticos, muitas vezes, são desqualificados para exercer tamanho ofício que se tem em mãos cujos objetivos são de, apenas, beneficiar aqueles detentores de capital que lhe financiaram seu período de campanha.

Indigno-me ao passar na frente de uma escola, e esta parecer um espaço desprezado, abandonado, deprimido e abatido pelo poder público, professores desapontados com a pouca relevância que a política dá a eles e a elas, com a falta de investimentos básicos, com a falta de pagamento de salários. Em suma, com um mínimo possível que se deve oferecer a um espaço formador de cidadãos. Freire abordava a importância desse espaço, pois cabe à escola o papel de formar o indivíduo e ninguém tem o direito de interromper a nossa capacidade de sonhar e de realizar nossos respectivos desejos.

Dessa forma, penso que a educação é importante para o exercício de pensar sobre o presente e o futuro e que, assim como Freire, a educação sozinha não transforma a sociedade, mas, sem ela, são pequenas as chances de mudança. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos, pois, nas palavras de Freire,

não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 2001, p. 59)

Em vista disso, relaciono tal palavra ao pensamento de Paulo Freire na medida em que o mundo se apresenta feio,

injusto e perverso devido à falta de sensibilidade e respeito com o diferente, cabendo a nós, cidadãos, buscar a superação desta realidade injusta, uma vez que, tanto os problemas atuais quanto aqueles enraizados na sociedade, não devem ser esquecidos, pelo contrário, devem ser discutidos de forma ativa, expondo e criticando as inconformidades que estimulam as desigualdades.

Segundo Paulo Freire,

As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim criar a unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical. (FREIRE, 1992, p. 34)

Diante dessas palavras, finalizo esta escrita com uma palavra que tanto Freire trabalhou: a possibilidade. É possível conquistar tudo que almejamos. Como exemplo, a nossa condição social. É possível realizarmos nossos sonhos assim como é possível mudar a nossa realidade nacional na qual só se transforma com a união de forças. A luta é árdua, mas a vitória concebível!

Muito Obrigado e até breve!!

Paulo Marcos Dos Santos Roldão

Referências

FREIRE, P. **Política e educação**. Ensaio 5 edição. São Paulo, 2001.

FREIRE P. **Educação como prática da liberdade** (recurso eletrônico). 1edição. Rio de Janeiro: Paz e terra.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992

Práxis

Maryanna Pozenato

Rio Grande, ano de 2019.

Olá queridos(as) leitores(as),

Me chamo Maryanna (mas sou mais conhecida como Mary) e escrevo essa carta aqui, da primavera florida do sul do Brasil, a partir das minhas experiências de vida e à luz das leituras de Paulo Freire sobre *Práxis*.

Essa unidade entre teoria e prática, reflexão e ação que sempre me acompanhou, descobri, através das leituras, como sendo a *Práxis* de Paulo Freire (um importante educador brasileiro que nos ensina a ler-e-escrever o mundo), que, em suas escritas, até então, mais me marcou e encantou.

Mas, antes, se me permitem, gostaria de lhes contar um pouco sobre como cheguei até aqui. Sou graduada em Tecnologia em Gestão Ambiental (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (uma universidade pública, gratuita e de qualidade, cinquentenária, do sul do Rio Grande do Sul, na planície costeira do Brasil) e mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) por esta mesma instituição. Terminei o mestrado em 2017 e, como nunca, em toda minha vida, havia ficado sem estudar (entre o ensino fundamental, médio, técnico e superior), ingressei no curso de Geografia bacharelado da FURG em 2018 (o qual já havia ingressado em 2011, mas que, por motivos pessoais, acabei não cursando). E, ainda, no primeiro semestre do curso, percebi que gostaria de mudar para a licenciatura (primeiro, confesso, que foi por questões de maiores oportunidades no mercado de trabalho e, depois,

acabei me interessando, de fato, pela área) e, então, assim o fiz (com os devidos procedimentos administrativos necessários).

Passei por diversas disciplinas na área da educação que me despertaram, cada vez mais, interesse pela área e não só isso, mas pela a necessidade da educação e do compromisso socioambiental do(a) educador(a). Encontrei, portanto, um lugar onde posso exercer um pouco de todas as minhas formações (as quais sou apaixonada) e posso, ainda e acima de tudo, buscar promover as transformações socioambientais pelas quais tanto anseio na vida. Quando decidi seguir na licenciatura, confesso que fiquei com receio de me afastar das questões socioambientais, do caminho o qual eu já havia começado a trilhar, até perceber que estes podem andar juntos, de mãos dadas, acalmando um pouco o meu coração.

Durante toda a minha formação enquanto gestora e educadora ambiental (e pessoalmente também), sempre me incomodou o fato de observar que há um consenso quase que hegemônico da importância do meio ambiente, mas que esse pensamento nem sempre está vinculado a uma ação para a manutenção da qualidade e o cuidado deste pelas pessoas. Ou seja, há, na maioria das vezes, uma lacuna entre o que falamos e o que, de fato, fazemos. Ao longo do tempo e das leituras, descobri que esta unidade entre o que pensamos/falamos (reflexão) e o que fazemos (ação), para Paulo Freire, é a *Práxis*, portanto escolhi esta palavra freiriana para aqui escrevê-los.

São diversos os conceitos postulados por Freire que me despertam para sua obra e para a formação enquanto educadora, mas *Práxis* foi o que mais me marcou enquanto leitora (ainda primária, confesso!) de suas obras (por aquele incômodo que já comentei, aqui, com vocês), portanto não poderia fazer diferente escolha para essa escrita, como um ato de compromisso comigo mesmo.

Então, vamos juntos conversar um pouco sobre a *Práxis* para Paulo Freire? Segundo Rossato (2008), a práxis de Freire (que assume a visão dos dialéticos modernos) supera a visão tradicional aristotélica que a concebia como sendo algo oposto

à teoria, ou seja, como sendo algo, portanto, relacionado puramente à ação. Ou ainda, superando a visão Hegeliana que apresentava a dialética como um processo de evolução das ideias (teórico), sem implicação de ação prática.

Para Freire, não há separação entre teoria e prática, não há dicotomia entre reflexão e ação, e sim uma unidade, uma reciprocidade, uma dialogicidade. Ambas se complementam e se completam, de duas faze-se uma, faze-se a *Práxis* para Paulo Freire.

Sendo assim, entendo que Freire, através do conceito de *Práxis*, evidencia a emergência da unidade entre teoria e prática, ou seja, de reflexão-ação para a transformação da realidade e a superação dos paradigmas. Dessa forma, *Práxis* pode ser entendida como “a relação estabelecida entre um modo de interpretar a realidade e a vida, e a conseqüente prática que vem desta compreensão, que leva a uma ação transformadora” (ROSSATO, p. 331, 2008). Ou seja:

a práxis implica a teoria como um conjunto de ideias capazes de interpretar um determinado fenômeno ou momento histórico que, em um segundo momento, leva a uma nova afirmação, em que o sujeito diz sua palavra sobre o mundo e passa a agir para transformar essa mesma realidade. É uma síntese entre teoria-palavra-ação” (ROSSATO, p. 331, 2008)

Através do conceito de *Práxis*, Freire evidencia a necessidade do refletir e agir sob uma construção mútua integrada ao potencial transformador da educação para a libertação dos sujeitos e para a mudança da realidade. Para Freire, *Práxis* “implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1979 p. 77).

Como já mencionei aqui, anteriormente, sempre refleti (daí surge o meu compromisso de escrever, para vocês, sobre a *Práxis*) sobre a necessidade da unidade entre reflexão e ação, teoria e prática, ou seja, da coerência entre o que pensamos/falamos com o que fazemos, e como estes não devem estar desvinculados para que haja uma transformação

efetiva e consciente da realidade, pois “há um vínculo estreito entre pensar - dizer a palavra - e agir. A consciência se plenifica na palavra e na ação.” (ROSSATO, 2008, p. 331).

Sendo assim, reflito constantemente sobre a necessidade de que haja reflexo das nossas palavras em nossas ações e que, conseqüentemente, as nossas ações sejam o reflexo de nossas palavras/pensamentos e, mais ainda, que estas nos levem a agir conscientemente, modificando a realidade, pois “a partir do momento em que alguém entende e toma consciência de seu papel no mundo, sua transformação se torna inevitável e, portanto, gera uma ação para atingir esse fim” (ROSSATO, p. 331, 2008).

Portanto, caros leitores(as), caso sejam vocês educadores, apesar da intensificação da precarização da educação que vivemos no cenário atual, da desvalorização, dos limites e das condicionantes que a realidade, o dia a dia e o sistema em que vivemos nos impõe (enquanto sujeitos e profissionais), peço que reflitam e pratiquem uma educação libertadora e emancipatória, conscientes dos seus papéis e da importância da educação para a humanização dos sujeitos e transformação das realidades, ou seja, sejam sujeitos de práxis pedagógica, pois entende-se todo o ato do educador(a) como educativo (Rossato, 2008).

Entendam que, mesmo dentro de um sistema desigual e injusto, há sempre o que se possa fazer, contribuir, interferir, transformar, pois “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender (FREIRE, 2000, p. 39).

Desejo que sejam profissionais da educação, que contribuam na formação dos educandos com muito mais do que apenas o ensino de conteúdos (sejam matemáticos, geográficos, biológicos, sejam históricos, entre outros), mas também responsáveis por suas constituições enquanto sujeitos, “como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também é igualmente inacabada” (FREIRE, 1979, p. 83). Sei que não é fácil, mas é possível.

Caso sejam, vocês, leitores-educandos, lhes digo que

sou fruto da importância da educação para a transformação dos sujeitos e das realidades, pelas oportunidades que tive (e tenho) ao longo da minha trajetória de vida, através das políticas públicas de democratização da educação (sobretudo, da superior), cheguei até onde cheguei (onde nunca poderia ter imaginado chegar um dia), e, se hoje lhes escrevo aqui, de dentro de uma universidade pública, gratuita e de qualidade, me sentindo pertencente a essa, é porque tive oportunidades, por isso lhes peço que valorizem e lutem pelo direito à educação (sobretudo, pública, laica, gratuita e de qualidade), pois esta é um direito do povo e um dever do Estado.

Desejo que sejam fruto de uma educação libertadora e emancipatória, que tenham oportunidades (assim como eu tive e tenho), que as valorizem, se constituam e se libertem através delas, pois, segundo Freire (2011), “ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos parte” (FREIRE, 2001, p.43). Sejam conscientes, questionadores, reflexivos e sujeitos de ação. Sejam, portanto, meus queridos, sujeitos de *Práxis*, da *Práxis* de Paulo Freire!

Abraços e à luta!
Com afeto,

Maryanna Pozenato

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP. 2000

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2001.

ROSSATO, R. *Práxis*. In: STRECK, D.R; REDIN, E; ZITKOSKI, J.J (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 331-333.

Cultura

Ricardo Meyer Mazo

Rio Grande, ano de 2019.

Oi, tudo bem contigo? Espero que estejas bem.

Por aqui, aos poucos, as coisas estão se ajeitando, sabe como é... à medida que desejamos algumas coisas, é necessário abrir mão de outras. No meu caso, decidi que deveria estudar, realizar uma graduação e, como dizem os mais velhos, “ser alguém na vida”.

E tu? Pensando em fazer o que da sua vida? Às vezes, pensamos em desistir e seguir como a vida leva, mas é necessário ter um planejamento, focar no futuro e tentar ser sempre o melhor que podemos ser, assim nós nos ajudamos, ajudamos a quem amamos e contribuímos para um país melhor.

Claro que, como tudo na vida não vem fácil, eu mesmo, para seguir o meu desejo, saí de casa. Nasci em Santo Ângelo, mas, como por lá não tem oportunidades, fiz o Enem e me mudei para Rio Grande. Desde então, vejo a minha família duas ou três vezes ao ano. Cara, isso dá uma saudade absurda, sinto falta até dos meus 3 cachorros, que são bem legais e ativos em casa.

Nessa saudade, principalmente, sinto falta da minha mãe que, nos últimos tempos, não está muito bem de saúde, mas, como uma pessoa forte que sempre foi, vem lidando bem com as adversidades da doença. Além disso, ela aposta tanto em mim e na minha vitória que ela merece que eu me forme e ela sabe que a minha formação será uma vitória de nós dois.

Estou longe de casa desde 2016, e tenho aproveitado

várias oportunidades, curtido as amizades. Morei numa república com mais de 20 pessoas e te digo, era muito engraçado e ter vindo estudar me proporcionou isso. Nem te falei, mas escolhi cursar Licenciatura em Geografia, muitas vezes, me pergunto o porquê de ter escolhido esse curso, mas sabe que me fascina a ideia de proporcionar conhecimento aos outros e contribuir com a formação das pessoas.

Por isso, te digo, investe na tua educação, não desiste. Nessa vida, levamos aquilo que aprendemos e vemos; tenho certeza que conhecimento e estudo te proporcionarão oportunidades para vires coisas incríveis; muitas vezes, nem precisamos sair de casa, temos uma infinidade de livros que nos ajudam a viajar e ver um mundo inteiro por aí.

Ultimamente, tenho conhecido alguns lugares diferentes, como Pelotas, aqui do ladinho de Rio Grande, lá é bem legal, sabe? Tenho aprendido, principalmente, sobre a cultura da cidade e os prédios históricos. Outro lugar que conheci recentemente foi Joinville/SC, a estrutura de lá é bem diferente daqui; a cidade é rodeada de morros e com bastante paisagismo, o que contribui com o clima da cidade.

Você, também, deve conhecer muitos lugares, uns longe, em outros estados e, até, em outros países e, também, lugares perto, como bairros ou distritos do próprio município, lugares que são diferentes que Rio Grande. Não melhor ou pior, pois isso é coisa da nossa cabeça, mas diferentes a ponto de nos instigar uma vontade de retornarmos lá e de viver lá. O único meio de atingirmos nossos sonhos e matarmos a saudade dos lugares e pessoas que conhecemos é uma união entre educação e trabalho, um não pode viver sem o outro.

O trabalho, segundo o antigo provérbio, dignifica o ser humano, porém sem estudo o trabalho vira uma prisão e a educação sem trabalho não tem significado. Educação no sentido amplo da palavra, do conjunto dos nossos conhecimentos como também de nossas atitudes comportamentais e de nossa cultura.

Cultura, amo essa palavra, ela tem uma outra palavra que é sua amiga, talvez você a conheça, a Arte. Uma vez assisti a um filme que dizia mais ou menos assim, o trabalho nos

mantém vivo, mas a arte nos dá razão para viver. Se você estiver cansado depois de um dia longo de trabalho e não aguentar mais nada, experimente tentar colocar um pouco de Arte na sua vida.

Arte essa pode ser assistir TV, novela, um filme ou um programa divertido, pode ser, também, uma música; pode ser funk, gauchesca, o bom e velho rock ou, quem sabe, até uma música clássica, imagina se tu descobres que gosta de orquestra! Livros são muito bons também, talvez, você ache que, no fim do dia, não tem cabeça para ler ou diga que não gosta de ler, mas, quanto a isso, o problema não é o livro, mas sim o assunto. Escolha um assunto que você goste.

Pinturas e artes plásticas têm aos montes de graça nos museus e na internet. Além do mais, na internet, tem tudo isso que eu citei de graça, só o que não é de graça é a própria internet.

E eu poderia ficar aqui escrevendo mais sobre como a vida está, mas quero reforçar que tu não debes desistir dos teus estudos. Sacrifícios são necessários, mas foca no teu futuro e tenho certeza que tu não vais te arrepender, isso vai te abrir portas para ter muitas coisas boas na tua vida. A economia está complicada, as vagas de emprego estão difíceis e a concorrência é forte.

Ricardo Meyer Mazo

Primeiras palavras

Marco Cesar Dutra

Rio Grande, ano de 2019.

Carta a um aluno de EJA,

Prezado aluno, eis aqui uma história de vida real, pois conta como podes seguir este exemplo ou deixar passar mais este incentivo. História que, talvez, possas pensar que não aconteceu, mas, mesmo assim, contarei. Usa como quiser, mas não esqueças: decide o que fazer e sei que teu objetivo de vida será a prioridade.

Um rapazinho, com mais ou menos sete anos de idade, começa seu aprendizado em uma escola patrocinada por empresa, sua professora lhe ensinava a escrever e ler. Eram as primeiras palavras, mas, por escrever letras separadas enquanto sua professora cobrava-lhe escrever com letra cursiva, ele ganhou – da professora – um caderno de caligrafia, o qual beneficiou o aprendizado de sua caligrafia. Passaram-se anos de sacrifício, sua família passava por adaptações, seu pai trocava de profissão, a fábrica que trabalhava havia fechado e sua profissão de caminhoneiro já não sustentava a família.

Mas seus familiares se ajudavam, não deixando passar dificuldades com alimentação. Tiveram que morar com sua vó, que acolheu seus pais e irmãos e, assim, passaram a estudar em uma escola pública que, na época, era um regime político influenciado por militares. Foi difícil para sua família, seu pai continuava à procura de uma profissão que fornecesse os proventos para sua prole, que era de cinco filhos. Como todo esforço é recompensado, seu pai encontrou uma profissão que

Ihe deu um pouco de alento, mas, para ajudar, começou a trabalhar com um de seus parentes, tendo que estudar na parte da noite, tentando concluir seus conhecimentos.

Este período não foi suficiente para concluir, então, como deveria servir ao exército, viu, em sua mente, despertar um desejo de ser militar, mas teria que ter concluído o ensino fundamental. Naquela época, havia provas da Delegacia de Ensino do Estado onde, com muito esforço, concluiu o ensino fundamental e veio a ficar algum tempo no exército, de onde saiu com sua promoção de cabo e, também, de terceiro sargento.

Mas, mesmo assim, quando terminou seu tempo de serviço no exército, não parou seus estudos, continuando a fazer mais e mais cursos e concursos, usando os exames da Delegacia de Ensino, assim, conseguiu o segundo grau.

Aí, veio a ideia de fazer curso técnico, realizando mais um de seus sonhos. Após ter concluído o segundo grau, resolveu continuar estudando e teve o desejo de realizar um curso superior. Fez o ENEM, que Ihe permitiu ir até a Universidade realizar o curso de Geografia, o qual vem batalhando para concluir, pois, como todos sabem, sem esforço, não se consegue chegar.

Para isso, hoje, temos grandes escritores nos fornecendo palavras de incentivo e leituras, projetos de professores que ajudam as pessoas como esse jovem que, por desventuras da vida, não conseguiu concluir seus estudos. Paulo Freire traz, em seus escritos, palavras de alento, tanto para professores como para alunos, dando valores distintos para o saber e provoca alunos de licenciatura a ousarem. Se, aqui, for tentar descrever Paulo Freire, seria injusto com o mestre. Procurei, com essas breves palavras, transcrever um pouco de incentivo a vocês alunos da EJA, pois o saber, por mais simplificado que seja, é saber, devendo ser multiplicado e expandido aos quatros cantos do mundo.

Sê feliz, realiza teus sonhos, vai em frente, seja onde for que adquiriste teus conhecimentos, vai! Faz a diferença, aprende e saibas que nunca é tarde para aprender. Jovem, adulto ou adolescente, vocês não são marginais – como

algumas pessoas julgam os alunos da EJA –, não precisam mostrar nada a ninguém: mostre a ti, vence teus fantasmas, sê feliz, realiza seus sonhos.

Marco Cesar Dutra

Revolução

Gabriel Peixoto Martins

Rio Grande, ano de 2019.

Cara(o) futuro educanda(o),

Não sei verbalizar minhas expectativas sobre ti lendo esta carta, por isso vou contar um pouco como cheguei aqui:

Minha infância foi marcada pelas constantes repressões e limitações que eu mesmo me impunha quando mostrava meus desenhos “bobos”. Antes da primeira década de idade, já esboçava interesse por desenho, porém nunca achava ser capaz de compartilhar minhas expressões, tendo a visão de que as coisas que fazia tinham alguma utilidade. Graças a isso, ficou claro como eu tinha fobia por comentários negativos, me arriscar ao público sempre foi meu maior medo, a desaprovação, as palavras dirigidas a minha pessoa, feitas pelas minhas costas eram insuportáveis, qualquer ideia negativa vinha a assombrar minhas noites.

Logo, em minha adolescência, joguei fora todos os meus planos de vida como desenhista e estava sujeito a quaisquer oportunidades que surgissem em minha frente, me sujeitando a cursos de exatas, direito, ou qualquer coisa que me desse uma estabilidade financeira, e foi aí que entrei para um estágio no fórum de justiça da minha cidade.

Lá, pude observar de perto o que parecia ser a maior desilusão de minha vida: o mercado de trabalho que parecia muito justo aos olhos inexperientes, principalmente, os do tipo de trabalho sem alma, em que se matava o mesmo leão por dia, tornando mais sem sentido os gostos pelo viver. Trabalhava na comarca de processos civis: era entrada e saída

de advogados, trabalhadores exaustos pelas injustiças que as empresas faziam com as pessoas mais velhas: a desigualdade social mais crua é evidente em um prédio onde pobres e ricos entravam. O que, por sequência, me fez abrir os olhos foi a crise de 2016; via muitas pessoas “bem de vida” serem descartadas do dia para a noite com as ações das mesmas empresas se elevando a cada demissão que se dava. Com isso, vi o lado grotesco do capital se assumindo e revelando como somos todos descartáveis dentro deste sistema.

Me vi, em seguida, inspirado nas práticas aos meus arredores (desenho) e não importava como: meu desejo era ser autônomo com o que mais amo (na época, me imaginava em longas discussões em aula, quase como um sonho premonitório, mas, no contexto, eu era o professor).

Foi antes de terminar meu estágio que me encontrei com a tatuagem. Nela, pude sair do isolamento causado pelas práticas dos meus desenhos e ter um novo tipo de tela: as pessoas. Então, juntei todo o dinheiro que tinha dos meus últimos salários (larguei de comprar minha carteira de motorista, que, na época, me parecia como o produto que me faria feliz) e comprei um kit de tatuagem e fiz um pequeno curso para os primeiros passos.

Tudo na minha vida se resumia em: estudar, me formar, arranjar um emprego, casar, ter filhos e morrer com uma renda miserável de aposentadoria. Minha infância morreu muito jovem dentro de mim com “certas ideias” alinhadas de profissão, onde devia me espelhar nos exemplos de “sucesso” (profissões que davam status). Estava apenas no terceiro ano do colegial e não conseguia dormir pensando no futuro, era um menor de idade tentando me encontrar em um mercado muito maduro, mas também extremamente sexista, racista e competitivo ao mesmo tempo (um reflexo da nossa sociedade como um todo).

Estava estressado com meu futuro dentro de uma faculdade, queria mais do que tudo entrar no curso de bacharelado em artes visuais para tentar me inserir nesse contexto de viver do que gosto: arte. Por isso, estudei apenas conteúdos que me interessavam dentro da área e foquei

somente na redação. O que me fazia refletir muito sobre o meu entorno e expressar as angústias que via no mercado da tatuagem e, foi aí, que livros de teoria em geral me cativaram: psicologia da imagem, filosofia e sociologia; eram um deleite para mim, além de mitos e lendas urbanas, pagãs e religiosas.

Por muito pouco, não consegui, mas entrei no curso de artes visuais. No entanto, na licenciatura, me apavorei de medo, pois não tinha confiança em me expor, mas aceitei por ser um curso exatamente igual ao bacharel nos anos iniciais.

Vindo para a FURG e me encantando com as novas experiências de acolhida, estava à procura de um lugar que pudesse trabalhar, foi aí que me deparei com a Maloca casa colaborativa. Ela possuía um processo horizontal de organização de trabalho e reunia todas as produções feitas na casa para se comungarem e dividirem os públicos em eventos que favoreciam a bandeira da casa: autonomia e apoio à cultura local, por isso ajudei a organizar inúmeras oficinas, festas e eventos que dialogavam com a comunidade.

“A reflexão crítica sobre a prática se torna exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá é a prática, ativismo.” (FREIRE, 1996, p. 24)

Foi aí que enxerguei a potência de se trabalhar na base e dialogar com as vivências. Logo vi que era possível fazer trabalho de base para fomentar a alma e, ainda assim, seguir o caminho de produzir arte, que me revelou que não precisava sair da licenciatura para ser um artista como um bacharel.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 25)

O que, em sequência, me traz a esta carta são os deleites que fazem ver o quanto vale a pena ignorar as regras às vezes, e assumir um caminho alternativo. Minhas duas paixões para me expressar são as marcas dentro e fora da instituição, sendo em um estúdio, ou uma sala de aula. A

instituição não foi feita para se tornar o único evento possível de aprendizagem e construção do ser, mas é vista como tal, para isso me sinto motivado a transgredir essas regras e aprender com outros aspectos da vida e ser transdisciplinar é o mínimo para esse processo.

Seja jardineiro, pintor, pedreiro, serralheiro, tudo está conectado de alguma forma, nos ensinaram a ter apenas uma profissão e o resto é só “hobby”, com pouca importância, pois não leva uma renda imediata a sua conta bancária, e a expressão fica em segundo plano. Isso não é vida, é castração emocional, pois ser crítico aos processos é abrir para que se dialoguem e se aprimorem internamente para ser dono de si mesmo, autônomo e independente, mesmo assalariado. Com consciência, é possível se chegar longe.

“Onde há vida, há **inacabamento**” (Paulo Freire)

Kairós, antítese de cronos (linha do tempo cronológica), das histórias gregas, são uma outra forma de compreender a realidade, sem que a finalidade ocorra de maneira imediata, mas como sequência de uma série de ações redigidas ao longo do tempo, que se unem em determinado momento. Anansi, das lendas do oeste africano, conectava as teias da história, não em uma linha reta, mas em círculos, cujos momentos se encontravam sem hierarquia, central e todas equivalentes, em que nenhum processo é levado em consideração como menos relevante, mas constituinte de um todo que dá vida às histórias de Anansi. O taoísmo nos convida a uma nova reflexão acerca de degustar os momentos e critica a postura imediatista de produção, em que tudo é feito com intenção de se obter uma solução arquitetada, incapaz de viver feliz com imprevistos fora do grande plano escrito, abolidor de quaisquer novos processos, com uma execução ou uma pilha de fogueiras.

“O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nós ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam”. (FREIRE, 1996, p. 86)

Pelos olhos da história, podemos ver inúmeros processos sendo descritos e se repetindo sobre os mesmos erros do passado. E, com o passar dos anos, a quantidade de informações e conhecimento armazenadas pela humanidade vem dobrando cada vez mais rápido; a primeira vez que isso aconteceu foi na época do Renascimento na Europa; a segunda, na revolução industrial, agora, com as novas mídias, dobramos a cada dois anos, como é ilustrado por pesquisas recentes¹.

O que me leva a perguntar: como que faz para se manter são em um mundo tão complexo? Seria construir grandes muralhas para meu conhecimento e me limitar a olhar só para aquilo que me dá capital agora? Paulo Freire me elucida nesses momentos quando assumimos que sabemos bastante, mas, ao mesmo tempo, não sabemos de nada, por isso somos inacabados e em constante movimento, em que todo dia é um dia que se pode aprender algo novo:

“É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.” (FREIRE, 1996, p. 67)

O que não significa que seja uma tarefa fácil, especialmente, porque temos, ao nosso dispor, eletrônicos que nos inundam de informações todos os dias, nos fazem esquecer da nossa realidade com elegantes sucessos de bilheteria, *blockbusters*, séries em serviços de *streaming* que facilitam a comodidade de qualquer um em que, no final do dia, tudo que é ansiado é um momento para se abstrair dos fatos ao nosso redor. Nos apatizam com violências gratuitas que banalizam o sentido de vida e morte, tornando irrelevante qualquer morte noticiada, porque tudo, no final, vira estatística

¹ Para mais detalhes é possível consultar: <https://canaltech.com.br/carreira/Analistas-afirmam-que-a-producao-de-dados-dobra-a-cada-dois-anos/>

e números em processos que se homogenizam dentro da mídia *mainstream* e ignoram a essência individual e, enquanto isso, nos separam pelas categorias de luta para que nunca haja um sentimento de coletividade, apenas individualidade.

Luta marcada nos anos de resistência do milênio anterior, esquecendo de lado a coletividade multicultural e os diálogos entre vizinhos, até chegarmos na época em que a resistência se tornou banal também, o ativismo se tornou “quebra-quebra”, a militância se tornou “mimimi”, muitos discursos foram generalizados e assumidos dentro de cada bolha no espaço-tempo de cada um, em que todos se lembram do direito de se expressar, mas se esquecem da diferença entre opinião e opressão, sendo que ambas variam dentro da construção individual que se torna limitador pois torna os diálogos fúteis. É sem o interesse de se construir algo em coletivo, é cada um “no seu quadrado”.

Em tempos de solidão, procuramos anestésias para a nossa tristeza, que, por sua vez, nos afastam de ver o lado da estesia como uma oportunidade também. Se expressar durante os momentos de tristeza e alegria nos fazem refletir sobre como agimos, constroem premissas para se autocriticar e mergulhar dentro das agonias e delícias da vida. Sobre os sentidos atuais que assombram minha perspectiva no futuro, Darcy Ribeiro, antropólogo e ex-ministro da educação, nos lembra sobre a crise na educação: “A crise na educação não é uma crise, é um projeto”.

Mas, então, não seria mais fácil só continuar me expressando e ignorar essa faca apontada? Sim, realmente é mais fácil, mas, em momentos como este, o que sempre me lembro e me toca é uma história de Bob Marley:

“Lenda do reggae, o músico Bob Marley sofria uma tentativa de assassinato em um dia como este, no ano de 1976, em Kingston, na Jamaica. O atentado aconteceu dois dias antes do “Smile Jamaica” (Sorria Jamaica), um show gratuito organizado pelo primeiro-ministro jamaicano Michael Manley em uma tentativa de aliviar a tensão entre dois grupos políticos rivais. Nesta dia, homens armados invadiram a casa de Bob Marley.

A sua esposa e seu gerente Don Taylor sofreram ferimentos graves enquanto o músico foi ferido sem gravidade no peito e no braço. Possivelmente, o atentado teve motivações políticas, já que muitos sentiram que Bob Marley poderia estar fazendo um ato em apoio a Manley.

Contudo, apesar do susto, Marley foi para o palco para fazer o show. Quando perguntado qual o motivo para cantar mesmo ferido ele respondeu: "As pessoas que estão tentando fazer este mundo pior não tiram nenhum dia de folga. Como eu posso?" Uma multidão de 80 mil assistiu ao show. Bob Marley morreu no dia 11 de maio de 1981, em Miami (EUA), em decorrência de um câncer de pele que se espalhou para outras partes do seu corpo. Ele foi casado com Rita Marley, mãe de quatro de seus 12 filhos (dois deles adotados). Entre eles estão Ziggy e Stephen Marley, que deram sequência ao legado musical do pai na banda Melody Makers. Outros filhos, Kymani, Julian e Damian (Jr. Gong) também seguiram no meio musical (..) (Fonte: UOL)

Em conclusão, enfatizar a importância do apoio coletivo às produções que se frutificam ao nosso redor, vivemos em tempos sombrios para a cultura; os poucos astros que transpassam a mídia nacional possuem um grande monopólio de influência e não passam fome com seu trabalho, já outros, que estão na estrada de construir algo novo, são deixados de canto perante a grande indústria. Para que isso se inverta, é necessária uma revolução, e esse fenômeno não será televisionado, ou irá mobilizar milhares de pessoas na rua; a revolução não irá quebrar os padrões de beleza, te dar carros de luxo e antidepressivos de grife. Ela tornará tudo isso supérfluo.

A revolução de que falo não vai te dar músculos e fazer "subir na vida". Ela vai fazer com que você se sinta bem consigo mesmo e, embora erga a autoestima de uma pessoa, não aumentará suas chances de ganhar na loteria. Isso fará com que uma amizade sincera valha mais do que todo o dinheiro do mundo.

Tudo se inicia com pequenas ações se provocar para

ser mais sensível com as coisas e as pessoas, se permitir os momentos e quebrar nossas próprias limitações impostas. Você não irá se tornar criativo do dia para a noite, mas irá remover os obstáculos que o colocaram para o potencial e exercer, sem medo, aquilo que já é potência dentro de si.

Não importa a religião, mas um fato é conhecido pela humanidade: carregamos o destino de nossa morte certa em nossas costas, nos últimos momentos, seja no leito de hospital ou na rua, estaremos sozinhos, trilhando um caminho para o desconhecido, mas, enquanto tocarmos nas pessoas, nunca deixaremos de existir dentro de cada um que dividiu experiência com a sua pessoa. Não falo de legado material, mas do imaterial que não pode ser comprado em um *Freeshop*, em um atacado sob promoção de varejo. As experiências são únicas.

Gabriel Peixoto Martins

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, 9.^a Edição, Editora Paz e Terra, 1996.

UOL. **Hoje na história**. Disponível em: <https://br.historyplay.tv/hoje-na-historia/bob-marley-sofre-tentativa-de-assassinato-na-jamaica>. Acesso em 19 nov. 2019.

Ideologia

Juliano Gomes Gonzaga

Rio Grande, ano de 2019.

Ao se pesquisar o conceito de ideologia, encontramos um extenso debate que durou e dura por séculos na humanidade. Alguns apresentam o termo de forma pejorativa, como uma forma de controle e alienação, afastando o povo de uma visão esclarecida, sendo utilizada como uma ferramenta de opressão do dominador sobre o dominado. Outros pensadores observam a ideologia como um conjunto de ideias que se encontram em comunhão com um grupo social, buscando um ideal comum, como lutas por direitos oprimidos.

Ao se pesquisar um pouco sobre a visão que Paulo Freire tem sobre o tema, percebe-se sua preocupação com o conceito. Num trecho de *Pedagogia da Autonomia*, ele discursa que “a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos” (Freire, 1996). Nesse sentido, ele também faz analogias com a questão de estar “míope”, em que ele alerta o fato de a população aceitar aquilo que enxerga como o que é real, e não uma realidade distorcida. Para defender suas teses, Freire cria analogias com a globalização econômica que sujeita países latinos, como Brasil e Argentina, a participar do sistema capitalista conforme países mais fortes economicamente, como Estados Unidos, Japão e Alemanha.

O papel do professor, então, segundo o autor, deve ser de buscar a emancipação do sujeito, tanto educador como educando, dessa lógica que apazigua a população e faz ela aceitar o controle do capital sobre sua vida. Também, aponta os determinismos que muitos fazem, criando preconceitos raciais, regionais e de gênero que acabam transformando

percepções pejorativas como verdades dogmáticas.

Por fim, se discute a importância de lidar com os contrários, os distintos. O autor discursa que, “quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil” (Freire, 1996). Dessa forma, se defende a importância do diálogo para se alcançar o ideal emancipatório do povo, em que se enxergam como classe e lutam contra a opressão do mundo capitalizado que transforma pessoas em objetos do mecanismo do capital.

Juliano Gomes Gonzaga

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RODRIGUES, I. **O que é Ideologia (e o que não é)? - Conceitos Históricos**. 2018. (18m4s). Disponível em: <<https://youtu.be/zAdgefCuoQA>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Comprometimento

Valdoir Guimarães Oliveira Junior

Rio Grande, ano de 2019.

Querido(a) estudante da EJA,

Estou aqui, juntamente a um amigo, que conheci há pouco mais de um ano, mas que, desde então, sempre me acompanha na maioria das minhas escritas, independentemente do assunto, para falarmos um pouco sobre comprometimento. Mas afinal, o que significa “comprometimento”? Não tem nenhum segredo. A palavra comprometimento simplesmente se refere a um ato de promessa recíproca que requer responsabilidade da parte de quem se compromete, por exemplo, num relacionamento amoroso, é necessário haver comprometimento de ambos os lados, um esforço da parte do casal para que as coisas funcionem da melhor maneira possível. Ah, quase esqueci de apresentar o meu amigo, o nome dele é Paulo Freire, ele foi um grande educador e filósofo brasileiro reconhecido mundialmente. Apesar de não estar aqui conosco, eu, outros professores em formação, professores já em atividade e diversos outros educadores, carregam fielmente as suas ideias, propagando muitos saberes necessários à prática educativa.

Paulo Freire é muito claro quando se refere à palavra “comprometimento”. Ele associa a palavra diretamente à “confiança”, nesse caso, confiança entre o educando e o educador. Você confia no seu professor? Você confia que tudo que ele ensina é verdade, ou verdade absoluta? A relação de confiança ou desconfiança sempre gera dúvida nas pessoas, muitas pessoas preferem sempre desconfiar, não

necessariamente do professor, mas de qualquer coisa, pois se sentem mais protegidas ao não confiar, seja para proteger seu ego, seja para ter autoestima. É muito comum conviver com pessoas desconfiadas ou paranoicas, mas eu aconselho você a adotar um pensamento contrário a esse. Quando você vai ao açougue, você precisa confiar que o açougueiro vai vender uma carne de qualidade. Quando você vai ao supermercado, precisa confiar que o produto que está comprando é de qualidade, precisa confiar que o caixa vai dar o troco certo. Quando está pedindo uma informação na rua, você precisa confiar na pessoa que vai te ajudar. Quando você está num relacionamento amoroso, você precisa confiar que vai existir reciprocidade, você precisa se comprometer com esse sentimento; caso aconteça o oposto, a desconfiança vai consumir a paz do relacionamento e, a partir daí, não há como ser inteiramente feliz na relação. Por que não confiar no professor?

Entende-se que a construção da confiança no professor depende do processo de ensinagem construído na sala de aula quando o professor assume a postura humilde, sincera e flexível diante do aluno. Assumindo não ser o detentor de todo conhecimento, admitindo e consertando os equívocos cometidos durante as aulas, entendendo que o método de aprendizagem mais valioso é dado através da construção simultânea da aprendizagem, aquilo que Freire entende como “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender” (FREIRE, 1996, p. 23). Logo, o educador-educando é entendido como o processo em que o professor não vê o aluno como um depósito de informação e conhecimento, até porque ensinar não é transferir conhecimento.

O professor deve entender o aluno como um ser que traz consigo um conhecimento adquirido de formas distintas devido à particularidade do cotidiano de cada um. Dessa forma, o educador aprende com as experiências e conhecimentos já vivenciados pelo aluno.

De maneira que professor não deve ver o aluno como uma folha em branco para depositar seu conhecimento ali, mas deve ver como um ser que já possui algum conhecimento, seja

formal ou informal, acadêmico ou empírico, científico ou teológico, cada educando carrega sua particularidade e experiência pessoal e o educador também pode aprender com isso. O educador deve se comprometer com essa relação horizontal para que o conhecimento esteja ao alcance de todos que estão presentes na sala de aula e, principalmente, de uma maneira em que o aluno se sinta confortável para construir essa relação de aprendizagem com o professor.

Valdoir Guimarães Oliveira Junior

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Experiência

Rayssa Silveira da Silva

Rio Grande, ano de 2019.

A experiência nós adquirimos através de qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos. Desde os primeiros momentos de vida, estamos adquirindo a experiência pela vida, pelos respirar, pelas mudanças e por tudo que nos rodeia.

Na verdade, a experiência é uma forma de conhecimento direto, que se confirma por si mesmo. A experiência é o verdadeiro conhecimento, o que não exige nem envolve crença, pois o conhecimento exclui qualquer necessidade de acreditar. É preciso viver, é preciso experimentar, para, assim, ter uma conclusão; isso se difere de cada ser, pois, por mais que você chegue ao mesmo lugar que outra pessoa, suas trajetórias, seus caminhos são distintos e suas experiências únicas.

A escolha desta palavra, que particularmente é um ponto fundamental da definição, e construção de cada um de nós é algo que me leva a uma profunda reflexão, pois paro para pensar em cada passo que dei e sei que ainda darei para trilhar minha história de vida.

A experiência traz memórias boas e memórias ruins, acredito que, através dessas experiências vividas, conseguimos, ao longo do tempo, rever nossas escolhas e fazer com que um novo caminho seja seguido, diferente daquele que não deu certo, ou que apenas não foi o que buscamos.

Minha maior experiência se chama Manuella. Fui mãe aos 16 anos e acredito que, para uma menina/mulher, não

existe nada comparável a esse turbilhão de sentimentos. A escolha desta palavra foi uma forma de me autovisualizar e ver o quanto nos tornamos fortes. Mesmo diante de muitas batalhas, a fé de um dia melhor e de nos tornarmos uma pessoa melhor é um dos aspectos fundamentais para acordar no próximo dia com mais sede de viver. Esta palavra pequena que diz tanto!

Você já se perguntou o que é VIVER? Se cada um de nós, todos os dias, parasse e tirasse alguns minutos para fazer essa reflexão, veríamos o quanto a vida é boa, e simples e o quanto já construímos até aqui. Claro... não são só flores – claro que não –, mas são os dias de lutas que tornam os de glórias vitoriosos.

A licenciatura em si foi uma das escolhas e experiências mais lindas e cativantes que tenho vivenciado, e não digo apenas por estar matriculada no curso que me proporciona isso. Chamo atenção para cada um daqueles pares de olhos que estão ali, fixos, olhando, observando o conteúdo; muitos que estão ali sentados não dominam o conteúdo, outros têm bastantes dificuldades, por sorte, alguns também se saem muito bem neste conteúdo. E o que leva a cada um de nós estarmos, às vezes, nos mesmos lugares e posições e sermos tão distintos em conhecimentos e dificuldades? Eu digo que, em parte, é a experiência que nos rodeia, a que buscamos com o passar do tempo, ou até a que chegou assim sem mais nem menos e, simplesmente, a vivenciamos.

Tudo que nos é permitido viver é parte desse contexto, pois é, através dela, que ganhamos e expandimos a consciência; isso não é questão de ser cético ou crente, pois, quando temos a experiência, algo na sua fé se torna inabalável.

Quando você se permitir viver isso, você irá perceber que a conquista de uma confiança jamais foi a busca por uma crença. A verdadeira confiança é a busca da concepção de algo que é inexplicável. Lembre-se que acreditar é diferente de confiar, é viver a vida na sua plenitude. Só assim será a sua experiência, não será nada emprestado do outro, só você tem a certeza do que viu, ouviu, sentiu.

No sentido Freiriano, o qual vem da opinião e da certeza

do que ele viveu, o artigo revisita o tema do “saber de experiência feito” a partir do debate teórico entre ciência e senso comum. Para PEREIRA (2017),

assume o pressuposto de que o conhecimento científico é tributário do saber popular e que, por isso, na formação escolar construímos superações, não rupturas com esse saber originário de nossa experiência social [...] Assim, valorizar e “partir” do conhecimento da experiência não significa “ficar” nele, uma vez que dicotomia teoria e prática apenas reforça estereótipos e preconceitos. (PEREIRA, 2017, p. 112)

Baseado nessas definições, o que a torna fundamental é o compartilhamento, a troca de experiências e todas as formas que temos de passar nosso conhecimento para o outro; é também ser sábio e escutar, aprender, afinal, não sabemos tudo, sempre temos algo novo para aprender; feliz de quem sabe dividir toda suas experiências e conhecimentos e que não guarda para si algo que seja útil para a formação do outro.

Aproveito esse espaço para contar um acontecimento bem recente o qual me despertou ainda mais vontade de seguir minha profissão de Professora e poder acompanhar muitas histórias de pessoas que merecem muito a oportunidade de aprendizado e ensinamentos. Tivemos, em uma sala de aula da EJA, na qual conheci pessoas maravilhosas com histórias lindas de muita luta e muita garra e, em uma de nossas trocas de conhecimentos, havia, ali, um Senhor que não sabia ler nem escrever, seu desejo era aprender para poder tirar uma carteira de habilitação.

Este Senhor é um dos melhores mecânicos de nossa cidade, ele é cheio de experiências e conhecimentos dentro da área dele e, em momento algum, julgou qualquer outro colega, ou até nós mesmos por não sabermos de sua profissão. Isso mostra que não existe ninguém nesse mundo que saiba tudo; nossa vida é, e sempre será, um eterno aprendizado, basta cada uma de nós ir em busca de aprimoramentos na área em que mais desejamos, mas nem por isso deixar de conhecer e experimentar outras áreas.

Nosso mundo é enorme e cheio de diversidades, o que mais levamos e deixamos de importante para nossa vida e para vida de alguém é nosso tempo; quando dedicamos nosso tempo para ensinar e repassar a troca de experiência que tivemos durante nossa vida, estaremos deixando um pouco de nós dentro de cada um, pois somos únicos e nossas experiências também.

Rayssa Silveira da Silva

Referências

PEREIRA, T. I. A vida ensina: o “saber da experiência feito” em Paulo Freire. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. p. 112-125, junho, 2017.

Educação

Tainan Silveira Farias

Rio Grande, ano de 2019.

Caro estudante da EJA,

Venho lhe escrever esta carta sobre a importância de sempre continuar estudando logo abaixo abordarei assuntos mostrando tanto minhas percepções quanto as visões de Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), educador brasileiro e um dos maiores do mundo, patrono de nossa educação.

Mas, antes disso, gostaria de dizer a você que estuda na EJA que deve permanecer sempre perseverante nos estudos, muitas vezes, eu também posso sentir um certo desânimo, seja no meu ensino fundamental, seja no médio e, principalmente, agora, na faculdade, tendo de alinhá-la aos compromissos da vida adulta, porém o conhecimento adquirido compensa qualquer cansaço.

Acredito que a Educação seja algo de suma importância – um sistema educacional preocupado em fazer o aluno refletir – pois, somente assim, a Educação pode ser a mola propulsora para resolver os mais variados problemas da nossa sociedade, como a intolerância, a intransigência, criminalidade, insuficiência econômica, a falta de empatia, a não descoberta de cura de doenças, o não pensar, entre outras mazelas.

Penso que, com uma Educação fortemente valorizada – isso inclui bons salários, escolas equipadas, planos de carreira entre outros pontos –, em breve, seríamos uma sociedade em que as pessoas, com o conhecimento adquirido, teriam uma visão mais ampla de mundo, em que não nos prenderíamos a dogmas, em que seríamos mais solidários, em

que encontraríamos a verdadeira liberdade, de modo geral, acredito que a Educação nos tornaria mais humanizados.

Para Paulo Freire (1987), a Educação deveria servir para nos libertar de uma ótica de mundo fria e alienada e nos transportar para uma ótica de mais liberdade, isso fica ainda mais claro quando o mesmo define a educação como “libertadora” ou “bancária”. Ainda sobre essa questão, diz Freire (1987, p.55): “A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancária’ ou de pregar no deserto.” O mesmo também defende que deveríamos enxergar o Ensinar e o Aprender como duas faces da mesma moeda, ou seja, ambos os atos se completariam, rompendo a relação vertical professor-aluno. Paulo Freire acreditava que a educação poderia ser transformadora na vida das pessoas, como citado acima, de maneira que defendia uma educação “libertadora”.

Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), cita o fato de pessoas que são oprimidas perderem sua humanidade e sensibilidade. Penso que o ideal é que nós nunca deixemos morrer sentimentos bons em nossos corações, mesmo que, muitas vezes, a vida seja dura, mesmo que nos vejamos em uma situação que nos conduza a uma tendência de olhar só para nós mesmos; devemos, também, ter um olhar para quem está ao nosso lado, seja o familiar, colega de EJA, seja colega de emprego etc.

Freire tinha uma visão de que a esperança é o ponto inicial e necessário para enfrentar um problema, porém a mesma sozinha não seria suficiente, pois devemos buscar uma ação e visão crítica sobre as mais variadas questões dos problemas do mundo. Creio que devemos olhar a esperança sempre com bons olhos, pois a mesma nos move a grandes realizações. Jamais devemos perder a esperança no futuro, em dias melhores, ter uma perspectiva de que, através de nossas atitudes, apesar das dificuldades, podemos colaborar com uma sociedade em que exista mais compaixão para com o próximo.

Na obra *Educação e Mudança* (1983), Freire atenta para a questão de se fazer um diálogo na sociedade de maneira global, não somente restrita a campos isolados, como, por

exemplo a sala de aula. A mesma coisa acontece no campo da conscientização, que há uma consciência de mundo limitada; penso que o autor tem razão em defender que tanto a consciência quanto o diálogo devem ser amplos e acredito que a sociedade deve estabelecer conexões entre seus mais variados setores para que haja um intercâmbio de culturas, em que todos possam falar e ouvir, em que todos possam aumentar seu nível de percepção dos problemas que nos cercam e, com isso, a sociedade alcance igualdade social e maior tolerância entre seus membros.

Antes de destacar o próximo ponto, é importante ressaltar que o foco de Freire não eram questões relacionadas a dinheiro, seu foco era refletir a existência de diferenças sociais, da opressão e da desumanização das pessoas. Infelizmente, gostando ou não, vivemos numa sociedade movida, basicamente, pelo dinheiro e capitalismo, então, acredito ser pertinente trazer dados que são as diferenças salariais de acordo com o estudo. Segundo o site “Nexo Jornal”, há uma diferença entre os vários níveis de estudo, como mostrado na Figura 1.

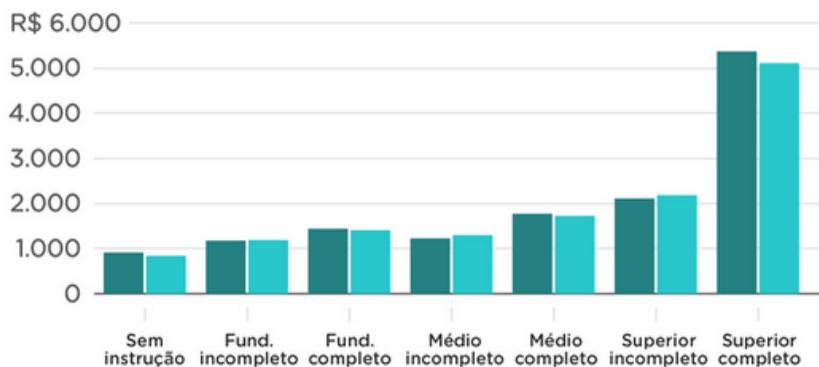
Figura 1: Diferenças por grau de escolaridade

3 Diferenças por grau de escolaridade

O grau de escolaridade está diretamente ligado ao rendimento médio recebido por um brasileiro. Quem não foi para a escola, recebe em média menos de um salário mínimo - cerca de R\$ 842. O grande salto no rendimento está entre os que concluíram curso universitário, eles ganham mais que o dobro, na média, das outras categorias.

Rendimento médio real por escolaridade

■ 2016 ■ 2017



Fonte: PNAD Contínua / IBGE

NEXO

Caro aluno da EJA, após ter falado sobre uma gama de assuntos, de estilos de Educação, como a mesma é importante para a sociedade, as visões, tanto minhas como as de Paulo Freire, sobre a esperança, diálogo, sobre os oprimidos e até mesmo a exposição de dados econômicos trazidos por mim, quero lhe dizer que nunca desista de seus sonhos, busque sempre acreditar que coisas boas são sempre possíveis de acontecer.

Tainan Silveira Farias

Referências

STRECK, D. R. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autonomia, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Diferenças salariais: Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/13/As-diferen%C3%A7as-atuais-de-renda-entre-os-brasileiros-em-5-gr%C3%A1ficos>. Acesso em: 18/10/2019.

Utopia

Mariana dos Santos Passos

Rio Grande, ano 2019.

Escrevo esta carta em memória a Paulo Freire e a toda sua contribuição à educação no Brasil e no mundo. Gostaria de começar esta carta me apresentando, meu nome é Mariana dos Santos Passos, sou formada em Geografia Bacharelado e, atualmente, estou cursando Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande. Nascida e criada em Pelotas, hoje, faz mais de oito anos que resido em Rio Grande, que já considero minha cidade do coração, pois toda minha carreira profissional e acadêmica desempenhei aqui.

Ao escolher a palavra utopia, pretendo, aqui, descrever o que esta palavra significa e o seu significado na minha vida. Utopia é um Substantivo feminino que possui dois significados no dicionário 1. Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. 2. Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade. A palavra Utopia vem do grego, em que “u” significa o “não existir” e “topos” têm sentido de “lugar”, ou seja, um “lugar que não existe”.

Escolhi esta palavra, pois ela remete muito de minha própria personalidade, me considero uma pessoa com valores utópicos que remetem ao segundo significado trazido pelo dicionário. Além do descrito pelo segundo significado, valorizo muito a preservação ambiental e acredito que o futuro da nossa sociedade se baseia não só numa sociedade ideal com leis justas, mas também na compreensão que nossa interação com

o meio em vivemos (tanto ambiental quanto social) definirá a forma como nossos descendentes viverão no futuro.

Se cada um em nossa sociedade possuir hábitos como reciclagem, compostagem, jardinagem, menos consumismo, mais respeito pelas particularidades dos demais, igualdade de oportunidades para todos, é possível construir um futuro próspero para todos.

Acredito que esses valores utópicos são os motivos pelos quais tenho perseverança em acordar todos os dias e desempenhar minhas funções como geógrafa, mulher, amiga, filha, aluna e futura professora. Esta utopia também é o que me faz acreditar na educação ambiental, não somente para crianças, mas principalmente para jovens e adultos, pois esses são os responsáveis de agora para mudar o pensamento no futuro.

Através da leitura do significado da palavra utopia no Dicionário Paulo Freire, nas páginas 481 e 482, penso que meu entendimento sobre a palavra se encaixa no pensamento da utopia freiriana que se relaciona com a concretização dos sonhos possíveis (verbete), em que se relaciona utopia ao sinônimo de esperança.

Após a leitura de seu livro Educação e Mudança, percebi o quanto é fundamental para Freire desempenhar o papel de educador com amor, pois não há como impor uma educação, assim como não se impõe o amor. Esta dinâmica de troca é necessária para humanizar-se e solidarizar-se com a realidade do educando para que, de fato, o seu trabalho seja efetivo na vida dele. Claro que, em certas situações, pode se tornar utópico, pois nem todos conseguem desempenhar seus papéis de educadores com amor.

Com o atual projeto de educação pública que pretende privatizar e retirar cada vez mais recursos da educação, é muito complexa esta dinâmica, visto que o professor do ensino público, principalmente os que atuam com jovens e crianças, nem sempre conseguem construir o amor próprio, o que pode afetar na construção de uma educação baseada no amor. Considero, aqui, um cenário de desvalorização salarial, falta de reconhecimento da sociedade, péssimas condições de trabalho.

Mesmo com todas essas adversidades, ainda possuímos bons exemplos de professores que aplicam a educação com amor, levando a uma reflexão de quanto o potencial e esperança de nossos educadores brasileiros vêm sendo desestimulados e o quanto isso afetará a nova geração de professores que vem se formando.

Para Paulo Freire, a educação sem esperança não é educação. A construção da esperança, no coração do educando, é, em grande parte, dever do educador, mas, quando o próprio educador não tem mais esperanças, perde sua capacidade de transmitir esperança.

Dessa forma, gostaria de me despedir expressando minha reflexão parcial sobre educação e utopia. Percebi que um bom educador deve ser um eterno utópico, necessitando ter sempre sua esperança eternamente alimentada para poder educar e, assim, construir uma educação com amor, só assim, de fato, sua educação será efetiva e transformadora. Gostaria, também, de agradecer a Paulo Freire por suas obras incríveis e inspiradoras e dizer que, com o pouco que conheci da mesma, fiquei encantada e triste ao mesmo tempo, por saber que nunca o conhecerei pessoalmente.

Gratidão por tudo, que sejas eternamente envolvido em um manto de luz onde quer que estejas.

Mariana dos Santos Passos

Educador

Ronaldo Joel Cozza

Rio Grande, ano de 2019.

Aos Educadores(as),

Falar de educador seria uma palavra que possui muitos significados, seja para o aprendizado, seja para a vida. A importância do que representa o educador vai muito além das salas de aula. O educador forma e transforma pessoas, dando-lhes um rumo, uma trajetória para o aprender, desenvolvendo, naquele ser, um pensador, um formador de opiniões, atribuindo o direito de se desenvolver de pensar, formar perguntas de relevância e analisar respostas e indagações, fazendo dele um ser pensante. Muitas vezes, o educador não percebe o quanto pode influenciar na trajetória do educando, com uma palavra de incentivo, um apoio naquela disciplina na qual ele se encontra com uma certa dificuldade. A percepção daquelas disciplinas nas quais ele possui mais facilidades e interesses pode vir a definir em que aquele ser irá se transformar no futuro.

A educação de crianças deve ser algo fantástico, tal como poder ensinar e encaminhar aqueles seres curiosos e de mente pura, promovendo aprendizagens que levarão para o resto de suas vidas. Não é à toa que pesquisas mostram o fascínio delas em querer ser professores quando adultas. O brilho no olhar, o fascínio pelo ensinar é uma das primeiras aventuras, espelhando-se em seus “super-heróis”, os educadores... as lembranças começam a vir na mente de quando se era aluno dos primeiros anos, lembranças de pessoas inesquecíveis que ficam na nossa mente como grandes lembranças boas e sadias, desde as primeiras letras

aprendidas até o fechamento do trabalho de conclusão de curso no ensino superior. Aquelas pessoas todas, ao longo de nossa trajetória, tiveram grandes significados em nossas formações.

Se fosse relatar cada educador que causou influências em minha trajetória, poderia cometer o grave erro de deixar algum de fora com uma imensa lista de ótimos profissionais e pessoas. Então, peço permissão para adicionar a influência de um grande professor de geografia na então oitava série, professor Zanella do Colégio Salesiano. Aquele educador que, na época, já possuía uma certa idade, de repente era até mais novo do que eu; afinal, nossas referências de idade se modificam conforme envelhecemos. Ele relatava que, em suas férias, pegava carona de caminhoneiros e se deslocava por conta própria até locais de onde seria a matéria da disciplina de geografia do próximo semestre para fornecer aos alunos informações daquele conteúdo, do lugar, das paisagens, pessoas e costumes... e não era perto: Norte, Nordeste, serras... tudo para fornecer uma riqueza de material para seus alunos que, naquela época, não dispunham de informações privilegiadas como hoje, com a internet.

Após vinte anos sem estudar – quando parei, nem computador havia no colégio –, trabalhava com mecânica automotiva em uma oficina da família. Nasci, cresci e aprendi a respeitar e admirar a profissão que fora de meu avô, meu pai, tios, irmão e, pelo que parece, se encerrará na minha gestão, encerrando um ciclo de gerações. Um outro ambiente de aprender e educar, mas com o mesmo propósito de aprender e respeitar aquilo que foi passado ao longo de uma grande caminhada,

Bom... voltamos ao que interessa; um dia estava efetuando um serviço em uma viatura da FURG e conversando com o Salateal, que é funcionário, e comentava que pensava em voltar a estudar; foi aí que ele falou que havia o curso de Geomática no CTI (Colégio Técnico Industrial) e quem tivesse o 2º grau poderia efetuar só a parte técnica. Nisso, chegou o professor Glauber Gonçalves, que já o conhecia desde a infância, e os dois me incentivaram relatando a respeito do

curso que, inclusive, o “Salate” havia concluído, e o Glauber era um dos idealizadores e professor do curso.

Ao chegar em casa, comentei com minha esposa e relatei que havia me empolgado com o que eles falaram, que era, exatamente, o tipo de curso em que eu me enquadrava devido à influência do professor Zanella ao qual me referi anteriormente. Mas, após a empolgação, caí na realidade e falei que a ideia de participar de um curso no CTI era para quem estudava muito, e eu já estava muito tempo afastado dos livros e minha formação do ensino médio havia sido muito precária. Concluí todo o ensino médio em apenas um fim de semana pela 18ª Delegacia de Ensino, sem ter feito cursinhos ou assistido a aulas (tipo de procedimento que não recomendo para ninguém, pois sofri muito, como irei relatar mais adiante).

Voltando ao curso de Geomática, um dia cheguei em casa e a Núbia, minha esposa, me entregou um papel de inscrição para as provas do CTI. Eu falei: “tu és doida, eu não tenho as mínimas condições de ser aprovado”. Mas, mesmo sem ter estudado nada, fui fazer as provas para agradá-la...

Lembro como se fosse hoje, em um dia ensolarado de verão, fui comer um picolé com um amigo na padaria próxima da oficina e, quando cheguei, fui surpreendido por farinha e ovos que minha irmã me jogava. E eu sem saber de nada! Ela me disse que fui aprovado no impossível, dentre vinte e oito vagas, fiquei em oitavo. Até aí, tudo estava relativamente tranquilo. O terror foi o primeiro dia de aula - FÍSICA -, nunca havia tido este “BIXO” antes.

Professora Franciane Coimbra, acho que era a primeira aula que ela estava dando, menos mal, eu acho... Ela havia se formado no curso integrado no próprio CTI, e, depois, em física pela FURG. Bem... ela começou a aula falando em calcular a órbita do satélite no entorno do geoide... peguei meu caderno, recolhi minha caneta e fui saindo de fininho; daí, escuto uma voz do “além”... “seu Ronaldo, aonde o senhor vai?”. Aquilo foi um terror, toda a aula me olhando, e eu parecia o pequeno polegar, contraído, minúsculo diante de toda a turma, virei calmamente e falei para ela: “isto não é para mim, estou muito longe”. Ela me puxou pelo braço e, calmamente, me falou, “não

te desespera, as coisas se acomodam”. Dentre os vinte e oito de minha turma, somente eu e outra menina nos formamos pelo período correto. Isso não me deixou nem um pouco satisfeito já que preferia que, ao menos, grande parte da turma se formasse conosco. É lamentável como as pessoas desistem fácil de uma conquista, e eu poderia ter sido mais um se não fosse aquela educadora, embora iniciante, ter feito toda a diferença no meu futuro acadêmico. Me formei no curso técnico, nos dois anos previstos, com cem por cento de presença, trabalhando e fazendo estágio como bolsista.

Em uma ocasião, eu trabalhei na oficina o dia todo, era inverno e executei um serviço em que era inevitável não ficar todo engraxado. A noite teria que fazer uma prova; na hora de tomar banho, todo ensaboado, faltou água, terminei de tomar banho no pátio de casa, na calha de chuva (sorte que chovia em abundância na ocasião).

Um outro fato que se converteu em um grande incentivo foi um dia no qual estava com pouco serviço e desanimado quando recebi uma ligação do professor Glauber para comparecer em seu laboratório para conversarmos. Imediatamente, me desloquei, curioso e apreensivo para saber do que se tratava. Chegando lá, ele me fez um convite para participar de um grande projeto no litoral norte do estado: efetuar levantamentos topográficos e mapear a região para a SPU (Secretaria de Patrimônio da União). Foi uma grande experiência profissional, antes mesmo de minha formação já estava executando uma grande missão, proporcionando entusiasmo e satisfação em ter valido a pena tanto esforço.

Ronaldo Joel Cozza

Fé (para finalizar com poesia)

Gabriel Germano Porto

Rio Grande, ano de 2019.

A fé ilumina nosso coração e nos faz enxergar o positivo, mesmo quando parece não existir nada de bom.

Com fé no coração, não há trevas que prevaleçam ou turbulências capazes de nos afastarem do caminho certo.

Ter fé é saber que, apesar de todos os desvios e atrasos, chegaremos ao lugar onde Deus tem nossa felicidade plena guardada.

Ter um sonho não basta, é preciso acreditar que podemos alcançá-lo e transformar essa fé no motor que nos levará até ele.

Talento também precisa de fé, essa certeza inabalável de que, apesar das derrotas, o sucesso acabará chegando.

Que minha coragem seja maior que o meu medo e que minha força seja tão grande quanto a minha fé.

Nenhum obstáculo será tão grande se sua vontade de vencer for maior.

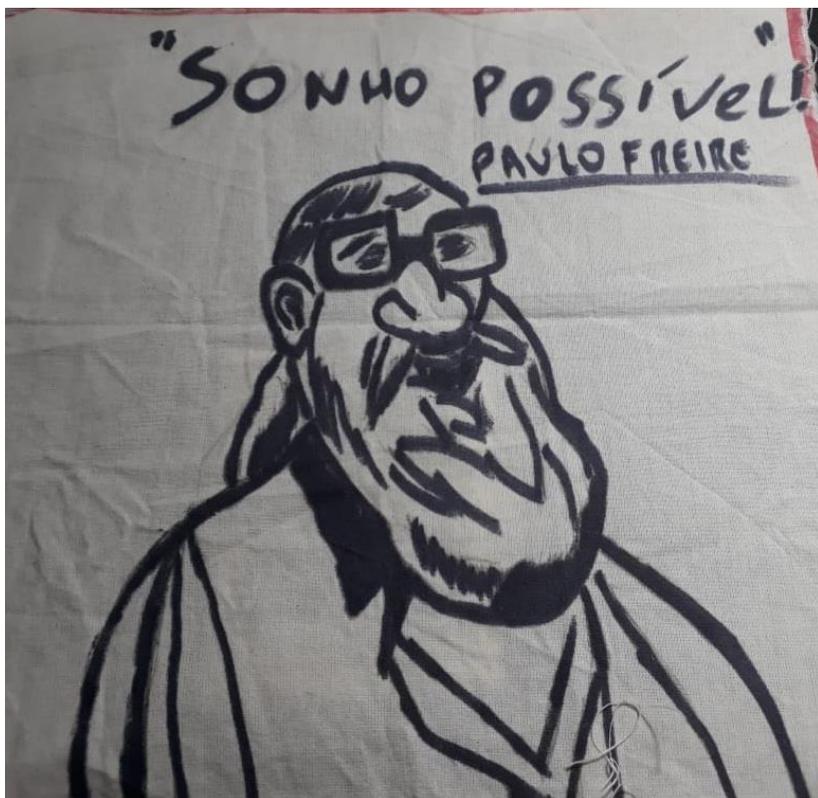
Não coloque limites em seus sonhos. Coloque fé.

A fé transforma choro em sorriso, dor em força, fraqueza em fé e sonhos em realidade.

Você merece o que de mais bonito a vida tem a oferecer, amor e gratidão eterna.

Gabriel Germano Porto

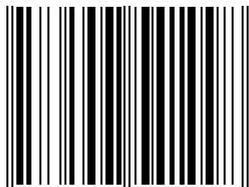
O Sonho Possível



Este retalho compõe a colcha de retalhos, produzida pelos autores e autoras das Cartas Pedagógicas, e que ilustra a capa deste livro. Cada palavra foi tecida como esta colcha: com nossos sentires e pensares, em um movimento coletivo, colorido pela diversidade daqueles e daquelas que se encorajaram e ousaram apresentar suas Primeiras Palavras.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

ISBN 978-65-5754-109-8



9 786557 541098